



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



JOHN JORGE DE SOUSA GOIS

**“EU TENHO HISTÓRIA” – TRABALHANDO HISTÓRIA E MEMÓRIA EM SALA DE
AULA ATRAVÉS DA PESQUISA PESSOAL E FAMILIAR**

ANANINDEUA – PARÁ
2023

JOHN JORGE DE SOUSA GOIS

**“EU TENHO HISTÓRIA” – TRABALHANDO HISTÓRIA E MEMÓRIA EM SALA DE
AULA ATRAVÉS DA PESQUISA PESSOAL E FAMILIAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Ananindeua, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas: produção e difusão.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos.

Ananindeua – Pará

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

G616e Gois, John Jorge de Sousa.
"Eu tenho História" : Trabalhando História e Memória em
sala de aula através da pesquisa pessoal e familiar / John
Jorge de Sousa Gois. — 2023.
136 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Bastos
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional
em Ensino de História, Ananindeua, 2023.

1. Ensino de História . 2. História da Família . 3.
História e Memória . 4. Fontes Históricas . I. Título.

CDD 907



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO DISCENTE

JOHN JORGE DE SOUSA GOIS

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pelo orientador Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos e constituída pelos examinadores Profa. Dra. Elane Cristina Rodrigues Gomes e Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva, reuniu-se no dia 03 de agosto de 2023, às 10:00 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Defesa de Dissertação do mestrando JOHN JORGE DE SOUSA GÓIS intitulada: "EU TENHO HISTÓRIA" – TRABALHANDO HISTÓRIA E MEMÓRIA EM SALA DE AULA ATRAVÉS DA PESQUISA PESSOAL E FAMILIAR." Após a explanação do mestrando e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que o mestrando respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que o mestrando construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi APROVADA, com conceito BOM pela Comissão, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.

Documento assinado digitalmente



CARLOS AUGUSTO DE CASTRO BASTOS
Data: 07/08/2023 11:05:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos
Orientador

Documento assinado digitalmente



ELANE CRISTINA RODRIGUES GOMES
Data: 07/08/2023 21:00:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Elane Cristina Rodrigues Gomes
Membro Externo da Banca / EAUFPA /UFPA

Documento assinado digitalmente



WESLEY GARCIA RIBEIRO SILVA
Data: 08/08/2023 01:09:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva
Membro da Banca / PROFHISTÓRIA /UFPA

Dedico esta Dissertação à minha esposa, à minha filha, à meus pais, minha irmã e aos meus antepassados que saíram de Baturité, Ceará, para a Amazônia no final do século XIX.

AGRADECIMENTOS

Sou muito grato à Deus por ter me permitido prosseguir em meus estudos neste Mestrado que está sendo concluído à base de muita luta, atravessando um momento atípico e conturbado que foi a pandemia causada pela Covid-19, mas que maravilha viver em um tempo em que o avanço tecnológico nos permitiu reunirmos em aulas no ambiente virtual.

Agradeço à Universidade Federal do Pará – Campus Ananindeua, assim como a todo corpo docente e a todos que lhes dão suporte, tornando possível o ProfHistória. Agradeço a minha amada esposa Beatriz Gois pelo apoio incondicional, desde o momento de inscrição no processo seletivo para o Mestrado Profissional e em todas as etapas que se seguiram, sem ela eu não teria conseguido. Minha filha Melanie que está chegando agora, somando à nossa ainda pequena família e já nos traz muita luz e força de vontade. Meu pai, Matias, que sempre me deu todo o apoio e incentivo, minha mãe, Deusa, que não se fez mais presente fisicamente comigo do intervalo da graduação e do mestrado, mas que me fortalece os pés lá de onde ela está, na atual morada de nossos antepassados. Minha irmã Lucy DeWeese que mesmo distante sempre é uma inspiração e trilhou junto comigo os primeiros passos no caminho para conhecer a história da nossa família; seu esposo Benjamin e meus sobrinhos Davi, Elias e Luna, os familiares de minha esposa, meus amigos, pets, meu orientador Carlos Bastos sempre muito paciente e solícito, tia Jovina que me ajudou sempre que possível. Meu muito obrigado a todos!

RESUMO

O presente texto é resultado de um trabalho realizado em uma escola particular da cidade de Belém com uma turma do 6º ano, na qual os alunos foram incentivados a conhecerem a sua história pessoal e familiar e a partir disso produzirem um pequeno livro com a história da sua família, eles também fizeram uma apresentação em formato de Feira onde expuseram o seu aprendizado à comunidade escolar. Esta dissertação visa proporcionar um método de ensino para se trabalhar conceitos importantes à disciplina de História, principalmente o de História e memória. Ainda sobre o campo metodológico, o aluno é colocado em contato com a análise de fontes primárias e secundárias na sala de aula, como as escritas, orais, imagéticas e materiais. Além disso, as atividades desenvolvidas em classe visam também aproximar o aluno à disciplina de História, possibilitando seu maior protagonismo no processo de ensino-aprendizagem, sendo ele ao mesmo tempo tanto o pesquisador como o objeto de pesquisa. Para melhor direcionar o docente, foi criado um planejamento orientador em sequência didática que é o produto deste trabalho. A intenção desta proposta não é esgotar o assunto em questão, mas apontar possibilidades sobre o tema para o 6º Ano do Ensino Fundamental, quando geralmente se inicia os estudos com a disciplina de História. As ideias expostas podem ser adaptadas a outras séries.

Palavras-chave: Ensino de História; História da Família, História e Memória; Fontes Históricas.

ABSTRACT

This text is the result of work carried out in a private school in the city of Belém with a 6th year class, in which students were encouraged to learn about their personal and family history and from this produce a small book with the history of their family, they also made a Fair-style presentation where they exposed their learning to the school community. This dissertation aims to provide a teaching method to work on important concepts in the discipline of History, mainly History and memory. Still on the methodological field, the student is placed in contact with the analysis of primary and secondary sources in the classroom, such as written, oral, imagery and materials. Furthermore, the activities carried out in class also aim to bring the student closer to the subject of History, enabling them to take a greater role in the teaching-learning process, being both the researcher and the object of research at the same time. To better direct the teacher, a guiding plan was created in a didactic sequence, which is the product of this work. The intention of this proposal is not to exhaust the subject in question, but to point out possibilities on the topic for the 6th Year of Elementary School, when studies generally begin with the History subject. The ideas presented can be adapted to other series.

Keywords: History Teaching; Family History, History and Memory; Historical Sources.

RESUMEN

Este texto es resultado del trabajo realizado en una escuela privada de la ciudad de Belém con una promoción de 6º año, en el que se animó a los estudiantes a conocer su historia personal y familiar y a partir de ello elaborar un pequeño libro con la historia de su familia. , además realizaron una presentación estilo Feria donde expusieron sus aprendizajes a la comunidad escolar. Esta tesis tiene como objetivo proporcionar un método de enseñanza para trabajar conceptos importantes en la disciplina de la Historia, principalmente Historia y memoria. Aún en el campo metodológico, el estudiante se pone en contacto con el análisis de fuentes primarias y secundarias en el aula, tales como escritas, orales, imaginerías y materiales. Además, las actividades realizadas en clase también pretenden acercar al estudiante a la asignatura de Historia, permitiéndole asumir un mayor protagonismo en el proceso de enseñanza-aprendizaje, siendo al mismo tiempo investigador y objeto de investigación. Para orientar mejor al docente se creó un plan orientador en una secuencia didáctica, que es producto de este trabajo. La intención de esta propuesta no es agotar el tema en cuestión, sino señalar posibilidades sobre el tema para el 6º Año de Educación Primaria, cuando generalmente se inician los estudios con la asignatura de Historia. Las ideas presentadas se pueden adaptar a otras series.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia; Historia Familiar, Historia y Memoria; Fuentes Históricas.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Citação das fontes históricas feita no livro didático adotado pela escola.....	39
Imagem 02 – Alunos na Roda de conversa.....	63
Imagem 03: Árvore Genealógica completa	71
Imagem 04: Árvore genealógica simplificada.....	71
Imagem 05: Folha de Entrevista realizada por um dos alunos com o seu pai que passou a integrar o seu livro da família.	73
Imagem 06: Texto escrito por uma das alunas sobre a sua história familiar que passou a integrar o seu livro da família.....	78
Imagem 07: Fotografias de um aluno com sua família em 2013 e 2022.	83
Imagem 08: Acervo familiar de um aluno ainda bebê e um pouco maior com o seu irmão.	83
Imagem 09: Aluna em foto recriada com a mãe em 2016 e 2022.....	83
Imagem 10: Aluna em foto recriada em 2012 e 10 anos mais tarde.....	83
Imagem 11: Momentos importantes de um aluno e sua família organizados cronologicamente.....	85
Imagem 12: Prato e talheres de passou por várias pessoas da família de um aluno.....	88
Imagem 13: Celular que pertencia à bisavó de um aluno.....	88
Imagem 14: Garrafa transformado em vaso.....	88
Imagem 15: Máquina fotográfica da família.....	88
Imagem 16: Aluna com o seu livro da família completo.....	90
Imagem 17: Vários livros da família confeccionados pelos alunos	90
Imagem 18: Reunião em grupos em preparação para a Feira da Família.....	94
Imagem 19: Alunos com o seu estande preparado para a apresentação.....	95
Imagem 20: Pais assistindo a apresentação dos alunos.....	95
Imagem 21: Mesa com alguns objetos de família e um livro da família	95
Imagem 22: Alunos assistindo a apresentação de fotos.....	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - MEMÓRIA, HISTÓRIA E FAMÍLIA	16
1.1. Alguns desafios do ensino de história.....	16
1.2. A História, o ensino de História e suas fontes	18
1.3. História e Memória	20
1.4. A(s) Família(s)	24
1.5. O aluno e sua história pessoal e familiar.....	31
2. CAPÍTULO – O PROJETO, SUAS METODOLOGIAS E PLANEJAMENTOS	34
2.1. O Projeto e suas etapas	34
2.2. O uso de fontes nas aulas de História	36
2.3. Feira como metodologia para a aula de História	45
2.4. Sequência didática e Planejamentos.....	46
2.4.1. Aula 1:.....	48
2.4.2.: Aula 2:.....	49
2.4.3.: Aula 3:.....	50
2.4.4.: Aula 4:.....	51
2.4.5.: Aula 5:.....	52
2.4.6.: Aula 6:.....	52
2.4.7.: Aula 7:.....	53
2.4.8.: Aula 8:.....	54
2.4.9.: Aula 9:.....	55
2.4.10.: Aula 10:.....	54
2.4.11.: Aula 11:.....	57
2.4.12.: Aula 12 e 13:.....	58
2.4.13. Aulas 14	58
2.5. Ideias adicionais	59
CAPÍTULO 3 - O PROJETO E SUAS PRÁTICAS	60
3.1. Apresentação do Projeto para o Diretor da escola e para os pais	60
3.2. Roda de Conversa.....	61
3.2.1. O que os alunos entendem sobre história, memória e família	61
3.2.2. Eu, minhas memórias e minha memória sobre o relato de outros.....	62
3.3. As Fontes Históricas	65
3.3.1. Fontes Escritas – Registro Civil de Nascimento	66
3.4. Atividade “Minha História e a Minha história através da minha família	67
.....	

3.5. Segunda roda de Conversa	68
3.6. Árvore Genealógica e Entrevista – História Oral.....	70
3.7. Escrevendo a minha História familiar.....	77
3.8. Minha história nas fotografias – Fontes Imagéticas.....	80
3.9. Os objetos também contam história – As Fontes materiais.....	86
3.10. Montagem do Livro da Família.....	89
3.11. Formação de equipes e Feira de apresentação:	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	99
ANEXOS.....	102

INTRODUÇÃO

O 6º Ano do Ensino fundamental-anos finais se coloca como um grande desafio aos alunos e professores. Para o aluno, adentrar em um espaço escolar diferente do ano anterior, com vários novos professores e disciplinas pode ser assustador, para o professor de História o desafio é receber esses vários alunos e pensar em quais as melhores estratégias para ajudá-los na jornada do conhecimento histórico, por exemplo, aprenderem conceitos básicos e essenciais da disciplina, como História e memória.

Muitas vezes esse aluno chega em sala com uma visão de que a história não diz respeito a ele, mas que trata apenas de um passado distante que narra os fatos da vida de “pessoas importantes”. Como ensinar esse aluno e despertar nele maior interesse pelo aprendizado de História?

Esta dissertação vem propor exatamente isso, um projeto escolar chamado “Eu tenho História” no qual o aluno é o ponto principal, ele não somente recebe o conhecimento, mas participa de sua construção fazendo reflexões e pesquisas sobre a sua própria história e a de sua família. Ele passa a entender que também tem história e que ela começa muito antes de seu nascimento, com sua família, com seus ancestrais e essa história precisa ser conhecida e preservada.

Este trabalho recebeu uma influência de Maria Auxiliadora Schmidt e Tânia Braga discutidos por Marlene Cainelli (2010, p. 19) em “O que se ensina e o que se aprende em História” que ressalta a importância da criança conhecer a sua própria história, propondo atividades divididas nos tópicos “A história que a criança consegue contar”; “A história que a criança consegue ver” e “história que a criança consegue ler” em que, respectivamente, os discentes relatam experiências pessoais, buscam sua história por meio de fotografias e de documentos escritos.

Conhecer a própria história cria laços de pertencimento e valorização, tanto o autorreconhecimento como sujeito histórico como a aproximação à disciplina de História.

O meu interesse pelo tema surgiu há alguns anos a partir de uma conversa com a minha avó que morava no município de Vizeu/Pará. Nessa conversa em que me contava a história de nossa família, ela relatou-me um pouco de sua vida e a de

nossos ancestrais, então afirmou que seus avós, meus trisavós, portanto, eram cearenses da região de Baturité, ou Batrité como ela se referia, e migraram para o Pará no último decênio do século XIX, o motivo era a seca. Ela não sabia muitos detalhes da história porque eles eram ainda pequenos quando a família decidiu migrar, portanto não se lembravam de muitos dos meandros da viagem.

Na época eu era estudante do Ensino Médio e não conhecia muito a respeito do assunto. Comecei então a pesquisar e localizei em um livro algo que falava sobre uma seca no Ceará que provocou um grande fluxo migratório no mesmo período a que se referia minha avó como o início da história de nossa família em terras paraenses. Fiquei fascinado com o fato de que a história que a minha avó contou, que é parte da minha história, estava sendo confirmada nos livros. Meu interesse pelo tema aumentou e quando chegou a hora de escolher um curso superior decidi fazer História.

Por isso, à medida que conhecemos mais acerca de nossas memórias e as sistematizamos através da história, maior se torna nosso interesse pela nossa família e pelo conhecimento, o que aconteceu com a turma em que esse projeto se desenvolveu.

Este texto está dividido em 3 capítulos. O primeiro trata de assuntos relacionados a conhecimentos diversos do saber histórico escolar relativos a esse projeto. O capítulo dois amplia mais o conhecimento acerca do que é trabalhado no projeto “Eu tenho História”, discutindo algumas ideias e explicando um pouco sobre alguns procedimentos metodológicos, incluindo a dimensão propositiva desta dissertação que são os Planos de Aula onde são mostrados alguns caminhos que podem ser trilhados por outros professores a fim de implementarem um projeto como esse em suas aulas. Já o capítulo três conta como foi a experiência prática com os alunos em sala de aula.

A aplicação deste trabalho foi realizada com uma turma do 6º Ano de uma escola particular localizada na periferia de Belém do Pará, o bairro de Val-de-Cães. A escola é uma empresa familiar que funciona há mais de 30 anos, administrada por dois irmãos que passaram à Direção da escola após o falecimento da mãe e proprietária em 2020. A escola possui duas unidades e atende alunos de baixa renda da Educação Infantil ao 9º Ano, com funcionamento apenas pela parte da manhã. A turma do 6º ano, em questão, teve o quantitativo de 26 alunos no ano de 2022 durante a aplicação do projeto “Eu tenho História”, realizado de fevereiro a

Junho e foi um período em que a escola ainda estava no processo de adaptação pós Pandemia do Covid- 19¹, quando adotou o ensino remoto² e depois o híbrido³ tanto que a escola ainda usava máscaras para cobrir o nariz e a boca , mesmo que os órgãos de saúde já houvessem tirado a sua obrigatoriedade para ambientes fechados. Alguns alunos estavam voltando agora às aulas presenciais na escola e estavam ainda com dificuldades no processo de aprendizagem e mesmo de socialização.

¹ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. In: Site do Governo do Brasil – gov.br, disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 20 de Jun. de 2022. _O programa de vacinação contra a Covid-19 é iniciado no Brasil no dia 17 de janeiro de 2021, com grupos prioritários. In: Site Isto É Dinheiro, disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/brasil-aplica-a-primeira-vacina-contr-a-covid-19-apos-aprovacao-da-anvisa/>. Acesso em: 20 de Jun. de 2022.

² Ensino Remoto: É todo conteúdo que é produzido e disponibilizado online, que é acompanhado em tempo real pelo professor que leciona aquela disciplina, sempre seguindo cronogramas adaptáveis do ensino tradicional. Esse tipo de ensino é focado em não se diferenciar muito dos encontros presenciais na escola. Site Rede Jornal Contábil, disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br/o-que-e-ensino-remoto-e-o-seu-papel-fundamental-em-2021/>. Acesso em: 20 de Jun. de 2022.

³ Inglês: Notícias falsas. Notícias falsas ou informações mentirosas que são compartilhadas como se fossem reais e verdadeiras, divulgadas em contextos virtuais, especialmente em redes sociais ou em aplicativos para compartilhamento de mensagens. In: Dicionário On line de Português, disponível em: <https://www.dicio.com.br/fake-news/> . Acesso em: 20 de Jun. de 2022.

CAPÍTULO 1

MEMÓRIA, HISTÓRIA E FAMÍLIA

1.1. Alguns desafios do ensino de história

Grandes desafios se impõem sobre professores e alunos em relação ao ensino-aprendizagem de História, merecendo um olhar ainda mais atento do docente em relação aos alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental, que é o período em que o aluno geralmente tem o seu primeiro contato com este Componente Curricular.

Além das dificuldades próprias desse momento, com a presença de vários professores em sala e maiores exigências, para a disciplina de História se colocam desafios específicos, como o entendimento de conceitos importantes para o conhecimento histórico, como o conceito de História e memória.

A própria questão da pluralidade de significados da palavra “história” já pode trazer um obstáculo, podendo significar uma narrativa verídica ou fictícia, um conto de fadas, por exemplo, lendas e fatos do cotidiano, entre outros. Ainda há a história como conhecimento científico que o discente encontra em sala de aula organizada no livro didático que vai acompanhar os estudos em classe, que orientou os estudos acadêmicos do professor quando se graduou especificamente nessa área de conhecimento, diferentemente do docente nas séries anteriores com formação em Pedagogia.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trazem questões importantes que precisam ser observadas pelo educador. Esses documentos são importantes e norteadores da educação no Brasil. Os PCNs são textos que estão articulados com os propósitos do Plano Nacional de Educação (PNE) do Ministério da Educação (MEC) e trazem uma série de sugestões para guiar os currículos escolares, não sendo um documento impositivo, mas orientador no qual as Secretarias e as unidades escolares poderão se basear para elaborar seus próprios planos de ensino. Já a BNCC é um documento apoiado na lei Lei nº 9.394/1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). A BNCC é um documento que dá as diretrizes do conjunto de aprendizagens que os alunos devem desenvolver ao longo da Educação básica e seus ciclos.

Os documentos afirmam que o discente não chega em sala de aula vazio, ele já teve contato com o conhecimento histórico de alguma maneira através de histórias, livros, filmes, jornais, revistas, músicas, televisão, teatro, memórias de família, entre outros, mas esses conhecimentos e vivências estão fragmentados e tem no professor um papel importante para agregá-los e organizá-los, por meio do diálogo, do debate e da crítica (BRASIL, 1998,p.53), ajudando-os a entenderem o que é a História como ciência, com base em métodos e evidências sérias, o que é ficção e o que é a memória sobre os acontecimentos, que pode ser bastante subjetiva e por vezes distorcida da realidade se contrapondo às pesquisas históricas. Entender melhor como funciona o fazer histórico ajudará o aluno, por exemplo, a melhor separar o conhecimento acadêmico das *fake news*⁴, freando a disseminação desse tipo de desserviço histórico.

Claro, que para alunos do 6º Ano, abordar temas como História e memória pode parecer complexo, devendo ser empregada uma metodologia simples de ser entendida, trazendo elementos que eles já conheçam e que lhes sejam próximos, como a busca pela sua própria história e a de sua família, abordada no Projeto “Eu tenho História”.

Outro desafio do ensino de História hoje é superar a sensação de distanciamento que o aluno pode ter em relação à Disciplina, muitas vezes provocada por aulas que são vias de mão única, em que o professor apenas despeja o conteúdo e pouco estimula a participação e a curiosidade, é o que Circe Bintencourt (2008, p.226-229) chama de métodos tradicionais, termo que muitas vezes pode gerar certa confusão, pois frequentemente é confundido com a aula mais simples, só com o uso de giz, lousa e leitura e que o contrário disso seria a aula que utiliza-se de computadores e outros recursos tecnológicos, entretanto a historiadora alerta que mesmo empregando modernos recursos em sala de aula, ela ainda pode ser tradicional à medida em o aluno seja passivo ao conhecimento, se portando apenas como um receptor dele, o que pode comprometer a sua formação intelectual e espírito crítico, havendo a necessidade de metodologias na qual o aluno seja mais participante no processo de ensino-aprendizagem. A autora destaca que

⁴ Inglês: Notícias falsas. Notícias falsas ou informações mentirosas que são compartilhadas como se fossem reais e verdadeiras, divulgadas em contextos virtuais, especialmente em redes sociais ou em aplicativos para compartilhamento de mensagens. In: Dicionário On line de Português, disponível em: <https://www.dicio.com.br/fake-news/> . Acesso em: 20 de Jun. de 2022.

esse debate ganhou força no Brasil a partir da década de 1980, colocando em questão a aula que exigia apenas que o aluno soubesse “de cor” nomes e datas de personagens ilustres.

Embora possa ter havido mudanças nas aulas de história da década de 80 para a atualidade, até que ponto os alunos assumiram maior protagonismo em sala de aula? Este trabalho visa exatamente isso, trazer propostas em que o aluno é o personagem central, no qual ele vai em busca do conhecimento através de fontes que estão à sua disposição em casa e então realizar uma pesquisa sobre a sua própria história e da sua família e a partir daí estar melhor preparado para avançar sobre o conhecimento de outros tempos e povos.

1.2. A História, o ensino de História e suas fontes:

Sobre esse distanciamento que muitas vezes o componente curricular de História se apresenta em sala de aula ainda hoje, pode estar ligado ao próprio surgimento da História como disciplina no Brasil, ainda em meados do século XIX, logo após a independência em setembro de 1822. Muito influenciada pelo Positivismo (VERENA, 2011,p.163), a disciplina vem para atender a uma demanda elitista de se criar uma genealogia da nação, estando “baseada em uma matriz europeia e a partir de pressupostos eurocêntricos” que “apesar de valorizar a ideia de miscigenação racial, (...) defendia a hierarquização que resultava na ideia da superioridade da raça branca” em detrimento de outras sociedades, tais como as populações indígenas e africanas, além de privilegiar os fatores políticos e econômicos, especialmente ligados ao Estado, como fundamentais a constituição do processo histórico nacional. A História era “apresentada como uma verdade indiscutível e estruturada como um processo contínuo e linear que determinava a vida social no presente.” (BRASIL, 2018 p. 20). Cerri (2017, p.13) indica que a disciplina de História surge em um contexto de uma busca por “identidade nacional nos processos de superação do Antigo Regime”.

A historiadora Marlene Cainelli (2010, p. 21-22) concorda, ela afirma que a história era vista como um instrumento de consolidação do estado nacional, especialmente após a proclamação da república com a instituição da disciplina de História do Brasil nas escolas e que tinha em seu conteúdo predominantemente as ações dos "heróis nacionais", a história pátria e a constituição do povo brasileiro

introduzidas no ensino pelo Colégio Dom Pedro II, do Rio de Janeiro, e pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) que exerciam grande influência na época.

Por essa perspectiva de ensino, a história do Brasil começa com o “descobrimento” pelos portugueses, em 1500, sendo tido como o marco fundador do país, praticamente ignorando os anos em que as mais diversas populações indígenas viveram ali. “Diante dos objetivos em torno de referendar a constituição de uma nação, a história do Brasil institucionalizou-se enquanto conteúdo escolar como uma história basicamente relacionada a questões políticas” tanto do Brasil como da Europa, o que incide diretamente no currículo do professor nas aulas e no livro didático, com a “história dos governos, dos líderes governamentais, das disputas em torno do poder sejam por guerras, revoluções ou revoltas” (CAINELLI, 2010, p. 21-22).

Nesse sentido, o Brasil acompanhava uma tendência internacional referenciada pela Historiadora Maria de Lourdes Janotti (2011, p. 10-13) que chama atenção para a História e suas fontes, que também têm uma história que variam no tempo e no espaço, relacionadas à sua época, à trajetória dos historiadores e das demandas da sociedade. A história se firma como disciplina acadêmica em meados do século XIX, sendo estabelecidos métodos "cientificistas rígidos orientadores da crítica interna e externa das fontes escritas, arqueológicas e artísticas, priorizando investigações sobre a importância da autenticidade documental", sendo as fontes escritas as mais buscadas e valorizadas pelos pesquisadores até meados do século XX.

Os estudos historiográficos focados principalmente na questão política, sob a influência do liberalismo econômico e do materialismo dialético, defendido por Karl Marx, que vem trazendo discussões sobre as lutas de classe, em sua oposição ao liberalismo, as pesquisas históricas se voltam também para as atividades econômicas e sociais, superando "a política na preferência dos historiadores que investigaram as estruturas básicas sobre as quais a política se assentava". Ainda no século XIX, historiadores buscaram salientar que a explicação histórica deve também recorrer a outras disciplinas, como a geografia humana, por exemplo, linha denominada de síntese histórica, que pretendia construir uma história da totalidade, tendo Heri Berr como principal autor (JANOTTI, 2011, p. 10-13).

Influenciados por acontecimentos que marcaram o fim do século XIX e início do século XX, como o movimento operário e a revolução de 1917, historiadores

franceses ligadas a revista *Annales d'histoire économique et sociale*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, tiveram um papel muito importante no modo como se faz história e em sua relação com os objetos de análises do historiador. Tanto os temas como as fontes históricas foram revistas e se contrapondo a historiografia política tradicional, "todas as atividades humanas deveriam ser consideradas com a mesma importância" (JANOTTI, 2011, p. 10-13).

E aqueles estudos de cunho político e econômico deram lugar para os mais variados temas como "o clima, o inconsciente, o mito, o cotidiano, as mentalidades, a língua: linguística e história, jovens e crianças, saúde, doenças" entre outros, sendo as fontes documentais um leque de possibilidades, como mapas meteorológicos, cartas sobre catástrofes climáticas do passado, diários, romances, o discurso mítico, culto de santos, caricaturas de jornais, fotografias, ilustrações, receituários, lista de compras, cores de programas de festas públicas e particulares, filmes, letreiros, cardápios de hospitais, fantasias, comemorações nacionais, biografias e muito mais. (JANOTTI, 2011, p. 10-13).

No ensino de História no Brasil essas questões internacionais refletidas em mudanças sentidas em meados do século XX, com uma Nova visão sobre os conteúdos de história e nos objetos de estudo desta área de conhecimento, introduz temas "como mulheres, crianças, religiosidades e porque não dizer temas relacionados à própria estrutura do conhecimento histórico como fontes, documentos, temporalidade começam a fazer parte dos conteúdos." (CAINELLI, 2010, p. 22).

O campo historiográfico e o ensino da disciplina de História ganham novos contornos e possibilitaram uma reflexão mais ampla sobre temas como História e memória, assim como abriu espaço para o entendimento de que pessoas comuns também têm história, até mesmo um aluno do 6º ano, de 11 ou 12 anos e que essa história pessoal e familiar merece ser pesquisada e conhecida, podendo, até mesmo, ser levada para a sala de aula.

1.3. História e Memória

O entendimento sobre o que é História e memória é de grande importância para o trabalho historiográfico e também para o saber escolar.

Marc Bloch (2001, p. 51-52) afirma que "História é a ciência dos homens no tempo", ou seja, ela não tem por base os mitos e achismos, mas é uma ciência, e o

que ela estuda? O passado? Não, o que para ele seria uma ideia absurda, mas a humanidade e suas relações entre si ao longo do tempo.

Sendo uma ciência ela é um tipo de conhecimento que está sujeito a “a verificação, através de metodologias, pesquisa documental [e] construção de evidências” (AZEVEDO; MATTOS, 2017, p. 117). Essas evidências são conhecidas como Fontes que serão melhor abordadas no capítulo 2 deste trabalho. A História, portanto, não é um conhecimento aleatório e desorganizado, sem critério, ela, assim como as outras ciências, possui seus métodos e análise crítica às fontes. Ela dialoga com o presente, buscando responder às indagações do historiador com suas preocupações contemporâneas a ele.

Tomando por referência a definição de História para March Bloch, Azevedo e Mattos(AZEVEDO; MATTOS, 2017, p. 117) afirmam que é dever do historiador buscar os vestígios dos homens no passado para poder entendê-lo, seja a respeito de um tempo distante ou recente, através da narrativa histórica, além disso, essas experiências estão sujeitas a interpretação do historiador, que vai dando sentido a elas, sempre do presente para o passado. Para as autoras, "o ato de fazer história localiza-se no presente, onde ela é pensada e elaborada". Além disso, entender as dinâmicas do tempo não diz respeito a apenas conhecer a história, mas também serve para o indivíduo situar-se, entendendo-se como sujeito histórico, capaz de melhor atuar sobre a sua própria realidade.

Em relação a História, Delgado pontua que ela é:

- produção intelectual do saber;
- práxis interpretativa da realidade;
- reflexão sobre si mesma;
- área de conhecimento sujeita a verificação, através de metodologias, pesquisa documental, construção de evidências;
- espaço institucional do saber;
- produto social, caracterizado pela crítica sobre si mesmo;
- conjunto organizado de produção de memórias;
- narrativas que se contrapõem ao efêmero.

(DELGADO, 2002, p.20).

Sobre a memória, muitas vezes confundida pelo senso comum como sendo o mesmo que lembrança, o Dicionário de conceitos históricos para defini-la cita Jacques Le Goff que afirma ser a memória a “propriedade de conservar certas informações”, ela “se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou [que são]

reinterpretadas como passadas.” Ela tem sido estudada por várias áreas do conhecimento ao longo dos anos, mas pelo campo historiográfico somente a partir da década de 1970 com a Nova História (SILVA; SILVA, 2009, p. 275).

Sua etimologia de origem latina parte da junção de *me* e *mores*, onde o primeiro significa manter, preservar, e segundo significa costume, ou seja, a palavra memória refere-se ao ato de preservar as experiências e de manter os costumes. Por isso para Olivindo (2017, p. 2) ela é uma das principais características humanas, pois se faz presente tanto no indivíduo como na base da civilização, sendo “possível de identificá-la nas lembranças pessoais, na oralidade, nos lugares, nos símbolos, nas comemorações, nos calendários, nos documentos, nos monumentos e etc” e por conter traços do passado torna-se uma ferramenta importante para os historiadores, inclusive para o professor de História.

Mas um ponto importante a ressaltar entre memória e História é que a primeira não procura uma base científica, tornando-se subjetiva e “sua reflexão perpassa aspectos como consciência, inconsciência, seleção, repressão e manipulação.” (OLIVINDO, 2017, p.3). Santiago e Magalhães(2015) frisam que a memória passa pelo filtro de cada indivíduo que por sua vez possuem uma narrativa própria sobre um determinado fato, “filtrados e reelaborados conforme as circunstâncias do presente”, influenciada pelo “nosso estado emocional, a fase de nossa vida, a interação com outras pessoas, a presença de elementos que despertam sensações” como sons cheiros e imagens, por isso que “são construções sobre os fatos vividos, e não o próprio fato”, é apenas uma versão do acontecimento relacionada ao presente, respondendo as demandas do indivíduo naquele momento em que essas lembranças são rememoradas.

Sobre o assunto os autores confirmam que filtros são ativados porque a memória humana, referindo-se aí às várias conexões cerebrais que formam a memória de uma pessoa, não funciona como um arquivo no qual os fatos são registrados e guardados para serem acessados quando se desejar e de maneira inalterada, como na memória de um computador; quando o indivíduo recorda, suas lembranças não são acessadas em sua integralidade, além de que, como já dito, elas estão permeadas pela subjetividade, havendo um esquecimento dos fatos, ou de parte deles, seja pelas próprias limitações cerebrais ou deixadas de lado propositalmente por alguma experiência traumática e até por manipulação dessa memória para que a mesma se enquadre na narrativa que o indivíduo deseja que

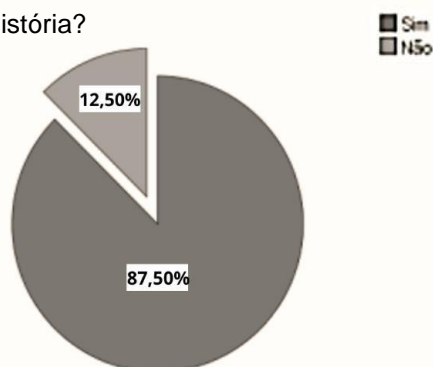
prevaleça, selecionando e descartando a que não for interessante.

Ela não é apenas individual, mas também pode ser coletiva quando “ela é composta pelos fatos lembrados em comunhão com o grupo e sobrevive enquanto houver pessoas que a mantenham. Para existir, ela precisa ser alimentada (SANTIAGO; MAGALHÃES, 2015, p.37). Esse processo pode ser espontâneo ou intencional, evidenciado nos inúmeros espaços de memória construídos, como nos museus, por exemplo, e por movimentos sociais que buscam auto afirmar-se em uma tentativa de resistência. (ALMEIDA; MIRANDA, 2012, p. 259-283).

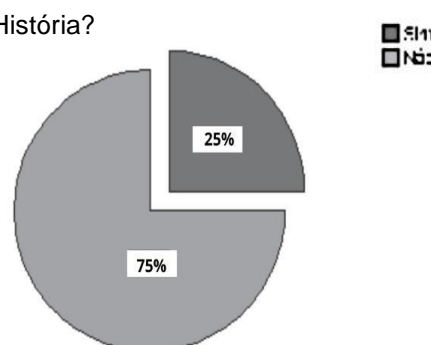
Para Lucília Delgado (2002, p.14), a relação da memória e a história contribuem para "evitar que o ser humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas que mesmo sendo identidades sempre em curso (...) são esteios fundamentais do autorreconhecimento do homem como sujeito de sua história". A busca por esses referenciais dentro da história familiar fortalece essa noção de pertencimento a um grupo e comunidade.

Sobre a presença da temática conceitual de História e memória nos livros didáticos – segundo estudos divulgados por Fabiana Almeida e Sônia Regina Miranda (2012, p. 259-283) no artigo “Memória e História em livros didáticos de História: o PNLD em perspectiva” – são pouco frequentes, especialmente a segunda, geralmente secundarizada em relação a primeira. Foram analisadas 16 coleções didáticas de História que foram inscritas e aprovadas pela avaliação do PNLD no ano de 2011, somando o total de 64 livros do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental e neles consta que 87,50% aparecem o conceito de História, porém apenas 25%, o de memória, como mostrado nos gráficos a seguir:

O Conceito de História é tematizado nos livros de História?



O Conceito de Memória é tematizado nos livros de História?



Fonte: ALMEIDA, Fabiana Rodrigues de; MIRANDA, 2012, p. 272-273.

Para as autoras isso é problemático haja vista que muitos dos professores

em todo o país partem apenas desse suporte como material escolar didático. Zabala (1998, p. 167) expressa a mesma preocupação, pois, segundo ele, “uma olhada, mesmo superficial, permite que nos demos conta de que os materiais curriculares chegam a configurar, e muitas vezes a ditar, a atividade dos professores”, havendo a necessidade de reformulações e adaptações do docente frente a esta situação.

Observa-se que mesmo que nos livros conceito de História e/ou memória sejam trabalhados não significa que os procedimentos no decorrer do livro darão o mesmo destaque. Isso também acontece com o livro do professor que no caso da memória, embora apareça em algumas das coleções, não corresponde ao mesmo nas partes essenciais do livro do aluno. Somado a isso, as temáticas em questão geralmente não tem continuidade no decorrer do aprendizado nas outras séries.

Na coleção Trilhas (2018, 1ª Edição), adotada pela escola onde o trabalho prático desta dissertação foi realizado, não conceitua História e memória, embora trabalhe com a temática de história e poucas atividades relacionadas à memória. Reforçando a necessidade da aplicação de ações como as do projeto “Eu tenho História”.

1.4. A(s) Família(s)

Sobre a questão da família, ou melhor, famílias, os estudos sobre o tema vêm de uma escala ascendente nas últimas décadas, principalmente pelo viés da Demografia Histórica que acabou abrindo caminho para outras perspectivas familiares, enriquecida pelo diálogo com a Antropologia e a Sociologia. Além disso, esses estudos beneficiaram-se da proposta de redução de escalas advinda da micro-história em que se busca evidenciar o comportamento dos atores históricos, o que melhor permitiu discutir acerca das estratégias e das redes sociais das famílias. (SCOTT, 2014, p. 13-14).

Na sala de aula o estudo sobre a família também pode ser muito produtivo, pois conhecer as origens é um bom passo para se entender conceitos históricos como memória e história, proposta deste trabalho, pois a família é o primeiro grupo onde a criança está inserida, envolvida por memórias e vários documentos passíveis de serem analisados.

O Dicionário Houaiss traz o seguinte conceito de família: “Núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantém entre si, uma relação solidária”.⁵

Vale uma observação a respeito do que se entende como família, pois não há uma concordância quanto ao seu conceito. Este trabalho, no entanto, considera tanto à família biológica como a afetiva e esta discussão conceitual pode ser, inclusive, levada para a classe e ampliada pelo professor à luz da historiografia.

Para Júlio Alves (2014, p.9-10) as diferentes definições de família se atribuem principalmente ao fato de que esse conceito está relacionado aos valores sociais e que estes variam no decorrer do tempo e não são iguais a todas as pessoas e sociedades. Citando Luiz Gonzaga de Mello, Alves afirma que família “pode significar grupos compostos de pais e filhos, uma linhagem patrilinear, bem como um grupo cognático ou um grupo de parentes e seus descendentes que vivem juntos”.

Para Sebastião Roque (1994, p.15), a família caracteriza-se por ser uma sociedade restrita, binária, formada por marido e mulher. O que depois aumenta com o nascimento dos filhos e estes por sua vez contraem matrimônio, mas não rompem os laços familiares com seus genitores e sim aumentam mais o grupo familiar. O autor em conclui que:

[...] a família é uma sociedade natural, formada por pessoas físicas, unidas por laços de sangue ou de afinidades. Os laços de sangue resultam da descendência, ou seja, de pai para filho. A como afinidade se dá com as pessoas estranhas que se agregam à sociedade familiar pelo casamento, como os cônjuges. Nota-se um importante fator na família, de ser uma sociedade natural e, por isso, preexistente ao direito que a regulamenta, (ROQUE, 1994, p.15).

A família recebe o amparo legal do Estado, pois o Direito brasileiro atual diz que:

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 1º O casamento é civil e gratuito a celebração. (...)

§ 3º Para efeito de proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

⁵ Dicionário Houaiss. Família. Disponível em:

https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1

§ 4º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.(...)

§ 6º Os, filhos, havidos ou não da relação.

(BRASIL, Constituição (1989), Cap.VII. Da Família, Art.226.).

Percebe-se que a legislação acima citada especifica três tipos de formação familiar, isto é, aquela formada a partir do casamento, da união estável e a monoparental.

A família monoparental é bem visível na nossa sociedade, e que segundo Adelaide Silva (2017), as pesquisas do IBGE de 2004 demonstram que no ano de 2003 o percentual de famílias monoparentais chefiadas por mulheres era de 95,2%, enquanto que as chefiadas por homens o percentual cai para apenas 4,6%. As famílias monoparentais em sua maioria são compostas pela mãe e pelos filhos.

Entretanto, esse tipo de família também pode ser formado por um parente sem ser um dos pais e até mesmo diante de uma adoção, isso é, quando o adotante é solteiro(a), conforme a autora esclarece abaixo:

[...] a monoparentalidade tem origem na viuvez quando da morte de um dos genitores, ou na separação ou no divórcio dos pais. A adoção por pessoa solteira também faz surgir um vínculo monoparental entre adotante e adotado. A inseminação artificial por mulher solteira ou a fecundação homóloga após a morte do marido são outros exemplos. A entidade familiar chefiada por algum parente que não um dos genitores, igualmente, constitui vínculo uniparental. Mesmo as estruturas de convívio constituídas por quem não seja parente, mas com crianças ou adolescentes sob sua guarda, podem receber a mesma denominação. Para se configurar uma família como monoparental, basta haver diferença de gerações entre um de seus membros e os demais desde que não haja relacionamento sexual entre eles. [...]. (SILVA, 2017, p.13).

Cabe aqui ressaltar que conforme as transformações sociais pelas quais a humanidade passou, a concepção de sociedade familiar também sofre mudanças e que estas nem sempre são contempladas pela lei.

Verifica-se que vários movimentos sociais reclamaram por direitos ao reconhecimento de novos modelos de famílias e que o docente precisa conhecê-las por ser a realidade social contemporânea, a fim que nenhuma criança se sinta excluída em sala de aula caso se encontre em um arranjo familiar diferenciado do que é mais comum, afinal, independente do modelo familiar todos os alunos têm

histórias de família.

Um tipo de família que causa muito debate no Brasil na atualidade é a formada entre pessoas do mesmo gênero. Sobre o assunto Viviane Ferreira destaca que

em 2011, o Supremo Tribunal Federal reconheceu a união estável homoafetiva. A partir desta decisão, o Conselho Nacional de Justiça regulamentou, em 2013, a habilitação, a celebração de casamento civil e a conversão de união estável em casamento entre pessoas do mesmo gênero, o que resultou, na prática, no reconhecimento do casamento homoafetivo no Brasil. (FERREIRA, 2023)

Apesar disso, a autora destaca que a família homoafetiva ainda não possui o real amparo legal, pois não foi promulgada pelo Congresso Nacional uma lei ou emenda constitucional sobre o tema, ficando essa união à cargo de uma decisão judicial.

Adelaide Silva (2017, p. 16) explica que há os tipos de família previstas em lei e outras que não estão, são as chamadas famílias culturais que não tem nenhuma proteção legal específica, ou seja, não possuem proteção na Constituição Federal de 1988, nem no Código Civil de 2002, nem possuem um código ou estatuto específico. Em suas pesquisas sobre as famílias culturais, ela destaca as poliafetivas; mosaico, pluriparental ou reconstituídas; paralela ou simultânea; anaparental e família eudemonista.

Leonardo Petró de Oliveira (2017) explica alguns desses diferentes termos de configurações familiares:

Família Matrimonial: formada pelo casamento.

Família Informal: formada pela união estável.

Família Monoparental: qualquer um dos pais com seu filho (ex.: mãe solteira e seu filho).

Família Anaparental: Sem pais, formadas apenas pelos irmãos.

Família Reconstituída: Pais separados, com filhos, que começam a viver com outro também com filhos.

Família Unipessoal: Apenas uma pessoa, como uma viúva, por exemplo.

Família Paralela: O indivíduo mantém duas relações ao mesmo tempo, por exemplo, casado que também possui uma união estável.

Família Eudemonista: formada unicamente pelo afeto e solidariedade de um indivíduo com o outro, buscando principalmente a felicidade.

(OLIVEIRA,, 2017)

A família poliafetiva é formada consensualmente por, no mínimo, três pessoas que se relacionam e constroem apenas um núcleo familiar e todos os integrantes residem na mesma casa, o que para Silva (2017, p. 8), esse tipo de família e a paralela não encontram amparo legal e se configuram como bigamia, a

autora afirma que “a expressão poliafeto é um engodo, um estelionato jurídico, na medida em que, por meio de sua utilização, procura-se validar relacionamentos com formação poligâmica”, que é considerado crime no Brasil com pena de dois a seis anos de reclusão⁶.

As questões legais relacionadas ao Direito familiar não serão aqui aprofundada por não ser o objeto deste estudo. Não obstante, ressalta-se haver a necessidade de que o docente, assim como toda a comunidade escolar, seja sensível às diferentes origens familiares dos alunos e que todos promovam uma atmosfera de acolhimento e respeito.

Em relação a formação familiar no passado, quando se estuda as antigas civilizações, percebe-se que as famílias eram formadas sob o domínio de um patriarca. No patriarcado, a liderança era exclusiva masculina. Assim como na organização social tribal em que havia também os laços de parentesco consanguíneo.

Nessa configuração de grupo familiar, cada membro assumia obrigações morais entre si e estavam todas sob a liderança do ancestral comum. Nesta formação a figura masculina era o símbolo da entidade social.[...] dando origem as primeiras sociedades humanas organizadas.
(SILVA, 2017, p.3).

Fato também notório na formação do povo grego, que de acordo com o historiador Osvaldo Souza (1974), a origem das Cidades-Estado na Grécia Antiga decorreu de famílias patriarcais, denominadas clãs patriarcais ou genos. As famílias possuíam um antepassado comum.

Nos primeiros tempos, a base da sociedade grega eram os *clãs patriarcais ou genos*, formados por várias famílias que possuíam antepassado comum. A reunião de genos formava uma *frataria* (fraternidade) um conjunto de *frataria* dava origem a uma tribo. Com desenvolvimento das tribos surgiu o *Demos*, isto é, o povo[...]
(SOUZA, 1974, p.79).

Na Roma Antiga, segundo o mesmo autor (SOUZA, 1974, p.109), a organização social familiar também era patriarcal, o pai enquanto chefe da família tinha o poder absoluto sobre todos os membros desta. “Podia rejeitar os recém-nascidos e castigar seus subordinados. [...] a mulher cuidava dos filhos, tecia e raramente saía de casa. Casava-se cedo”.

⁶ Artigo 235 do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 do Código Penal.

A historiografia comprova a contribuição cultural Greco-Romana para a civilização ocidental que até em nossos dias são notáveis, como na Política e no Direito. Com o transcorrer das épocas históricas e a adoção do Direito por parte do Estado, a instituição familiar ganhou maiores condições de igualdade entre o homem e a mulher no que tange à responsabilidade sobre a prole.

A estrutura familiar patriarcal também é destacada pela historiografia para o caso Brasileiro, segundo a historiadora Ana Silvia Volpi Scott (2014, p.17-35). Ela observa que embora o *boom* de produções acadêmicas sobre história da família tenha ocorrido a partir da década de 1980 em estudos com grande ênfase na demografia, contribuições relevantes sobre o tema vêm tendo atenção desde as primeiras décadas do século XX.

A autora cita Oliveira Vianna (1973) com sua obra “Populações Meridionais” em que se utiliza a noção de clã parental para entender a família senhorial e a formação da sociedade brasileira, profundamente ligada ao patriarcalismo e ao escravismo.

Gilberto Freyre também é referenciado com sua obra clássica “Casa Grande & Sensala” (1933) que

colocou a família no centro do debate, pois era considerada a base da estruturação da sociedade colonial. Na sua perspectiva era a família e não o indivíduo ou o Estado, o verdadeiro fator colonizador do Brasil, exercendo a justiça, controlando a política, produzindo riquezas, ampliando territórios e imprimindo o ritmo da vida religiosa.
(SCOTT, 2014, p. 18)

Para Caio Prado Junior, a família colonial era patriarcal e marcada por instabilidade, sendo por ele considerada muitas vezes desregrada e até mesmo, promíscua, seu livro “Formação do Brasil Contemporâneo”, trás algumas de suas reflexões a respeito.

Scott ainda destaca Sergio Buarque de Holanda com “Raízes do Brasil” (1977) em que ele aponta “a importância do *pater-familias* na empresa colonial, sublinhando que a família patriarcal e latifundiária, não pretendia formar cidadãos, e sim, parentes, propiciando a invasão do público pelo privado”(SCOTT, 2014, p. 19).

Somado a isso, há avanços nos estudos da família nas décadas de 1950 e 1960, mas foi na década de 1970 que se ganha mais fôlego com maior diversificação de temas como estudos sobre a mulher, a criança, casamento, concubinato, transmissão de fortunas, entre outros. A família negra ganha maior

referência a partir dos anos de 1980, isso se deve em grande parte às comemorações do centenário da assinatura da Lei Áurea no final dessa década, enriquecido pelos debates nos anos seguintes da década de 1990, dando voz a outros sujeitos que antes eram pouco lembrados pela historiografia que ainda muito priorizava os senhores de engenho e outras famílias ricas, no contexto brasileiro.

Ainda sobre o Brasil Colônia, a família seguia as regras das leis portuguesas, assim como na época do Império. Com o advento da Constituição de 1824 se legitimou o casamento religioso e “estabeleceu a religião católica como a oficial, significando dizer que o casamento válido era aquele realizado pela autoridade católica”. (SILVA, 2017).

Alzira Campos (2003, p.20, 21,65) afirma que se buscou reproduzir no Brasil um modelo de família cristã idealizado na metrópole, assim como as suas implicações sociais, como o *status* de cada um perante a sociedade, as transações políticas e econômicas decorrentes dos laços parentais, sendo o casamento um meio muito utilizado para a ascensão social. Entretanto, para o caso do Brasil e da América Latina de modo geral, vale ressaltar

que as taxas de ilegitimidade apresentavam altos percentuais e que proporções significativas de domicílios eram chefiados por mulheres. Por isso, a historiografia sobre a família na América Latina, desde inícios da década de 1990, vem reforçando a especificidade da sociedade colonial que se construiu nos territórios americanos dominados pelas coroas ibéricas (GONZALBO AIZPURU, 1991; MCCA, 1991; MARCÍLIO, 1993). O mundo que se forjou na América sob o domínio ibérico, profundamente heterogêneo e miscigenado, punha em evidência suas diferenças em relação aos padrões familiares propostos com base nos estudos sobre as sociedades do Noroeste Europeu. (SCOTT, 2014, p. 21)

Contudo é inegável a influência cristã na visão do ideal de casamento e para se entender laços familiares fora do casamento formal, como a concubinação, que era tido como imoral, sendo largamente negligenciado pela lei e, associado também aos indivíduos mais pobres, servos e escravizados (CAMPOS, 2003)

Dessa maneira, perante o Estado só era reconhecido o modelo familiar originado a partir do casamento oficializado por uma autoridade eclesiástica católica. Contudo, mais tarde essa situação mudou quando foi instituído o casamento civil.

Na época do II Império já se cogitava legislação para regularizar o registro de casamento civil [...] e, finalmente, a aprovação do Decreto nº 181, de 24 de janeiro de 1890 que instituiu o casamento civil, confirmado pela Constituição Republicana de 1891, (...) Quando o ato religioso não ocorria anteriormente,

ou mesmo, logo após a cerimônia Civil; ou ainda, quando os noivos viviam em concubinato; e, logoapós algum tempo casavam-se religiosamente” (CANCELA, 2011, p.151, 155).

A Igreja e o Estado instituíram regras acerca de formação familiar, inclusive a Igreja Católica contestava a relação matrimonial realizada apenas no ato civil, e que segundo a historiadora, os padres colocavam observações nas próprias certidões de casamento, tais notificações repreensiva aos noivos que se casavam primeiramente no civil, pois, para os párocos, o casamento verdadeiro era o realizado pela Igreja.

1.5. O aluno e sua história pessoal e familiar

Conhecer sobre a história de outras famílias, seus comportamentos e conceitos históricos importantes faz mais sentido depois que o aluno busca conhecer sua própria história, o que fará na prática a partir do projeto “Eu tenho história”.

Nesta tarefa o aluno busca, primeiramente, refletir sobre a sua própria trajetória e buscando documentos como os oficiais produzidos pelo governo (a certidão de nascimento, por exemplo), fotografias etc. Depois busca conhecer fatos que estão fora do seu campo de lembranças, procurando outros documentos e ficando em contato com outras pessoas da família para acessarem essas memórias sobre a sua própria vida, como dos momentos que antecedem o seu nascimento. Ele ampliará o seu objeto de pesquisa, buscando saber mais sobre a sua história, não apenas como sujeito individual, mas conhecendo mais sobre a sua família, em especial os seus antepassados.

O aluno é orientado pelo professor a reunir essas informações e aprender algumas das tarefas de um historiador, entendendo melhor a construção histórica com base em pesquisa e não simplesmente elaborada por alguém como são os contos de fadas, além disso, ele vai se aproximar mais da disciplina de História, sendo ativo na produção desse conhecimento e irá compreender que a História não diz respeito somente a pessoas tidas como socialmente importantes em um passado remoto, mas que ele mesmo – independente de seus *status*, classe social, etnia, idade ou gênero – faz parte dela, todos têm história!

O trabalho culmina com a reunião dos trabalhos ao longo do projeto que integrarão o livro da família do aluno e por fim, a turma apresenta seus aprendizados

em uma espécie de feira à comunidade escolar, evidenciando que a História não está relacionada unicamente a um passado remoto e a pessoas que não se conhecem, mas que é viva e diz respeito a todos os indivíduos e os alunos precisam aprender isso, pois como afirma Marlene Cainelli

O ensino da história precisa se relacionar com os sujeitos que aprendem começando pela tarefa de ensinar aos alunos a sua história e seu papel enquanto sujeitos históricos, (...) [utilizando métodos que se dedicam] a estudar a vida da criança e seu entorno.
(CAINELLI, 2010, p. 19).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998, p. 43) apoiam essa questão. Em relação ao Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental na área de História, onde está situado o 6º ano, ao apresentar em seus objetivos gerais, o documento afirma que os alunos devem ser capazes de “identificar relações sociais no seu próprio grupo de convívio, na localidade, na região e no país, e outras manifestações estabelecidas em outros tempos e espaços”, além de “compreender que as histórias individuais são partes integrantes de histórias coletivas”. Qual ponto de partida seria melhor do que identificar essas relações do que em si mesmo e no seu primeiro grupo de convívio social que é a família?

Esta visão é apoiada pela BNCC. Ao tratar da disciplina de História, o documento afirma que

O exercício do “fazer história”, de indagar, é marcado, inicialmente, pela constituição de um sujeito. Em seguida, amplia-se para o conhecimento de um “Outro”, às vezes semelhante, muitas vezes diferente. Depois, alarga-se ainda mais em direção a outros povos, com seus usos e costumes específicos. Por fim, parte-se para o mundo, sempre em movimento e transformação. Em meio a inúmeras combinações dessas variáveis – do Eu, do Outro e do Nós –, inseridas em tempos e espaços específicos, indivíduos produzem saberes que os tornam mais aptos para enfrentar situações marcadas pelo conflito ou pela conciliação.
(BRASIL, 2018, p. 397-398)

O documento reafirma isso na sessão 4.4.2.1. História no Ensino Fundamental – Anos Iniciais: Unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades, dizendo que o aluno nos anos iniciais do primeiro ao quinto ano trabalha diferentes habilidades com diferentes graus de complexidade, tendo como principal objetivo o reconhecimento do “eu” e do “outro” e do “nós”. Há, nisso uma gradação ampliando a escala e de percepção, buscando, de início, o conhecimento de si, das

referências imediatas do círculo pessoal (BRASIL, 2018, p. 404).

Na sessão seguinte, sessão 4.4.2.2., afirma que no sexto ano devem ser recuperados aspectos de aprendizagem do ensino fundamental dos anos iniciais e a partir daí serem discutidos procedimentos próprios da disciplina de História, quando a busca do conhecimento do "eu" e do "outro" é ampliado para a busca do conhecimento sobre a história de outros povos e do mundo tendo em seu conteúdo programático o estudo da pré-história e da antiguidade clássica, conhecendo um pouco da história da Grécia, Roma, Atenas e Esparta, pulando temporalmente para a Idade Média europeia e a organização cultural e social de algumas das principais sociedades africanas (BRASIL, 2018, p. 398, 417, 420,421).

Aqui cabe um parêntese com relação aos conteúdos ministrados em sala, a ênfase dada a esse passado temporalmente tão distante tratado nessa fase inicial dos anos finais do Ensino Fundamental, pode dar a impressão no aluno, como já mencionado, que a disciplina se refere unicamente a essa temporalidade remota, que não lhe diz respeito, que não se relaciona a sua vida, nem à sociedade contemporânea. Além de buscar relacionar esse conjunto de conhecimentos tratados nesse período à vida atual, quando possível, com todo o cuidado para não incorrer em anacronismos, a proposta desse trabalho é justamente retomar brevemente os objetivos de História nos anos iniciais, de buscar esse conhecimento do "eu" e do "outro" e ampliá-lo para as demais sociedades, agora, diferentemente de quando viu nos anos iniciais, através do olhar do conhecimento histórico e por meio de conceitos próprios dessa ciência. Tratar da pré-história e da antiguidade clássica sem dúvida é importante, mas e quanto às histórias e memórias do próprio aluno? Não seria adequado começar os estudos históricos a partir do que o aluno conhece ou que está próximo a ele, neste caso a história dele mesmo e do grupo social em que ele está inserido e já conhece, a sua família? Ajudando-o a enxergar-se como participante do processo histórico.

Os PCNs também reforçam essa ideia ao tratarem dos objetivos do Ensino Fundamental, apontando a necessidade do aluno, nesta etapa, desenvolver o "conhecimento ajustado de si mesmo" e aprender "utilizar diferentes fontes de informação (...) para adquirir e construir conhecimentos" (BRASIL, 1998).

A pesquisa de história da família permite ao aluno fazer essas conexões, com a ajuda do professor.

CAPÍTULO 2

O PROJETO, SUAS METODOLOGIAS E PLANEJAMENTOS

2.1. O Projeto e suas Etapas

Como já dito, a aplicação deste trabalho na escola foi um grande desafio, havendo a necessidade de um bom planejamento para guiar a sua execução com vistas ao seu objetivo de ajudar os alunos do 6º Ano a compreenderem melhor o conhecimento histórico, trabalhando conceitos como história e memória, os objetivos principais, além de outros que não são o foco principal, mas que também estão contemplados, como a compreensão de temporalidade. Para isso o alunado foi estimulado a buscar conhecer e sistematizar um pouco da sua história pessoal e familiar, sendo promovidas várias conversas e atividades em classe e para casa que culminaram na confecção de seu Livro da Família e em uma Feira na qual eles, além de apresentarem o seu Livro, também iriam discorrer sobre os aprendizados adquiridos ao longo das aulas. Para dar ainda mais estímulo aos alunos, foi atribuída uma pontuação no campo de “Avaliação contínua” que é adotado pela escola no processo de avaliação bimestral.

O projeto foi intitulado “Eu tenho história”, justamente para reforçar a ideia de que cada aluno tem história, contrapondo-se a visão ultrapassada de que a história seria restrita a um grupo seleto de “grandes homens”, mas que o aluno veja que ele tem uma trajetória de vida importante que merece ser sistematizada e divulgada, não apenas em um livro ou uma feira, mas que lhes seja um ponto de partida para maior empoderamento, valorização de suas raízes e que esse seja também um início muito positivo dos anos finais do Ensino Fundamental, que pavimente bem essa caminhada, dando passe para saberes históricos mais avançados. Além disso, o título foi pensado para reforçar a relação entre história e memória, em como a trajetória de alguém evidenciada em suas memórias familiares, seus documentos escritos, fotografias, objetos etc, podem ser pensadas através de alguns pontos da ótica historiográfica.

Como dimensão propositiva principal para esta dissertação está a sistematização deste trabalho em torno de planos de aulas, presentes neste capítulo e que serviram de base para o trabalho prático com os alunos, podendo ser aplicado

integralmente ou com adaptações por outros docentes.

Frisa-se que aqui não se pretende aprofundar o aluno em cada conceito histórico, mas dar uma introdução a esse conhecimento que o acompanhará nos anos escolares e na vida, possibilitando-lhe maior autonomia para que dê continuidade a essa busca por conhecer a sua família e a história geral. Nesta Dissertação também não se intenta analisar tudo o que foi produzido pelos alunos, mas de evidenciar algumas das nuances do que foi produzido para deixar clara a proposta em classe, haja vista que, por exemplo, foram mais de 260 páginas só de material do Livro da Família por eles confeccionados e várias horas de trabalho em classe.

Para executar a proposta, faz-se importante ressaltar que houve uma grande necessidade de se fazer o uso eficaz do tempo em sala e no gerenciamento dos alunos nas tarefas para casa, isto porque existe uma programação da escola de conteúdo para serem trabalhados paralelamente. Para ajudar nisso, o Projeto foi pensado através de sequência didática com planos de aula específicos e foi dividido em duas etapas principais, a primeira se dá com as discussões e atividades em classe e trabalhos para casa, sendo esse material guardado pelo professor e posteriormente devolvido e encadernado pelo aluno para se tornar o seu livro da família. A segunda etapa consiste na organização e apresentação da Feira de exposição sobre os assuntos aprendidos ao longo das aulas, assim como mostrar à comunidade escolar os livros por eles confeccionados.

As atividades em sala de aula foram divididas nas seguintes etapas principais

- Apresentação do Projeto ao Diretor da Escola onde as atividades foram aplicadas;
- Conversa com os responsáveis;
- Roda de conversa em sala com os alunos sobre o que entendem em relação a história, memória e família. Socialização sobre as suas memórias pessoais;
- Fontes escritas;
- Atividade com o meu registro civil de Nascimento;
- Atividade “minha história”, em que fizeram um texto escrito sobre si mesmos;
- Segunda roda de conversa: minha história por meio da minha família;
- Árvore genealógica;

- Entrevista – história oral;
- Atividade escrevendo a minha história familiar;
- Minha história nas fotografias – fontes imagéticas;
- Os objetos também contam história – as fontes materiais;
- Montagem do livro da família;
- Formação de equipes e preparação para a feira “Eu tenho História”;
- Apresentações em grupo na feira.

Optou-se por seguir essa ordem de abordagens considerando os tipos de fontes historiográficas trabalhadas. Inicialmente se fez as rodas de conversas mais baseadas na memória dos alunos, depois ao iniciar com as fontes começou-se pelas escritas, pois esse tipo de linguagem é a mais utilizada em sala de aula a fim de registrar o conhecimento como a linguagem escrita do livro, do caderno, das provas, então o aluno está familiarizado com a importância desse tipo de registro, então se optou por utilizá-lo primeiro e em seguida outros ligados a ele. Depois a entrevista que faz um registro oral e depois o escrito, a seguir o trabalho com as imagens que os alunos conhecem bem e depois os objetos com os quais o senso comum pouco reflete sobre seu potencial em comunicar.

2.2. O uso de fontes nas aulas de História

Como já destacado em outros pontos desse trabalho, as fontes historiográficas embasaram em grande parte esse trabalho. Um dos benefícios de projetos escolares como esse, que busca colocar o aluno em contato com as fontes, é possibilitar um entendimento e interpretação do passado tendo como base os princípios e algumas das regras da ciência histórica, o que para Marlene Cainelli (2010, p. 19) é de fundamental importância para ensiná-lo a pensar historicamente. Não obstante, a intenção deste projeto, como já antes mencionado, não é aprofundar no conhecimento do trato com as fontes, como se faz na academia.

Ao encontro disso, para os PCNs

a apropriação de noções, métodos e temas próprios do conhecimento histórico, pelo saber histórico escolar, não significa que se pretende fazer do aluno um pequeno historiador e nem que ele deve ser capaz de escrever

monografias. A intenção é que ele desenvolva a capacidade de observar, de extrair informações e de interpretar algumas características da realidade do seu entorno, de estabelecer algumas relações e confrontações entre informações atuais e históricas, de datar e localizar as suas ações e as de outras pessoas no tempo e no espaço e, em certa medida, poder relativizar questões específicas de sua época. (BRASIL, 1998, p. 45).

A BNCC (2018, p. 398). também reforça o uso de fontes nas aulas da disciplina de História, incentivando a utilização de diversos tipos, como documentos escritos, iconográficos, materiais e imateriais, pois irão facilitar o entendimento do aluno em relação ao tempo e ao espaço, e também nas relações sociais. Os vestígios deixados pelas pessoas carregam em si a experiência humana, as formas de produção, circulação e consumo, o "objeto histórico transforma assim em exercício, em laboratório da memória voltado para a produção de um saber próprio da história".

Tal ideia é trabalhada também na primeira Unidade temática, da BNCC (2018, p. 420-421) para o 6º Ano que apresenta como um dos objetos de conhecimento as "formas de registro da história e da produção do conhecimento histórico" e sua correspondente habilidade: "(EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas".

O conhecimento histórico não é aleatório, deve ter um método, há percepções, habilidades que o aluno deve adquirir que são próprias da História como ciência, a algumas dessas metodologias também apontadas pela BNCC pra as aulas de História são:

O primeiro procedimento implica o uso de uma forma de registro de memória, a cronológica, constituída por meio de uma seleção de eventos históricos consolidados na cultura historiográfica contemporânea. (...)

O segundo procedimento diz respeito à escolha de fontes e documentos. O exercício de transformar um objeto em documento é prerrogativa do sujeito que o observa e o interroga para desvendar a sociedade que o produziu. O documento, para o historiador, é o campo da produção do conhecimento histórico; portanto, é esta a atividade mais importante a ser desenvolvida com os alunos. Os documentos são portadores de sentido, capazes de sugerir mediações entre o que é visível (pedra, por exemplo) e o que é invisível (amuleto, por exemplo), permitindo ao sujeito formular problemas e colocar em questão a sociedade que os produziu. (BRASIL, 2018, p. 416, 418)

Nas aulas de História, assim como no projeto proposto nesta dissertação, se

faz necessário que o professor dê conta de questões como essas. Aprendendo sua história da família, o aluno vai, por exemplo, aprender a organizar os acontecimentos cronologicamente, ter contato com diferentes narrativas, com documentos civis, fotografias, relatos orais etc.

O uso desses tipos de fonte e este projeto de História da família na sala de aula vão ao encontro de propostas da historiadora Marilene Cainelle (2010, p. 19) denominada de A história no olhar das crianças, adaptado do trabalho Recriando histórias de Araucária, de Maria Auxiliadora Schmidt e Tânia Braga, que foi dividido em três etapas: A história que a criança consegue contar; A história que a criança consegue ver e A história que a criança consegue ler.

Na primeira, as crianças irão realizar depoimentos sobre sua própria história, os fatos que aconteceram consigo; na segunda, a proposta já é o olhar para a história através da fotografia. Nesta etapa, a criança é incentivada a levar para a escola várias fotografias que remontam a diferentes momentos de sua vida, ajudando o aluno a perceber que essa experiência faz parte da sua história, uma possível indagação é "porque escolhi esses registros e não outros?". Por fim, a história que a criança consegue ler, aqui se observa os documentos escritos que ela tem como a certidão de nascimento e carteira de vacinação. A historiadora afirma que no final da atividade, ao olhar para as coisas que conseguiu reunir, o discente poderá "perceber que produziu uma história compondo documentos, informações e memórias, transformando as lembranças e relíquias pessoais em documentos históricos que podem contar histórias de pessoas e de lugares." E conseguirá entender melhor "como o historiador seleciona os documentos para compor uma história".

Neste trabalho, na aula 2 faz-se um estudo sobre o que são as fontes históricas, com uma breve explanação do entendimento que os historiadores tiveram ao longo do tempo sobre esses objetos de análise. Para melhor elucidar o que são as fontes, foi utilizado o próprio livro didático do aluno que traz brevemente o assunto. Nota-se que o livro levanta muito superficialmente a questão, limitando-se apenas em mencionar que há fontes orais, imagéticas, materiais e escritas, citando alguns exemplos.

Não é objetivo desta dissertação também fazer um estudo das dimensões do livro didático, mas frente a essa deficiência, optou-se por explorar mais esta ceara durante o projeto e incluir os quatro tipos de fonte no estudo com os alunos.

Imagem 01: Citação das fontes históricas feita no livro didático adotado pela escola.



Fonte: HISTÓRIA (Ensino fundamental), Trilhas Sistema de Ensino –Ensino fundamental II: 6º ano. 1. ed. São Paulo: FTD, 2018, p. 288.

Sobre as Fontes Escritas, para o aluno não é tão difícil entender a sua relevância, afinal grande parte das informações importantes que os alunos têm acesso são registradas por estes signos linguísticos – a Certidão de Nascimento, o caderno, os livros da escola, as provas, o boletim – hoje não limitadas apenas à folha de papel, mas presente também nos mecanismos digitais, como o celular, as legendas de uma imagem engraçada, um livro virtual, sites de pesquisa e muitos outros.

O documento escrito ganhou um *status* de protagonismo e mesmo de supervalorização pelos historiadores no passado, muito influenciados pelo Positivismo, não qualquer documento, mas os que eram produzidos pelos órgãos oficiais ligados ao governo e mesmo à Igreja, tidos como instituições confiáveis que registravam as coisas que envolviam os “grandes homens”. A relevância

singular que era dada à escrita era tanta que as sociedades ágrafas eram consideradas atrasadas e mesmo sem história (ALBERTI, 2011, p. 163).

Assim como outros documentos o texto escrito deve ser lido com cautela para não cair na armadilha de se crer que tudo que está escrito é verdadeiro, da mesma forma que há pessoas que em suas falas faltam com a verdade, o documento escrito, que foi elaborado por uma pessoa, também deve ser visto com cautela. Carlos Bacellar (2011, p. 63) chama atenção para este ponto afirmando que nenhum documento é neutro, ele sempre carrega a opinião de quem o produziu, seja uma pessoa individualmente ou uma pessoa representando uma instituição.

Ao iniciar uma pesquisa, deve-se, entre outros, identificar seu objetivo de pesquisa e qual documento o atende, no caso da pesquisa do projeto escolar em questão a Certidão de Nascimento foi bastante referenciada, também a criação da árvore genealógica e outros documentos, Bacellar listou vários documentos e em qual tipo e arquivo costumam ser guardados e vários deles podem ser utilizados para se ampliar o conhecimento sobre a história pessoal e familiar, o que pode ser feito futuramente por ele por iniciativa própria.

Tabela de Documentos escritos e seus respectivos Arquivos.

Arquivos	Documentos
Arquivo do Poder Executivo	Correspondência ofícios e requerimentos Listas nominativas Matriculas de classificação de escravos Listas de qualificação de votantes Documentos sobre imigração e núcleos coloniais Matriculas e frequências de alunos Documentos de polícia Documentos sobre obras públicas Documentos sobre terras
Arquivos do Poder Legislativo	Atas Registros
Arquivos do Poder Judiciário	Inventários e testamentos Processos civis Processos crimes
Arquivos cartoriais	Notas Registro civil

Arquivos eclesiásticos	Registros paroquiais Processos correspondências
Arquivos privados	Documentos particulares de indivíduos, famílias. grupos de interesse ou empresas.

Fonte: BACELLAR, 2011, p. 26.

O historiador explica que ao se analisar um documento escrito é essencial se fazer algumas perguntas: “qual a história daquela peça documental que se tem em mãos? Sob quais condições aquele documento foi redigido? Com que propósito? Por quem?”, essas perguntas são necessárias para se entender o texto no contexto de sua época.

Essa noção sobre o que é documento foi modificada, especialmente a partir da atuação da Escola dos Annales e novos elementos e novos objetos de estudo passaram a ser considerados pelo fazer histórico, como os relatos orais.

Sobre a História oral, a Historiadora Verena Alberti afirma que essa

é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século xx, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido. (ALBERTI, 2011, p. 155).

As entrevistas constituem-se em poderoso instrumento para se registrar e analisar a memória e com o avanço tecnológico isso ficou muito mais fácil com a popularização do uso dos *smartphones* que até mesmo as crianças facilmente sabem fazer uso e de programas que podem transcrever automaticamente a fala

falas captadas (havendo a necessidade de conferir se a digitação artificial saiu correta), o que pode facilitar o uso dessa fonte em sala de aula.

No projeto aqui proposto, o aluno deverá escolher uma ou mais pessoas para realizar uma entrevista, na qual buscará identificar fatos que retratem a sua trajetória pessoal, familiar e saber mais sobre a vida daquela pessoa, geralmente se tem preferência pelos pais e/ou avós que são seus ancestrais diretos e os quais geralmente residem com a criança. O professor deve orientar quanto a pessoa mais adequada para a entrevista, entretanto não deve impor, evitando um possível constrangimento caso, por exemplo, não more com os pais ou avó ou não tenha uma relação de proximidade a ponto de solicitar-lhes uma entrevista, entre outros casos.

Santiago e Magalhães destacam que

seja pelo seu papel valioso como fonte e como processo de construção de conhecimento, seja pela riqueza inerente à experiência de ouvir e de registrar histórias, a prática da história oral pode ser transposta para o ambiente educacional de maneira promissora e instigante (...) que permite a estudantes (e a professores também) aprenderem com relatos oferecidos em primeira mão, com testemunhos originais que reforçam os sentimentos de pertencimento, integração e responsabilidade histórica.
(SANTIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 7)

Para melhor atrair o jovem a esse tipo de pesquisa, Maísa Zakzuk (2014, p.14) sugere uma proposta lúdica em que a criança possa ser designada como o repórter da família (ou o historiador da família), o qual entrevistará as pessoas, colhendo informações e imagens, assim como os repórteres fazem, [e escrevendo um texto baseado nos relatos]. Ela lembra que é necessário ser persistente, pois alguns parentes podem não estar muito entusiasmados em participar de uma entrevista, deve-se, portanto, buscar superar esse tipo de barreira caso apareça.

Para Ricardo Santiago e Valéria Magalhães (2015), referenciando William e Richard Ayers, afirmam que “a História oral pode ser vista como uma pedagogia revolucionária, porque conduz o trabalho não pelas respostas – e sim pelas perguntas”. Tais perguntas devem ser previamente pensadas tendo em vista o objetivo da entrevista e a pessoa a ser entrevistada.

O aluno deve ter clara a sua responsabilidade em elaborar o roteiro ou fazer as perguntas sugeridas pelo professor de acordo com o propósito da entrevista e

também saber que ele deve ser flexível o suficiente para permitir adaptações no decorrer da conversa, de acordo com as respostas do entrevistado, além de que deve respeitar o entrevistado tratando-o com cordialidade e não divulgando informações sem a sua autorização, especialmente relatos de caráter particular. Para a gravação das entrevistas os alunos poderão usar seus celulares, tão bem manuseados pelos jovens, ou ainda as tradicionais câmeras de vídeo ou gravadores.

Após a entrevista, o aluno pode transcrever os trechos mais importantes, além disso, ele deve ser lembrado que os depoimentos, ainda que sejam dados por pessoas que vivenciaram a experiência apresentada e que tenham a intenção de dizer a verdade dos fatos, ainda assim o que a pessoa diz deve ser analisado com cuidado já que é uma interpretação da realidade e não a própria, porque a visão sobre os fatos é particular a cada pessoa.

Além da História Oral, outro tipo de fonte interessante de se trabalhar com os alunos são as imagens. Em um mundo cada vez mais dominado por elas, o seu uso pelos historiadores e alunos se torna cada vez mais importante e necessário.

Sobre o uso de fotografias como fonte historiográfica, o trabalho do historiador Geraldo Magella (2015, p. 93-94), que ajudou a nortear essa etapa do projeto, chama atenção para o fato de que muitas pessoas entendem a fotografia como um documento irrefutável, já que imprimiria a realidade captada pela lente, entretanto, assim como outras fontes, ela deve ser analisada e criticada pelo historiador e pelo professor de história, pois como afirma Jacques Le Goff, em sua obra “Documento/monumento”, a fotografia é “o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram.”

Citando Circe Bittencourt no trabalho “Documentos não escritos na sala de aula”, Magella afirma ser “sempre necessário perguntar o que está sendo fotografado, a fim de compreender *por que* e *para que* algumas fotografias foram feitas.” Isso porque, segundo a autora, “é sempre produzida com determinada intenção, existem objetivos e há arbitrariedade na captação das imagens”.

Outra fonte relevante são as materiais. A utilização desse tipo para este projeto, auxiliando o aluno no seu entendimento sobre elas, é de grande importância no trabalho em sala de aula porque logo nos momentos iniciais do Ensino Fundamental – anos finais, segundo a BNCC (BRASIL, p. 420), o discente se depara com conteúdos temporalmente muito distantes, como as origens

da humanidade, povos da antiguidade clássica, os povos da Mesopotâmia, Egito, Astecas, Maias e Incas, entre outros.

Muitos desses povos eram ágrafos e que, portanto não deixaram nada escrito sobre si mesmos. Neste ponto a cultura material se torna fundamental para a compreensão desse momento em que aquele grupo se encontrava, como aponta Sandra Maria Aragon (2003, p.63) que compreende que o estudo desse tipo de fonte objetiva “entender a cultura de uma determinada sociedade ou comunidade num certo tempo”, dentro dessa perspectiva representando suas “crenças, valores, ideias, atitudes e apreensões.”

O livro didático da turma em diversos momentos faz referência a objetos deixados por povos antigos que se tornaram em auxílio aos estudiosos para que pudessem entender melhor a história desses povos. Logo nos capítulos iniciais do módulo 1 do livro didático do aluno utilizado pela escola no qual este trabalho foi realizado, trata da chamada “origens da humanidade”, como determina a BNCC, trazendo como imagem de capa um conjunto de ossos humanos sendo estudados por um arqueólogo, outros objetos da cultura material são logo referenciados, como uma ponta de lança de cerca de 11 mil anos encontrada na América do Norte que são vestígios dos primeiros povoamentos da América. Mais adiante o vaso de cerâmica de 5 mil anos encontrado na China que revela um pouco do estilo de vida das primeiras aldeias. A estátua egípcia do faraó Aqueenáton, do século XIV a.C. que traz consigo parte da organização social, política e religiosa do antigo Egito ou mesmo a peça de cerâmica encontrada na região de Santarém, no Pará, que ajuda a entender sobre a sociedade indígena tapajônica que vivia nessa parte da Amazônia brasileira, ou ainda uma moeda do século II a.C. que representa Tibério Graco que além de revelar parte do sistema monetário romano, também auxilia no entendimento sobre o comércio e o governo daquela época. (2018, Módulo 1, p. 296, 297, 309, 315, Módulo 2: p. 283, 305).

Após a realização do trabalho prático com os alunos referentes a esta dissertação, no decorrer desse ano, com frequência, os alunos recordavam das discussões sobre cultura material ao se depararem com elas no livro de História, algumas vezes era o professor que referenciava o projeto a fim de facilitar o entendimento da aula, o que ficava evidente que os alunos de fato aprenderam a ver os objetos como meios de se conhecer o passado, o que melhorou ainda mais o

entendimento sobre a disciplina e percebeu-se que houve maior aproximação da turma com esse tipo de conhecimento escolar.

2.3. Feira como metodologia para a aula de História.

A escolha de uma Feira para expor as pesquisas dos alunos sobre a temática “Eu tenho História” proporcionou a melhor maneira de avaliar a classe. Pois, com o uso da metodologia adequada pôde-se verificar o progresso da aprendizagem em cada criança.

A Feira, e tudo que ela envolve, é uma metodologia de trabalho que requer socialização de saberes porque os participantes têm que pesquisar e estudar para poderem realizar as apresentações “configurando-se como uma prática pedagógica democrática e que permite uma troca intelectual equitativa entre os envolvidos” (PINTO, 1999).

A metodologia de trabalhos em grupos, distribuídos por subtemas, foi muito favorável, pois houve a participação ativa de toda a turma. A oralidade aconteceu espontaneamente até com os alunos mais tímidos, visto que os relatos de experiências de vida prendiam a atenção da classe e estimulavam a participação, quebrando a monotonia e a rotina em sala de aula.

Os alunos mostraram a autonomia na construção do próprio conhecimento e aprendizagem, o respeito, pela voz do outro e isso aguçava a curiosidade em saber mais sobre a sua própria história familiar. Dessa maneira, os conteúdos trabalhados com a classe cumpriram com a intenção de “propiciar a compreensão de que as histórias individuais e coletivas se integram e fazem parte da História”. (PCNS, p. 45).

Portanto, os alunos perceberam que em todas as épocas históricas as pessoas comuns idealizavam sonhos, desenvolvem vários tipos de trabalhos (no campo e no meio urbano) e sempre buscaram a superação dos problemas e dificuldades da vida, como ocorrera com os antepassados naquela sociedade de décadas atrás, entre outros aspectos. Assim, as crianças conheceram não somente os conceitos de famílias, como também outros conceitos.

Pedrosa e Navarro destacam algumas habilidades a serem analisadas em trabalhos como esse:

Para a avaliação dos conceitos é recomendável observar, durante o desenvolvimento das atividades, o grau de manejo e processamento da informação pelas crianças, notando principalmente, se usam suas próprias palavras, se selecionam conteúdos teóricos relevantes, se expõem conceitos utilizando exemplos ilustrativos e se fazem uso eficaz das informações. (PEDROSA; NAVARRO, 2008, p.179).

2.4. Sequência Didática e Planejamentos:

A fim de melhor executar este projeto, fez-se necessário um trabalho com sequência didática e planos de aula.

Para Regina Silveira (2005, p. 2-3) o planejamento é importante para as mais diversas áreas da vida de uma pessoa e para sociedade como um todo, sendo de grande valia para o profissional da educação, ele “é um processo que exige organização, sistematização, previsão, decisão e outros aspectos na pretensão de garantir a eficiência e eficácia de uma ação”.

Ela entende que o professor tem a necessidade de refletir seu proceder a cada momento, tanto antes, durante como depois de uma determinada ação com o alunado, portanto o agir docente não deve ser realizado de qualquer jeito ou mesmo com um planejamento inflexível que não cabe mudanças ao longo do caminho, um planejamento eficaz exige uma reflexão constante, um processo de “decidir, prever, selecionar, escolher, organizar, refazer, redimensionar”.

Os PCNs (BRASIL, 1997, p.94) concordam com isso ao afirmar que muitas vezes o professor que não se planeja acaba por recorrer a improvisos e a um mal uso do tempo em sala de aula, o que acaba resultado em maior falta de tempo depois para tentar, em outras palavras, correr atrás do tempo perdido. O documento afirma que é importante que o docente “defina claramente as atividades, estabeleça a organização em grupos, disponibilize recursos materiais adequados e defina o período de execução previsto”.

A fim de melhor viabilizar essas questões, as sequências didáticas e planos de aula são fundamentais, por isso foram adotados neste trabalho. Para Zabala (1998, p.18) sequência didática é “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos.”

Moreira (2015, p. 27) afirma que a sequência didática deve ter um tema norteador que deve ser escolhido com base no que ele significa para o ensino-aprendizagem do aluno, devendo ser selecionado com base no nível escolar que está sendo trabalhado, os objetivos principais que se deseja atingir e dos conteúdos procedimentais, conceituais e atitudinais. Outro fator a ser considerado ao elaborar a sequência é a diferença entre os alunos, ainda que estejam na mesma sala de aula, idades semelhantes, ou perfil socioeconômico parecidos, cada um tem a sua individualidade e não aprendem da mesma forma, por isso o docente deve estar atento para adaptar-se a fim de atingir o maior número de alunos, mas também entender que nem todos os alunos serão atingidos na sua totalidade, o que deve ser considerado na sua avaliação da sequência. Para Moreira, a sequência permite que o conhecimento não fique fragmentado ou que o professor “se perca” em meio às várias demandas de um projeto somadas às outras necessidades a serem geridas em sala de aula.

O projeto intercala discussões e atividades em sala e atividades para casa. Essas atividades na primeira parte do projeto são individuais e integrarão mais tarde o livro da família. Nessa etapa também há as chamadas Rodas de conversa, na qual o diálogo se faz muito presente, quando o docente estimula os alunos com perguntas que são pertinentes ao objetivo daquele dia, puxando-as como fio condutor da aula, assim como frequentemente há uma socialização por parte dos alunos acerca das atividades já realizadas. Essa atividade também ganha destaque por evidenciar o ato de ouvir dentro do fazer histórico-escolar.

Na segunda parte do projeto com a preparação para a Feira, as atividades já têm uma construção coletiva, com a formação de grupos e discussões mais intragrupo.

As rodas de conversa são assim chamadas em referência à disposição das cadeiras nos momentos de discussão, colocadas em círculo, para facilitar o diálogo olho a olho entre os membros da classe, atendendo o que os PCNs (BRASIL, 1997, p.95) sugerem ao afirmar que “a organização do espaço reflete a concepção educativa adotada pelos professores e pela escola. Assim, numa sala de aula, a simples disposição das carteiras pode facilitar o trabalho em grupo, o diálogo e a cooperação”. Em momentos em que se exige maior concentração em uma atividade de classe individual em que há menor necessidade de diálogo entre os alunos, as cadeiras foram colocadas enfileiradas, como tradicionalmente ficam no dia a dia.

Nos trabalhos em grupos, os seus componentes eram colocados frente a frente para poderem se ouvir e não atrapalhar os colegas das outras equipes.

Os planos de aula consideraram os estudos de SILVEIRA (2005, p. 1) sobre o assunto que afirma que um planejamento deve refletir sobre “os objetivos, os conteúdos, os procedimentos metodológicos, a avaliação”.

O objetivo principal da sequência didática deste projeto é aprender os conceitos de história e memória através da busca pelo conhecimento de história pessoal e familiar. Ela está dividida em 14 aulas que não foram ministradas seguidamente e nem sempre utilizando todo o tempo de aula, para este calendário foi necessário considerar outras variantes, como a ministração de conteúdos de acordo com o cronograma desta série, provas, revisão, tempo de espera para a entrega das atividades, etc.

2.4.1. Aula 1:

Tema: HISTÓRIA, MEMÓRIA E FAMÍLIA (Roda de Conversa – 1º dia de aula):

Tempo estimado: 90 minutos.

Parte 1:

Objetivo:

Compreender o que é História, memória e família e sua relação com a disciplina de História, entendendo que todos possuímos uma história pessoal e familiar que deve ser conhecida, preservada e que nos ajuda a entender outros aspectos do conhecimento histórico.

Conteúdos:

- Introdução ao que é a disciplina de História;
- Explicação breve do conteúdo programático deste ano, a partir do livro didático;
- Diferença entre a história ficcional e a científica e qual a relação disso com a disciplina de História;
- O que é História e memória;

- Diferença entre memória e lembrança;
- O conhecimento histórico, no passado priorizava a história dos “grandes homens e eventos” e hoje esse entendimento é mais amplo, todos têm história;

Parte 2:

Objetivo: Resgatar memórias de si mesmo e realizar tarefas correspondentes. Valorizar suas próprias experiências já vividas. Entender do que se trata o projeto “Eu tenho História”.

Metodologia: Roda de conversa – Aula dialogada.

- Algumas perguntas norteadoras: O que é a disciplina de História? O que estudamos em História? O que você entende sobre a palavra memória? O que você entende sobre o que é família?
- Estimular a relatarem algum acontecimento que considere importante ou interessante em suas vidas que gostariam de lembrar no futuro ou que gostariam de relatar a outras pessoas.
- Pedir para contarem o que outras pessoas mais velhas já relataram sobre a minha vida, especialmente quando eu era bebê, entendendo que as nossas memórias também estão entrelaçadas com as memórias de outras pessoas.

Avaliação: Responder oralmente as perguntas levantadas pelo professor no decorrer das discussões.

Recursos: Livro didático, Pincel e quadro para anotações.

2.4.2. Aula 2

Tema: Fontes históricas.

Tempo estimado: 90 minutos.

Objetivo:

Entender o que são fontes históricas, com destaque nesse momento para as fontes escritas. Entender como documentos como a Certidão de nascimento podem conter informações importantes sobre uma pessoa e sua família.

Conteúdos:

- O que são fontes históricas;
- As fontes orais, escritas, materiais, imagéticas e escritas;

- As fontes primárias e secundárias;
- Exemplos dos diferentes tipos de fonte que aparecem no livro didático em capítulos posteriores que ajudam a entender a história;
- Breve histórico do entendimento dos historiadores sobre o que é considerado fonte;
- O que são fontes escritas;
- Apresentada a certidão de nascimento –
- Mostrar a necessidade de se questionar um documento, verificando, por exemplo, a sua origem, quem a produziu e se veio de uma fonte segura. Quais as informações que contém que ajudam a saber mais sobre a pessoa a quem ele se refere e a sua família?

Metodologia:

Roda de conversa – Aula dialogada, com análise de documento escrito civil, a Certidão de nascimento.

Atividades:

Tarefas em sala: Participação das discussões em classe, com análise coletiva da certidão de nascimento junto com o professor.

Tarefas para casa:

1. O aluno deve observar em sua Certidão de nascimento quais as informações a seu respeito e de sua família o registro apresenta e deve também transcrevê-las em seu caderno.
2. Quem produziu a Certidão de Nascimento?
3. Esse é um documento importante? Por quê?
4. Você considera as informações presentes nela como corretas e confiáveis? Por quê?
5. Além da Certidão de Nascimento, quais outros documentos podem ser escritos sobre uma pessoa no decorrer de sua vida?

Recursos: Livro didático, texto sobre a Certidão de Nascimento (Em anexo), computador, projetor multimídia e Certidão de Nascimento.

2.4.3. Aula 3:

Tema: Começando a escrever a minha história.

Tempo estimado: 45 minutos.

Objetivo: Reforçar a importância dos documentos escritos. Produzir um documento

escrito pessoal e informal sobre a minha vida, a partir das minhas memórias e do documento de Certidão de Nascimento.

Conteúdos:

- Acompanhar a realização da atividade sobre a Certidão de Nascimento;
- Atividade “Minha história”

Metodologia:

Roda de conversa.

Avaliação:

Tarefas em sala:

Atividade “Minha História”:

Preencha a ficha intitulada “Minha História” com informações sobre si mesmo, respondendo o que se pede.

Recursos: Folha “Minha História”.

2.4.4. Aula 4:

Tema: Minha história através da minha família.

Tempo estimado: 90 minutos.

Objetivo: Refletir e dialogar sobre o quanto eu conheço da história da minha família.

Conteúdos:

- Nossa história começa antes de nós – com a nossos ancestrais;
- Pedir para buscarem na mente acontecimentos importantes na vida dos pais ou de outros familiares próximos que o aluno vivenciou junto com a pessoa ou que ela lhe relatou.
- O que é uma árvore genealógica;
- Como montar a árvore e como a Certidão de nascimento e outros documentos ajudam nesse preenchimento.

Metodologia:

Segunda Roda de Conversa para estimular os alunos a reflexão e diálogo.

Avaliação:

Tarefas em sala: Participação na conversa com todos da sala. Preenchimento de sua árvore genealógica.

Tarefas para casa: Preenchimento de sua árvore genealógica com a ajuda dos responsáveis.

Recursos: Impressos da Árvore familiar para preencher na escola e para completar em casa.

2.4.5. Aula 5:

Tema: História oral

Tempo estimado: 90 minutos.

Objetivo: Entender o que é a história oral e como posso entrevistar um familiar. Avaliar a produção a árvore genealógica. Valorizar a sua história familiar.

Conteúdos:

- Acompanhar e analisar o preenchimento da árvore genealógica da aula anterior;
- Introdução à história oral;
- Diferença entre uma simples conversa e a história oral. Alguns passos importantes:
A escolha do entrevistado;
- Objetivos da entrevista;
- Construindo um roteiro (Aqui a turma e o professor constroem um roteiro padrão para ser usado no projeto);
- Fazendo um registro gravado e escrito;

Metodologia: Aula dialogada com acompanhamento e análise da atividade de árvore genealógica e início do trabalho de história oral.

Avaliação:

Tarefas para casa: Foram orientados que deveriam realizar uma entrevista com um familiar, de preferência um dos pais, avós ou algum familiar adulto.

Recursos: Árvore genealógica produzida pelos alunos e Folha de entrevista.

2.4.6. Aula 6

Tema: Escrevendo a minha história familiar.

Tempo estimado: 90 minutos.

Objetivo: Registrar a sua história pessoal e familiar em um documento escrito, estilo redação. Discutir as entrevistas já realizadas, o que foi respondido e como foi a experiência.

Conteúdos:

- Resultados e experiências da entrevista;
- Comparar algumas das respostas à sua vida;
- O que foi considerado ao escolher as perguntas para complementar o roteiro;
- A utilização das minhas memórias e de documentos civis posso escrever minha história familiar.

Metodologia: Conversa sobre a atividade de história oral realiza. Atividade interdisciplinar com Língua Portuguesa, utilizando várias fontes já trabalhadas para construir um registro escrito sobre a sua história familiar.

Avaliação:

Tarefas em sala: Participação da discussão sobre a atividade de história oral.

Tarefas para casa: Escreva um texto sobre a sua família, devendo fazer uso de outras fontes já trabalhadas no projeto como a árvore genealógica e/ou dados de um documento civil oficial, como a Certidão de nascimento e a entrevista já realizada com um familiar.

Recursos: Folha de entrevista respondida. Anotações no quadro.

2.4.7. Aula 7

Tema: Minha história através de imagens:

Tempo estimado: 90 minutos.

Objetivo: Entender como as imagens podem me ajudar a conhecer minha própria história pessoal e familiar. Aprender a questionar uma fonte imagética.

Conteúdos:

- Breve conversa sobre a produção textual sobre a sua família;
- Fontes imagéticas:
 - As imagens contam histórias;
 - Pinturas de arte rupestre como alguns dos primeiros registros humanos;
 - Uma breve história das pinturas e fotografias;
 - Análise de imagens de família, instigando os alunos a fazerem questionamentos a imagem, como por exemplo: Quem a produziu, por qual motivo? O que foi incluído na imagem, com qual intensão? O que foi excluído da imagem, por quê? Como é o espaço da imagem retratada? Será que essa paisagem é outra atualmente? Como será o estado emocional das pessoas retratadas, estão felizes, tristes, preocupadas? E como estão vestidas? Como a imagem retrata a moda da época em

que foi tirada? O que essa fotografia revela sobre a sociedade onde aquelas pessoas estão inseridas?

Metodologia: Diálogo coletivo. Análise de imagens.

Avaliação:

Tarefas em sala: Participação das discussões.

Tarefas para casa: Escolha uma das duas tarefas a seguir:

Proposta 1:

Escolha e imprima em uma folha de papel A4, 5 fotos suas individuais ou em família, coloque a data em que foram tiradas e as organize em sequência cronológica, semelhantemente a uma linha do tempo.

Proposta 2:

Challenge das redes sociais.

Escolha uma foto sua individual ou em família, que tenha sido tirada há pelo menos 5 anos e tire outra foto tentando reproduzir o mais fiel possível a foto antiga, se possível com as mesmas pessoas, imitando as poses e roupas. Coloque as fotos lado a lado e imprima em papel A4.

Obs: Solicita-se que além da cópia impressa, enviem as fotografias também pelo *whatsapp* do professor para projetá-las em momento posterior.

Recursos: Computador, projetor multimídia.

2.4.8. Aula 8:

Tema: Acompanhamento e análise da produção fotográfica da turma.

Tempo estimado: 45 minutos.

Objetivo: Refletir como as imagens ajudam a visualizar histórias, mudanças que as pessoas passam ao longo do tempo, entre outros.

Conteúdos:

- Visualização e análise das fotografias dos alunos pedidas na aula anterior.
- Qual o motivo de terem escolhido essas imagens para o trabalho?
- Em que ocasião foi registrada?
- A fotografia é seletiva;
- O que mudou nas pessoas com o passar do tempo, nas suas roupas, no espaço;

- Como essas imagens ajudam a conhecer mais sobre a história das pessoas retratadas e sua família.
- Mostra de algumas imagens.

Metodologia: Conversa e análise de imagens.

Avaliação: Resposta às perguntas em sala.

Recursos: Computador, projetor multimídia.

2.4.9. Aula 09:

Tema: Os objetos também contam história – As fontes materiais:

Tempo estimado: 60 minutos.

Objetivo:

Entender que podemos saber mais sobre a história de nossa família através dos objetos que pertencem ou pertenceram a outra pessoa.

Conteúdos:

- Os objetos podem contar um pouco sobre a pessoa e a sociedade que os utilizavam;
- Os objetos que o livro didático referencia ao longo dos capítulos que fazem trazer a cultura material, mostrado em projetor multimídia;
- Podemos saber mais sobre a história da nossa família através dos objetos deixados;
- Meus objetos “falam” sobre mim;
- Os objetos também possuem memória, eles podem se tornar especiais para alguém.

Metodologia: Aula com utilização objetos encontrados na sala de aula e de imagens que retratam objetos diversos e mostrar como eles são fontes historiográficas.

Avaliação:

Tarefas para casa: Escolha um objeto especial em sua casa que traga boas recordação e no qual se observa que conta um pouco sobre sua própria história algum ponto da história de algum membro da família.

Em seguida tire uma foto, imprima em uma folha de papel A4 com uma breve nota explicativa em baixo na qual se justificaria a escolha deste objeto como algo especial e como ele conta um pouco da história da sua família ou de alguém dela.

Recursos: Computador, projetor multimídia.

2.4.10. Aula 10:

Tema: Montagem do Livro da família.

Tempo estimado: 20 minutos.

Objetivo: Entender como deve ser feita a montagem do Livro da família a partir das atividades desenvolvidas em classe no decorrer do projeto.

Conteúdos:

- Devolução das atividades que os alunos realizaram até o momento.
- Descrição de como se quer o livro.

Metodologia: Orientações.

Avaliação – Tarefa para casa:

Cada aluno deverá encadernar o material a seguir para formar o seu Livro da Família. As atividades foram realizadas pelos alunos desde o início do ano. Coloque as páginas na mesma sequência que está descrita a seguir. Faça uma capa contendo o nome da escola, Diretor, Professor, Disciplina, Aluno, turma e escrito bem grande “Livro da Família”. Pode acrescentar outras memórias familiares conforme desejar, como desenhos, cartas, boletins escolares, cópias de documentos civis, etc. Caso não tenha feito todas as atividades e entregado com antecedência para o professor, deve providenciá-las e encaderná-las. Essa atividade faz parte da avaliação contínua da disciplina, sendo muito importante:

Capa;

- a. Texto introdutório do professor intitulado “Meu livro da família”;
- b. Folha da atividade em classe intitulada “Minha História”;
- c. Árvore Genealógica simplificada, em formato de árvore;
- d. Árvore Genealógica completa;
- e. Fotos solicitadas em aula;
- f. Texto escrito de 20 a 30 linhas sobre a sua família;
- g. Folha de entrevista que o aluno fez com um membro da família;
- h. Impressão da foto do objeto especial da família.

Recursos: Folha com as anotações da ordem que se deseja para as atividades.

2.4.11. Aula 11

Tema: Divisão de equipes para a Feira da família

Tempo estimado: 90 minutos.

Objetivo: Dividir as equipes, atribuir os temas e elucidá-los.

Conteúdos:

As equipes foram divididas da seguinte maneira:

- Grupo 1:
 - O que foi o projeto “Eu tenho História”
 - O que é história e memória;
 - Como a pesquisa de história da família ajuda a entender o fazer histórico.
 - Explicar a diferença entre história ficcional e o conhecimento histórico científico que aprendem na escola.

- Grupo 2:
 - Qual a importância de as pessoas conhecerem a sua própria história.
 - O que aprenderam da sua história pessoal durante a execução do projeto. Eles prepararam cartazes para ilustrar a sua fala.

- Grupo 3:
 - A importância da família para o entendimento da história de cada um;
 - O que é uma árvore familiar genealógica;
 - Apresentar o livro da família que os alunos do grupo confeccionaram.

- Grupo 4:
 - A importância das fontes escritas para o saber histórico
 - Como as fontes escritas ajudam a conhecer a história pessoal e familiar de um indivíduo;
 - As informações presentes em uma certidão de nascimento.

- Grupo 5:
 - O que é história oral;
 - O que são as fontes materiais;
 - Destacar como foi sua experiência com a sua entrevista e o que mais lhes

chamou atenção sobre a pessoa que entrevistaram.

- Apresentar um objeto pessoal ou familiar para exposição e explicarem como esse objeto é importante, quais memórias eles evocam de sua família.

- Grupo 6:

- As fontes imagéticas, sua importância e como podemos analisá-las para além do que está sendo estampado na imagem.

- Apresentação visual em *slides* no *Power Point* para ser exibido em projetor multimídia na qual mostrariam as fotos repassadas pelos colegas com suas famílias, dos professores e funcionários da escola quando crianças.

Observação: Os grupos foram orientados a prepararem recursos visuais como cartazes, maquetes e outros materiais. Os grupos de 01 a 05 apresentarão em área aberta na frente da escola e o grupo 06 em uma das salas no interior da instituição.

2.4.12. Aulas 12 e 13

Tema: Reunião de grupos.

Tempo estimado: 90 minutos.

Objetivo: Preparar-se para a apresentação na feira da família.

Conteúdos:

Reunir-se em equipe para discutir como se organização para a feira; Esclarecimento de dúvidas;

Metodologia: Atividade em grupo.

2.4.13. Aulas 14

Tema: Reunião de grupos e ensaio para a feira.

Tempo estimado: 90 minutos.

Objetivo: Preparar-se para a apresentação na feira.

Conteúdos:

Reunir-se em equipe para discutir como se organização para a feira; Esclarecimento de dúvidas;

Apresentar para o professor e para a turma o que o grupo irá apresentar no dia da Feira.

Metodologia: Atividade em grupo e apresentação em equipe.

2.5. Ideias adicionais:

Além das propostas já colocadas, entende-se que há muitas possibilidades de se trabalhar a história da família em sala de aula, relacionando a vários temas e conceitos da disciplina de História, dependendo do objetivo do professor. Seguem-se algumas propostas que podem ser trabalhadas agregadas às que foram expostas nos planos de aula ou como atividades separadas:

- Fazer uma série de entrevistas com familiares dos alunos tendo por foco uma fase da vida do entrevistado, a infância, por exemplo;
- Projeto interdisciplinar com o professor de educação física que vai desenvolver algumas brincadeiras da infância dos pais;
- Concurso de comidas tradicionais das famílias;
- Identificar as famílias que são imigrantes ou com antepassados que vieram de outros estados ou países e organizar uma feira sobre os locais de origem desses ancestrais;
- Exposição de fotografias de família;
- Apresentação de vídeos com fotos de família;
- Apresentação de esquetes ao vivo ou em vídeo com os alunos e seus familiares;
- Minimuseu de objetos de família.
- - Construir sua árvore genealógica em plataformas digitais gratuitas como o familysearch.org ou myheritage.com.br;
- Levar um parente mais velho de algum dos alunos para contar histórias interessantes de sua vida, comunidade ou de lendas do interior;
- Pedir para dois pais ou avós relatem a sua visão sobre acontecimentos importantes da história que tenham vivenciado;
- Criar textos relacionando a vida dos ancestrais dos alunos com a história local ou nacional;
- Realizar visitas guiadas a espaços de memória da cidade;
- Construir um arquivo familiar com documentos e objetos antigos;
- Pesquisar fatos ocorridos no ano de nascimento do aluno ou de seus pais;
- Criar jogos de perguntas e respostas sobre conceitos da história;
- Fazer uma gincana entre pais e filhos com perguntas sobre a história da família.

CAPÍTULO 3 O PROJETO E SUAS PRÁTICAS

Neste capítulo será abordada a prática do projeto em sala de aula no primeiro semestre do ano de 2022, sendo realizado em duas etapas principais – a primeira com o trabalho em classe e suas discussões, com tarefas em sala e para casa com a preparação do livro da família e a segunda com a organização e culminância da Feira “Eu tenho História”, na qual os alunos foram divididos em equipes e receberam um tema relacionado ao que foi trabalhado no decorrer das aulas para então apresentarem às outras turmas, aos pais e funcionários da escola em um evento de encerramento.

A fim de não ser repetitivo na explanação teórica, parte do que foi conversado com os alunos não são aqui explicitadas em detalhes, pois já foram apresentadas nos capítulos anteriores.

3.1. Apresentação do Projeto para o Diretor da escola e para os pais

Antes de dar início ao projeto fez-se necessário ter uma conversa com o Diretor e proprietário da escola sobre o que seria feito. A conversa foi ainda no mês de janeiro antes da volta às aulas, para começar a sua execução logo no início do ano letivo, ao qual foi prontamente apoiado, recebendo o suporte com impressão de material para ser entregue aos alunos, empréstimo de projetor multimídia quando necessário e auxílio no dia das apresentações finais.

Não foi conversado com o Diretor acerca dos objetivos do trabalho em relação e esta dissertação de Mestrado, isso foi feito para que não houvesse nenhum embargo a sua execução por algum mal-entendido, por isso o nome dos alunos e da instituição estão sendo omitidos.

Sobre os responsáveis dos alunos, em primeiro momento eles foram comunicados do projeto logo na primeira reunião de pais e mestres que a escola realiza todos os anos para a apresentação da equipe de professores, onde expõem um pouco de seu trabalho, metodologia e as expectativas para o ano letivo. Nessa ocasião foi brevemente explicado o que é o projeto “Eu tenho História”, o que seria esperado dos alunos assim como a necessidade de apoio da família com informações, materiais, entre outros.

Essa comunicação com os responsáveis é fundamental em trabalhos como

esse, pois parte do que o discente vai trazer para a sala de aula vem do que ele colheu com familiares, o que torna ainda mais importante a efetiva participação dos responsáveis nesse processo. Além disso, esse momento já antecipou possíveis dúvidas e até mesmo interdições da família, que poderia estranhar a criança chegar em casa pedindo informações como nomes, datas e documentos e isso gerar um problema à execução das propostas.

A referida reunião foi muito positiva e os responsáveis logo se prontificaram a ajudar e mostraram apreço pelo projeto e fizeram vários elogios, outros professores também se pronunciaram demonstrando apreço à iniciativa.

3.2. Roda de Conversa

3.2.1. O que os alunos entendem sobre história, memória e família

Depois desse momento, com as aulas iniciadas, chega a hora de levar a proposta aos discentes. Foi organizada uma roda de conversa, em primeiro momento sobre o que é a disciplina de História e foi explanado brevemente o conteúdo programático que será visto durante o ano. Essa introdução ao componente curricular é importante por se tratar do primeiro dia de aula do aluno e seus primeiros contatos com a disciplina de História no 6º ano e ficará mais fácil depois fazer associações da disciplina e o que será trabalhado durante a execução do projeto.

Em seguida, foi discutindo os conceitos de história, memória e família. Os alunos foram indagados sobre o que conheciam sobre esses termos. Em relação a “história” a maioria relacionou a palavra à disciplina de História, um dos alunos mencionou que pode ser também uma história contada por alguém, uma narrativa, os outros alunos concordaram. Sobre a palavra “memória”, o silêncio inicial foi maior, não sabiam o que responder, até que uma aluna disse que é quando guardamos alguma coisa na mente, outro completou dando como exemplo o caso de estudar para a prova, memorizando conceitos das disciplinas, outro relacionou a memória de um aparelho celular para guardar fotos e outros dados. No caso de “família”, a turma foi praticamente unânime em afirmar que família é onde a pessoa nasce, com pai, mãe, filhos e irmãos, trazendo o conceito mais tradicional. Nota-se que embora os alunos sejam jovens, eles já possuem algum entendimento construído, ou em construção sobre os temas abordados.

Nessa ocasião partiu-se para ampliar um pouco mais esses termos, porém sem muitos aprofundamentos, já que seria um momento introdutório e conforme a discussão avançava, foram feitas algumas anotações no quadro sobre os termos estudados.

Partindo da associação que os alunos estabeleceram da palavra “história” com a disciplina e da segunda relacionada a narrativa de fatos, coube uma explicação sobre a história como conhecimento científico, baseado em fontes, diferente da narrativa ficcional que nem sempre tem compromisso com a realidade.

Foi explicado que a história que se aprende na escola é a científica e não a ficcional e que o suporte que eles têm em mãos, o livro didático, traz esse conhecimento adaptado à série em que estão no momento. O livro foi tomado como exemplo, pois é um referencial conhecido pelos discentes, ajudando-os a entenderem que o conhecimento presente nele e na disciplina não é algo inventado, como nos contos de fadas, mas baseado em muitas pesquisas e rigorosos estudos desenvolvidos por vários historiadores ao longo dos anos, possuindo métodos próprios e determinados objetos de análise, as fontes documentais, mas essa temática das fontes não foi desenvolvida em classe nesse momento inicial.

Foi-lhes explicado também sobre memória, ressaltando que diferente da História, ela não é tão rígida com relação aos seus métodos, podendo ser individual ou coletiva e não é a mesma coisa que lembrança.

Levou-se a classe uma breve discussão de que no passado tinha-se a prioridade em se conhecer a história das pessoas de maior projeção política e econômica e dos acontecimentos tidos como os “grandes eventos” (BRASIL, 2018, p. 20), mas que o leque de coisas que a história busca conhecer hoje é muito maior, inclusive a história de cada um precisa ser valorizada e conhecida (FUNARI, 2011, p. 84-85), cada indivíduo tem história. Uma história que pode recorrer às memórias individuais e familiares – como o nascimento, os primeiros anos na escola, as férias divertidas, as conversas e brincadeiras com os amigos entre outros.

3.2.2. Eu, minhas memórias e minha memória sobre o relato de outros:

Se encaminhando para a segunda parte da aula, este momento objetiva estimular os alunos a resgatarem memórias de sua própria vida, independentemente de qual momento. A intenção é mostrar que eles também têm experiências já vividas as quais são interessantes para lembrar e contar.

Imagem 02 – Alunos na Roda de conversa.



Fonte: Foto do autor, 2022.

Foi-lhes pedido que relatassem algum acontecimento que considerem importante ou interessante em suas vidas e que gostariam de lembrar no futuro ou de relatar a outras pessoas. Logo um dos alunos pediu a palavra e falou sobre suas férias na praia, a turma estava um pouco acanhada ainda, a pergunta foi repetida com o pedido para que tentassem lembrar de um acontecimento e que não precisavam ter vergonha de falar, então mais relatos semelhantes de férias e lugares interessantes se seguiram sem muita dificuldade, um contou sobre as brincadeiras com os primos na casa da avó e dos banhos de igarapé, outro, rindo, sobre como foi que caiu ao tropeçar em uma pedra, outro, também em tom de riso, quando caiu de bicicleta.

As memórias relatadas ficaram em torno de acontecimentos engraçados e de passeios. Um ponto a ser observado é que inicialmente alguns alunos estavam buscando na memória algo para contar e quando algum colega socializou a sua experiência e essa história provocou risos e aceitação, outros relatos do mesmo tipo sucederam, a fala do primeiro aluno pode ter se tornado como um fio condutor da memória dos demais e funcionou como um crivo para selecionar o que seria evidenciado e relatado ao professor e aos colegas de classe, provavelmente porque os colegas reagiram bem àquela temática que foi contada.

Tal fato vai ao encontro do que Santhiago e Magalhães (2015, p.42, 47) em seu livro sobre História Oral na sala de aula, eles afirmam que recordações comuns reforçam nas pessoas a ideia de pertencimento e coletividade, ajudando os indivíduos a se identificarem uns com os outros e “o *que* o narrador diz depende de

para quem ele diz, em quais circunstâncias, em qual ambiente, em qual momento da vida e da história”. Embora os autores tenham se referido mais especificamente a questão da entrevista em história oral, essa linha de raciocínio também pode ser aplicada ao diálogo coletivo; no caso deste trabalho, o ambiente era mais descontraído e a pergunta direcionada que solicitava o relato de algo importante para eles ou interessante, trouxe memórias de coisas que eles gostavam de relatar, como acontecimentos engraçados e passeios, muito provavelmente devido a essa faixa etária do 6º Ano, ainda muito jovem e ligada à brincadeiras e descontração, talvez se os relatos iniciais narrassem alguma experiência mais traumática ou ainda se o ambiente fosse de maior seriedade, com uma atmosfera mais pesada, as narrativas possivelmente teriam sido diferentes.

Os alunos foram bastante participativos relatando suas histórias ou interagindo por meio da escuta e de risos. Em vários momentos uns dois alunos pareciam querer dominar a conversa, tentando ter a palavra todo o tempo. Outra dificuldade em alguns momentos foram as conversas paralelas, ao que parecia, esses alunos ao ouvirem o relato do colega, talvez pela vergonha de terem de socializar com todos ou mesmo pela falta de paciência em esperar a sua vez para ter a palavra, viravam para quem estava do lado para contar algo deles próprios. Administrar esse momento foi fundamental para correr maior fluidez na conversa, foi-lhes falado da importância do ato de ouvir dentro do aprendizado histórico e foi determinado que os que desejassem participar deveriam levantar a mão e teriam o seu momento de fala, enquanto os demais prestariam atenção. Em alguns momentos foi necessário determinar um número de pessoas que teriam a vez de falar.

A roda de conversa segue buscando agora trazer à memória do aluno relatos de outras pessoas sobre acontecimentos que os envolvam, ajudando-os a entender que suas memórias também estão entrelaçadas com as de outras pessoas e de que os relatos delas possuem grande relevância para a compreensão de quem são e dos fatos relacionados à sua vida.

Para isso, foi-lhes agora solicitado que contassem para a turma algum fato ocorrido com eles mesmos, mas que eram pequenos e não se lembram do que aconteceu, mas que outras pessoas mais velhas, como os pais, por exemplo, contaram o ocorrido. Agora mais desinibidos do que na pergunta anterior, houve relatos sobre como foi o seu nascimento, um aluno contou que sua mãe falara que

seu parto foi demorado e ele ficou roxo, que não chorou logo de início e que precisou ficar na incubadora. Outra aluna narrou um pouco do que os pais lhe contaram quando estourou a bolsa uterina de sua mãe e da correria que foi enfrentar o trânsito para chegar ao hospital. Um aluno disse que chorou muito em seu primeiro dia de aula, segundo afirma sua mãe. Mais alunos contaram sobre festinhas de aniversário e que além do relato dos pais há várias fotos em casa que os ajudam a conhecer mais sobre essas etapas iniciais de suas vidas.

3.3. As Fontes Históricas

Feita a socialização de relatos, a turma foi lembrada da discussão sobre História e memória, que para a “memória” o exercício realizado talvez já fosse suficiente para o entendimento – ao rememorar acontecimentos que se pode lembrar, selecionando e os compartilhando oralmente. Já a “História” é mais exigente, para ela seria necessário mais informações provenientes de outras fontes confiáveis. Neste momento foi explanada de maneira breve a continuidade das discussões em aulas futuras, dentro do projeto que culminaria no livro da família e na Feira.

Por questão de tempo, ficou para a aula seguinte uma discussão acerca do que são as Fontes Históricas, quando se recorreu ao próprio livro didático utilizado pela escola que traz brevemente essa temática em suas páginas iniciais, destacando que “para ter acesso ao passado, os pesquisadores utilizam os vestígios deixados pelos humanos” ao longo do tempo, que podem ser diversos, como os de tipo materiais, orais, imagéticos ou escritos (HISTÓRIA, p.288).

O docente ainda mostrou em projetor multimídia, uma apresentação em *Power Point*, de vários exemplos que aparecem no livro didático utilizado pela escola em unidades que ainda seriam utilizadas no decorrer do ano, de fontes que os historiadores recorrem para entenderem a História, como objetos do período da antiguidade clássica, relatos de tradições orais indígenas da Amazônia, pinturas de arte rupestre em sítios arqueológicos como o Parque Nacional da Serra da Capivara e ainda as cartas de navegação da época dos descobrimentos, aproveitando para explicar o que são as fontes primárias e secundárias, ressaltando ainda mais a importância deste projeto para o entendimento da construção histórica.

Ressaltou-se também que a memória é um desses recursos históricos, ela se faz presente em relatos que são transmitidos oralmente de pessoa a pessoa,

como foi feito em classe na aula anterior. As fontes orais são melhor trabalhadas em outro momento. Uma explanação breve sobre a história das fontes também foi feita pelo docente, mas o destaque agora foi para as fontes escritas.

3.3.1. Fontes escritas – Registro Civil de Nascimento

Após uma breve explicação sobre o que são as fontes escritas e sua importância, foi explicado acerca do Registro Civil de Nascimento (Certidão de Nascimento). A escolha deste se deve porque é o primeiro documento civil ao qual todas as crianças brasileiras devem possuir, sendo exigência, inclusive, para se ter acesso a serviços de saúde, educação e assistência social e é a partir dele que o indivíduo pode obter outros documentos⁷ como o Registro Geral (R.G.), o Cadastro de Pessoa Física (C.P.F.), Passaporte, entre outros, os alunos possuem-no e já sabem da sua existência, sendo necessário agora criar maior familiaridade com as informações impressas nele.

Uma cópia de uma Certidão de Nascimento retirada da internet foi utilizada e em forma de diálogo foi-lhes pedido que identificassem as informações que aparecem nela relativas à pessoa a quem pertence. As respostas dos alunos foram rápidas, indicando que o registro apresenta o nome completo da pessoa, data de nascimento, nomes dos pais, entre outros. Como atividade para a casa deveriam pedir aos responsáveis que lhes mostrassem o próprio documento do aluno, onde iriam identificar quais as informações a seu respeito e de sua família o registro apresenta.

Além das informações ali contidas, o exercício também buscava trazer para o aluno a ideia da necessidade de se questionar a fonte, verificando, por exemplo, a sua origem, quem a produziu e se veio de uma fonte segura, portanto acrescentou-se as seguintes perguntas: Quem produziu a Certidão de Nascimento? Esse é um documento importante? Por quê? Você considera as informações presentes nela como corretas e confiáveis? Por quê? Além da certidão de nascimento, quais outros documentos podem ser escritos sobre uma pessoa no decorrer de sua vida?

Na aula seguinte (Aula 3), buscou-se saber se os alunos realizaram a tarefa, verificou-se que eles não tiveram muita dificuldade com as informações solicitadas, a

⁷ Registro Civil do Nascimento. In: Gov.br, disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/registro-civil-de-nascimento/registro-civil-do-nascimento>. Acesso em: 31/Jan/2023

maior parte entregaram-na no prazo e corretamente, outros apresentaram em data posterior, o motivo provável é mais o esquecimento do que por dificuldade em realizá-la.

Sobre as informações contidas no documento, os alunos foram unânimes em escrever seu nome e data de nascimento, a maioria acrescentou o nome dos pais e avós. Para a pergunta relacionada a quem produziu o documento, as respostas foram variadas, a maioria respondeu que foi o governo, outros que foi o hospital onde nasceram, ou que os pais mandaram fazer, 2 alunos deixaram em branco e um escreveu que não sabia. Todos escreveram que é importante, mas a maioria não evidenciou o motivo. Na penúltima questão todos escreveram que as informações são corretas e confiáveis e justificaram afirmando que se deve ao fato de ter sido produzido pelo governo e sobre outros documentos escritos foram ressaltados principalmente os documentos civis como CPF, certidão de nascimento e casamento, uma aluna respondeu o boletim escolar e correspondências que uma pessoa troca com outra.

Após colher as respostas, foi realizado uma breve análise delas em sala, reafirmando principalmente os pontos onde os alunos apresentaram maiores dificuldades como escrever sobre quem o produziu (embora isso estivesse escrito no material de apoio e ter sido explicado em sala de aula) e também explanando que embora um documento tenha origem governamental não significa sempre que as informações presentes são corretas, devendo ser verificadas, geralmente comparando-as com outros documentos.

3.4. Atividade “Minha História” e a Minha história através da minha família

Uma segunda atividade foi proposta, a criação de um documento escrito por eles mesmos a seu próprio respeito. Cada aluno recebeu uma folha intitulada “Minha história”, com espaços para preencherem com algumas informações sobre si. Essa atividade objetiva, além de chamar a atenção para o documento escrito, incentivar a criação de registros de forma organizada, identificando, selecionando e escrevendo o que se quer preservar para si mesmo e para outros, tornando-se ainda mais interessante no futuro, quando poderá reler e rememorar as informações escritas nessa etapa da vida escolar e diferentemente da atividade anterior de relatos em uma roda de conversa, agora o aluno teve mais tempo para pensar sobre si mesmo, em sua individualidade e ainda organizar melhor as ideias em um texto escrito, onde

pode pensar melhor, escrever, apagar e reescrever o que está sendo registrado.

Esta atividade está dividida em duas partes, a primeira tem informações padrão a todos os alunos com espaços para preencherem com algumas informações básicas como o nome completo, idade, altura, local de moradia, nome da escola, série, turma e data. Na segunda parte os alunos já seriam livres para escreverem um pouco de sua própria história, sua família e o que mais desejassem, como passatempos, comida favorita etc. A ideia é estimular o aluno a lembrar, selecionar e registrar informações sobre sua própria vida e história, sendo as lembranças sua fonte principal baseada em suas vivências e no que outros disseram a respeito, como discutido na roda de conversa.

Como já mencionado em outros momentos desse trabalho, para que o aluno conheça a sua própria história, faz-se necessário conhecer também acerca de seu grupo familiar, aqueles que o antecederam, assim podendo melhor estabelecer conexões à sua história individual que ele procurou conhecer nos momentos iniciais do projeto.

Nesta fase os discentes irão buscar, além de suas próprias memórias, informações em fontes orais, escritas e imagéticas para conhecer mais sobre a sua família, construindo, inclusive, a sua árvore familiar genealógica.

3.5. Segunda roda de Conversa

Os alunos foram reunidos em mais uma roda de conversa. Enquanto na primeira eles fizeram relatos acerca de sua própria vida, agora lhes foi explicado a importância de se conhecer a história dos ancestrais, onde começa a história de cada indivíduo.

O objetivo é evidenciar as memórias familiares, informações e acontecimentos marcantes na vida de outras pessoas da família que os discentes ouviram da própria pessoa ou de alguém próximo. O objetivo foi que refletissem o quanto eles conheciam sobre a sua família e suas memórias e instigar-lhes o interesse de buscarem mais informações posteriormente.

Foi-lhes perguntado se sabiam de algum acontecimento importante na vida dos pais ou de outros familiares próximos, poderiam ser experiências que o aluno vivenciou junto com a pessoa ou que ela lhe havia relatado. Seguindo uma tendência da roda de conversa anterior, os relatos que se seguiram centraram-se em acontecimentos engraçados envolvendo os pais, acrescidos de momentos que

geraram dor física ou alguma conquista, como uma aluna que relembrou a conquista na vida da mãe quando concluiu a faculdade com grande esforço. Outra contou quão difícil foi para a mãe quando deu à luz. A conversa seguiu com um aluno provocando risos na sala ao contar de forma cômica sobre uma vez em que o pai levou uma queda; a história foi seguida por um dos discentes que contou algumas das travessuras do pai quando criança, outra aluna já emendou relatando sobre o que a sua mãe conta a respeito de como era a vida de uma criança em sua época quando não tinha celular, joguinhos e internet e que as crianças passavam o dia na rua brincando, outros alunos também comentaram que seus pais diziam a mesma coisa; pelas suas falas parecia que os pais lhes contavam essas histórias em contextos comparativos entre as gerações enaltecendo o passado, com um ar de nostalgia.

Já que esse assunto foi levantado, foi-lhes perguntado se os mais velhos contavam o que eles geralmente brincavam quando crianças, alguns alunos mencionaram jogos de futebol, queimada, brincadeira de corda, de se esconder, entre outros, os discentes foram indagados então se dentre as brincadeiras mencionadas pelos mais velhos, tinha alguma que eles não conheciam, os que responderam disseram que conheciam, mas evidenciaram a diferença de que hoje tem o aparelho celular, as brincadeiras antigas ainda existem, mas competem com as que estão no mundo virtual, o que para esses alunos, parece-lhe melhor o momento de hoje em que podem fazer uso deste novo recurso tecnológico.

Assim como na roda de conversa anterior os alunos foram bastante participativos mostrando o interesse da turma para este tipo de atividade e nas histórias próprias e de seus antepassados. Houve a necessidade de administrar os momentos de fala de cada um que desejava verbalizar, assim como conter as conversas paralelas e ainda tinham os alunos que relatavam suas próprias experiências e não a dos mais velhos, que era o proposto para este momento.

Entretanto alguns alunos apenas ouviam e observavam, indaguei a dois alunos que não participavam se tinham algum relato de seus pais ou de alguém mais velho da família com o qual convivia, afirmaram que não, o que gerou uma dúvida se a ausência desse relato foi por timidez, por não lhe vir nenhum acontecimento em sua mente, por ter pouco contato com os mais velhos que não chegam a adentrar nesse tipo de assunto ou ainda que esse jovem fica mais

mergulhado em seu próprio eu que não acha interessante ouvir e guardar essas histórias dos mais velhos.

3.6. Árvore Genealógica e Entrevista – História Oral

Após a roda de conversa, foi-lhes explicado sobre o que é uma árvore genealógica e que através de documentos como a Certidão de nascimento pode-se encontrar as informações para preenchê-la. Em seguida, os alunos receberam uma folha com uma árvore genealógica por completar (Em anexo), nela tinham espaços para colocar o seu nome, data e local de nascimento, o mesmo para seu pai, mãe, avós maternos e paternos e ainda seus bisavós.

A atividade foi realizada em sala e nesse momento foi-lhes orientado a não entrarem em contato com os pais para pedirem ajuda, pois a intenção seria para ver se eles tinham essas informações em mente, para que fossem instigados a avaliar o quanto eles sabiam ou não sobre as informações relacionadas a seus antepassados.

Todos os alunos conseguiram preencher os campos iniciais da árvore, com seus dados, dos pais (apenas um não tinha certeza da data de nascimento do pai), dos avós a maioria conseguiu preencher pelo menos o primeiro nome, dois já tinham os avós falecidos e devido a essa ausência de contato não recordavam o nome deles, outros três alunos tiveram dificuldades de lembrar o nome de pelo menos um dos avós. Quanto ao local de nascimento dos avós poucos conseguiram preencher a cidade, neste caso a atividade era flexível, poderiam colocar o nome da cidade ou estado, então preencheram com o estado.

Quanto ao campo de preenchimento referente aos bisavós, a turma teve muita dificuldade, neste caso nenhum dos alunos conseguiu preencher ao menos o nome de todos os bisavós, poucos sabiam no máximo um ou dois deles, o que mostra que quanto mais distantes do tempo presente se buscava resgatar as informações sobre a família, mais difícil foi para o aluno encontrá-las. Isso pode nos indicar uma tendência sobre as informações familiares desses alunos e que pode se aplicar a outras pessoas, que quanto mais se avança nas gerações anteriores, menos informações se têm sobre os antepassados, pois essas memórias e informações vão sendo perdidas de uma geração para outra, o que se tende a repassar às gerações seguintes são em sua maior parte acontecimentos ocorridos

consigo mesmos ou com os pais e menos das gerações anteriores, assim sendo as gerações atuais conhecem algo sobre seus pais, um pouco sobre seus avós e menos ou nada sobre seus bisavós.

Esta atividade foi enviada como dever de casa para ser refeita com a ajuda de seus responsáveis. O resultado dessa vez foi diferente, pois a maioria dos alunos chegaram com a sua árvore preenchida com os nomes de todos ou quase todos os membros da família, a dificuldade maior foram as datas de nascimento e falecimento (se fosse o caso).

Dos 26 alunos, todos preencheram com o seu próprio nome e data de nascimento, assim como o dos pais, o campo dos avós todos haviam preenchido a parte do nome e 15 alunos preencheram o campo das datas. Assim como no primeiro momento, os discentes tiveram dificuldade em obter informações relativas aos avós, mesmo com a ajuda dos pais; no campo nome 21 alunos tiveram o nome de todos os bisavós, os demais ficou faltando algum dos nomes; em relação a datas apenas 8 alunos conseguiram preencher tudo, 10 preencheram parcialmente o campo data e os demais escreveram apenas os nomes dos bisavós e nenhuma das datas. Ao serem indagados, os alunos relataram que foi divertido preencher a árvore e que a ausência de alguns dados, principalmente relativos à datas, foi também uma dificuldade dos próprios pais e responsáveis por não possuí-las, o que iria requerer um esforço maior em pesquisar com outros parentes que possivelmente tivessem esses dados.

Imagem 03: Árvore Genealógica completa Imagem 04: Árvore genealógica simplificada

ÁRVORE GENEALÓGICA COMPLETA

Eu Data de Nascimento: _____
Local de Nascimento: _____

Pai Nome: _____
Data de Nascimento: _____
Local de Nascimento: _____
Data de Falecimento (se aplicável): _____
Local de Falecimento (se aplicável): _____

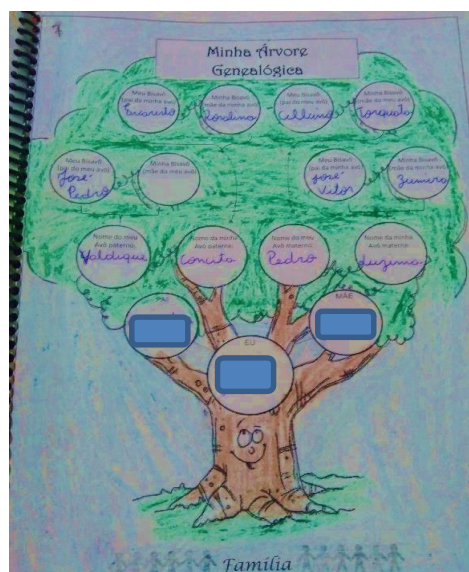
Mãe Nome: _____
Data de Nascimento: _____
Local de Nascimento: _____
Data de Falecimento (se aplicável): _____
Local de Falecimento (se aplicável): _____

AVÓS PATERNOS:
Nome: _____
Data de Nascimento: _____
Local de Nascimento: _____
Data de Falecimento (se aplicável): _____
Local de Falecimento (se aplicável): _____

Avô Nome: _____
Data de Nascimento: _____
Local de Nascimento: _____
Data de Falecimento (se aplicável): _____
Local de Falecimento (se aplicável): _____

AVÓS MATERNO:
Nome: _____
Data de Nascimento: _____
Local de Nascimento: _____
Data de Falecimento (se aplicável): _____
Local de Falecimento (se aplicável): _____

Avó Nome: _____
Data de Nascimento: _____
Local de Nascimento: _____
Data de Falecimento (se aplicável): _____
Local de Falecimento (se aplicável): _____



Com isso pode se verificar que na turma em questão os alunos e suas famílias possuem os dados genealógicos das gerações mais imediatas, isso porque remetem a si próprios e a seus pais, entretanto à medida que as gerações vão avançando no passado as informações ficam mais escassas, havendo a necessidade de buscá-las junto a outros parentes, já que essas famílias não têm o hábito de construírem um arquivo pessoal familiar que dê conta de documentos ou outras fontes de fácil consulta, o que dificulta o acesso à essas informações.

A turma também realizou o preenchimento de uma árvore familiar simplificada com o nome dos familiares apenas, esta é feita em um desenho de uma árvore. Durante a aula foi explicado aos alunos o que é a história oral e sua importância, tendo como uma de suas bases principais o ato de entrevistar outra pessoa e foi tratado mais uma vez com brevidade as semelhanças e diferenças entre história e memória.

Foi-lhes lembrado sobre as duas rodas de conversa em classe, quando o professor fez perguntas e a turma, por sua vez, as respondeu, evidenciando algo fundamental para este tipo de fazer histórico que é o ato de se comunicar, no falar e no ouvir, o ato de registrar e analisar o que foi dito. Então diferente do que foi feito na roda de conversa em que as memórias pessoais e familiares foram trazidas à turma de modo menos criterioso, ou mesmo em simples conversas do dia a dia com um amigo, no fazer histórico, como a história oral, se faz necessário o emprego de algumas técnicas e ferramentas para garantir melhor rigor ao que está sendo produzido.

Os alunos foram orientados que deveriam realizar uma entrevista com um familiar, de preferência um dos pais, mas que poderia ser um dos avós ou algum familiar adulto que mora em sua casa, a escolha da pessoa a ser entrevistada ficou à critério do aluno, primeiro para que ele a realizasse com uma pessoa com quem tivesse contato, facilitando a execução da atividade, alguém que o aluno tivesse curiosidade e interesse em saber mais a respeito. Embora fosse preferível alguém de sua linhagem direta, foi deixado em aberto à escolha de quem seria entrevistado, evitando um possível constrangimento para o caso dos discentes que não residissem com um dos pais ou avós, ou tivessem pouco contato com eles.

Foi discutido algumas das técnicas e recursos que um historiador usa em

seu trabalho, como um roteiro para a conversa e a necessidade de registrar as respostas do entrevistado (SANTIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 61-62). Foi perguntado aos alunos quais algumas coisas que gostariam de perguntar ao seu entrevistando, a partir das suas respostas que foi elaborado o roteiro. Não é intenção desta entrevista seguir os vários percursos de técnicas da história oral, mas o de proporcionar ao aluno o contato com esse tipo de fazer histórico quanto a aplicação de algumas dessas técnicas.

Foi pedido, por exemplo, que gravassem a entrevista com um aparelho celular. Embora profissionalmente gravar e transcrever uma entrevista seja uma parte fundamental para quem trabalha com história oral, (SANTIAGO; MAGALHÃES p.80-83), neste caso de um trabalho escolar com uma turma de 6º ano isso não foi exigido, o seu uso é mais para que o aluno se familiarize um pouco com esse tipo de fonte e tenha esse registro que poderá facilitar a escrita das respostas do entrevistado, no qual o discente poderá recorrer caso tenha dificuldade em escrever alguma das respostas da entrevista, além disso a gravação poderá integrar o acervo pessoal do aluno de fontes familiares, se tornando uma boa recordação da conversa com esse família, assim como dos tempos de escola. As gravações não foram recolhidas pelo professor.

Imagem 05: Folha de Entrevista realizada por um dos alunos com o seu pai que passou a integrar o seu livro da família.



Fonte: Fotografia do Livro da família de um dos alunos. O próprio autor, 2022.

Em relação ao roteiro, ele está dividido em duas partes. Como já mencionado, ele foi construído com base na conversa em momento anterior com os discentes, no qual falaram algumas perguntas que teriam curiosidade de fazer. Com esse roteiro impresso, eles receberam-no já pré-montado com perguntas dadas pelo professor e com algumas linhas para as respostas. Após essas perguntas foi dado um espaço para que eles colocassem questões formuladas por eles mesmos que fossem de seu interesse.

Na primeira parte tinham alguns dados a serem preenchidos como a data da entrevista, o nome do entrevistado, seu grau de parentesco, foto da pessoa, dados básicos como data e local de nascimento.

Em relação às perguntas que os alunos foram incumbidos, elas seguem o que Santhiago e Magalhães (2015, p. 48) destacam como entrevista de vida, que tem por objetivo conhecer sobre a vida da pessoa e geram perguntas mais abertas, como “conte-me sobre a sua vida” e também perguntas simples do dia a dia do indivíduo. Neste roteiro, as questões passam um pouco pelas etapas da vida da pessoa, da infância, adolescência e vida adulta, com o objetivo de se conhecer de sua trajetória. O espaço que segue, como já mencionado, seria preenchido com perguntas do próprio aluno.

As perguntas iniciais eram para que o entrevistado relatasse como foi a sua infância e o que gostava de brincar.

Na adolescência, se estudava, como era a sua escola e sua disciplina favorita, também quais as músicas que gostavam de ouvir – a intenção dessas perguntas é comparar o que o entrevistado fazia nessa época com o momento em que o próprio aluno vivencia nessa fase de transição da infância para a adolescência.

Da fase adulta foi perguntado como conheceu o seu cônjuge, essa pergunta foi feita para o caso de o aluno estar entrevistando um dos pais ou avós, para que saiba mais sobre sua história pessoal, conhecendo como eles iniciaram seu relacionamento. Também, intencionando criar uma conexão entre o entrevistador e o entrevistado, além de gerar um aprendizado entre as gerações, foi perguntado sobre os seus passatempos, sobre alguma dificuldade que tenha passado e que conseguiu superar e um conselho de vida que o entrevistador gostaria de dar ao entrevistado.

Seguiu-se então para as perguntas que o próprio aluno deveria elaborar para questionar o entrevistado, de acordo com a sua curiosidade e interesse. Foram

deixados espaços para mais 10 perguntas que o aluno teria a escolha de preencher todas ou não.

Foi dado o tempo de duas semanas para que os alunos apresentassem a atividade e como é recorrente a essa turma em atividades para a casa, alguns não a apresentaram dentro do prazo, sendo prorrogado para mais alguns dias a sua conclusão, porém todos a entregaram.

Os alunos entrevistaram um dos pais ou avós, nenhum entrevistou algum familiar fora desse grupo. 13 alunos falaram com a mãe, 9 com o pai, 1 o avô, 3 a avó. No geral, as anotações dos alunos traziam respostas curtas, podemos deduzir duas possibilidades, que os familiares realmente falaram pouco ou que os alunos sintetizaram muito as respostas para evitar uma escrita alongada.

Sobre a infância as respostas eram geralmente “foi boa”, “foi tranquila” ou “foi feliz”, dois dos avós ressaltaram a diferença temporal e alguns de seus reflexos sociais na vida das crianças de que quando crianças viviam sem violência e sem tecnologia, que as crianças podiam brincar mais na rua, diferentemente de hoje. Na questão sobre as brincadeiras as respostas foram comuns, todas envolvendo brincadeiras de correr, se esconder, futebol, boneca entre outros.

Em relação a adolescência na escola, as respostas foram curtas semelhantemente a de como foi a infância, três deles ressaltaram que a escola ficava distante de sua residência, sendo necessário caminhar longas distâncias. As disciplinas favoritas foram bem variadas (apenas quatro mencionaram História), assim como as músicas que ouviam, uma das mães respondeu que não costumava ouvir música. Quando os alunos foram posteriormente indagados em grupo pelo professor se gostavam dos mesmos estilos musicais eles concordaram, mas que gostavam de outros ritmos também, uma aluna disse que não gosta do tipo de música que o pai mencionou, forró.

Em relação a vida adulta, as respostas foram igualmente variadas, sobre como conheceram seu cônjuge, uns conheceram através de amigos, na escola, faculdade, trabalho, nas férias etc. Sobre o seu passatempo hoje, alguns alunos deixaram em branco, outros escreveram televisão, cuidar da família, ir ao clube aos fins de semana, assistir vídeos da internet, entre outros. Sobre um momento de dificuldade, praticamente todas as respostas giravam em torno de doença, falecimento de alguém da família ou desemprego, uma delas mencionou ausência paterna.

Em relação a uma história engraçada, várias narrativas surgiram, em sua maioria envolvendo algum constrangimento ou um momento que gerou dor, como queda de bicicleta, queimadura com ferro de passar, corte na mão com uma garrafa, etc. Sobre o conselho que o entrevistado daria ao entrevistador, todos faziam menção a estudar ou a não desistir de seus sonhos.

No campo para que o aluno completasse com perguntas próprias, alguns deixaram essa parte em branco, não escrevendo nenhuma pergunta extra, uma das alunas escreveu as perguntas, mas não as respostas do entrevistado. Aos alunos que preencheram, suas perguntas foram em sua maioria de cunho informativo e de resposta curta, como quantos anos você tem, quantos irmãos tem, cor e comida preferida, número de calçado, quantos anos tem de casado, gostaria de mudar de país, entre outras. Alguns acabaram repetindo algumas das questões que já haviam sido colocadas no roteiro construído em sala com o professor, talvez em uma tentativa de burlar a atividade, entregando-a de qualquer jeito apenas para entregá-la finalizada.

Em conversa coletiva com a turma posteriormente à entrevista sobre como foi a experiência, a sua avaliação foi muito boa, disseram que aprenderam várias coisas que não sabiam sobre o entrevistado, alguns deles recontaram algumas coisas que foram conversadas e registradas, alguns deles narraram as histórias engraçadas mencionadas.

Foi perguntado se viram muita diferença entre as respostas dadas pelo entrevistado e as suas próprias vivências e opiniões, como, por exemplo, as brincadeiras preferidas de quando criança, os alunos responderam que gostam também de brincar das mesmas coisas, como futebol, queimada, etc, mas que gostam muito também de ficar na internet, acessando as redes sociais, em jogos eletrônicos, assistindo a vídeos no *Youtube* ou em plataformas de *streaming*, dois alunos afirmaram, inclusive, que não gostam de brincadeiras externas, apenas as que são realizadas em computadores e *smartphones*. Uma aluna chamou atenção ao fato de os avós terem que caminhar por muito tempo para chegar à escola e que isso a deixou surpresa pelo fato de que “hoje é muito mais fácil estudar”, afirmou.

Esse tipo de comparação é boa na história oral utilizada em sala de aula, pois “contribuem para o desenvolvimento de habilidades analíticas e de senso crítico” (SANTIAGO; MAGALHÃES, 2010, p. 63).

Foi-lhes perguntado sobre a parte da entrevista na qual eles deveriam incluir

no roteiro seus próprios questionamentos, o que os teria levado a escolherem essas perguntas? Nesse momento, eles não souberam muito o que responder, mas concordaram que são perguntas que tinham curiosidade de fazer. Aos discentes que não completaram a atividade, não escrevendo as perguntas ou que as colocaram, mas não incluíram as respostas, foi-lhes questionado os motivos, aos que responderam com certa hesitação que esqueceram ou que o entrevistado tinha outros afazeres e não deu tempo de responder, o *feedback* dos alunos sobre este ponto faz refletir sobre a quantidade de perguntas a serem feitas na entrevista em projetos desse tipo, que não devem ser em número excessivo, ou que o docente deve considerar essas variantes, sendo flexível em relação ao número de perguntas ou tempo de entrevista.

3.7. Escrevendo a minha História familiar

A partir do que foi reunido e discutido no decorrer do projeto até este ponto, foi-lhes solicitado que escrevessem um texto sobre a sua família, usando suas próprias memórias e algumas das atividades que foram trabalhadas, como os dados de um documento civil oficial, em especial a certidão de nascimento que foi utilizada em uma atividade no início do projeto, as informações de sua árvore genealógica por eles construída, a entrevista com um familiar e outras informações adicionais que desejassem incluir.

Para melhor realização desta produção textual, a professora de Língua Portuguesa ajudou, em sua própria aula, com orientação dos caminhos que a redação deve percorrer a fim de garantir maior coesão e coerência, dando a esta fase do projeto um caráter interdisciplinar. A parceria foi muito boa, pois garantiu ao aluno maior entendimento sobre o processo de escrita, além de que possibilitou maior variedade ao projeto, dialogando com os saberes de outros componentes curriculares.

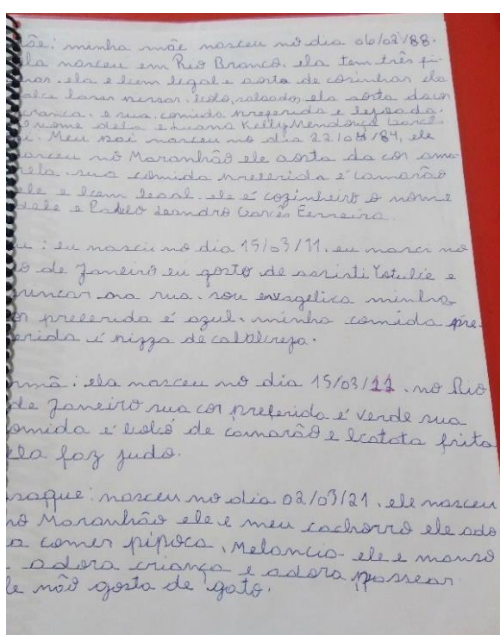
Nem todos os alunos apresentaram esta atividade, alguns acabaram não seguindo as orientações sobre o uso de documentos solicitados. No geral, os alunos concentraram-se mais na história do tempo presente em relação a sua família, seu próprio nome, nome dos pais, irmãos, datas de nascimento, passatempos etc.

Por exemplo, uma das alunas escreveu alguns dados que estão na certidão de nascimento, mesclados a informações colhidas na entrevista, além de outras informações que obteve de outra forma. Ela começou escrevendo sobre a

mãe, depois o pai, seus nomes completos, data e local de nascimento, em seguida o número de filhos e os gostos de cada um; disse que a mãe gosta de cozinhar e tem a feijoada como prato preferido, já o pai gosta de comer camarão, sua cor favorita é o amarelo e ele é cozinheiro. A seguir ela segue falando de si mesma, data e local de nascimento, cor favorita, que é o azul, comida preferida, pizza de calabresa e declara a sua religião evangélica. Nos parágrafos seguintes faz a mesma coisa falando do irmão, estruturando a sua escrita no mesmo padrão de informações, ao final ela inclui até mesmo o cachorro, o que leva a conclusão de que a jovem entende que o seu animal de estimação também faz parte da família e merece esse destaque.

Imagem 06: Texto escrito por uma das alunas

sobre a sua história familiar que passou a integrar o seu livro da família.



Fonte: Foto do autor, 2022.

Destaca-se também o relato de outra estudante, que se difere um pouco no seu texto em relação ao da aluna mencionada anteriormente, trazendo em seu relato o drama que muitos dos jovens trazem consigo para sala de aula. Esta aluna começa apresentando um panorama geral em relação ao estado emocional de sua família e como ela se sente em relação a isso. Após escrever o seu nome, ela afirma que sua família possui muitos problemas, em grande parte provocados pelo divórcio dos pais e todas as questões judiciais ligadas a isso, não obstante, a família nutre um sentimento de amor um pelo outro, declara.

A aluna segue relatando a morte de entes queridos durante a pandemia de Covid-19, no ano de 2021, no qual vieram a falecer o seu bisavô e bisavó, inclusive o cachorro da sua avó paterna que morreu no mesmo período, evidenciando o amor que ela tem pelos bisavós e pelo animal de estimação que assim como a aluna antes mencionada, o animal é incluído como um membro participante da família e que sua perda certamente trouxe um impacto sobre a sua vida no rol de acontecimentos tristes ocorridos naquele ano pandêmico.

Prosseguindo, a aluna escreve sobre si mesma, nome completo, data e local de nascimento, nome dos pais e um pouco como foi a vida deles logo após o seu nascimento, seus empregos naquela época e hoje. A seguir o relato finaliza apontando lugares que a aluna já visitou, assim como alguns de seus gostos.

Outro aluno estruturou o seu texto em memórias da família em relação ao seu nascimento e traz uma narrativa principalmente pela perspectiva do olhar materno sobre esse momento tão importante da história de vida dele, de sua mãe e de toda a família, que, possivelmente, aguardavam com ansiedade a chegada de um novo bebê e despertava os melhores sentimentos no coração de todos, que para a mãe, segundo o texto, era lindo e choroso e que ao chegar em casa pela primeira vez foi quando ele conseguiu dormir mais tranquilamente. É relatado um pouco também sobre as primeiras mamadas e o primeiro passeio.

Observa-se nos exemplos citados e na escrita dos outros alunos que a produção textual trouxe várias informações familiares as quais foram trabalhadas em sala, envolvendo diferentes tipos de fontes, as escritas, provenientes da certidão de nascimento, a história oral das entrevistas, assim como as memórias familiares que o aluno teve contato ao longo da vida. Os textos trouxeram à tona sentimentos e o que nesse momento é entendido como significativo para aqueles jovens, o que em sua individualidade sentem que merece ser preservado em um documento escrito produzido por eles mesmos, que poderá ser revisitado a qualquer momento, evidenciando mais uma vez que a construção histórica toma como ponto de partida interesses e preocupações do presente, influenciando diretamente nesse olhar sobre o passado.

Isso foi confirmado em conversa posterior à produção textual, quando perguntados por qual motivo selecionaram aquelas informações para escreverem no texto e não outras, depois de um momento de silêncio enquanto pensavam, alguns

afirmaram que tomaram como base principalmente a entrevista, outras conversas com os pais e outros parentes e o documento da sua certidão de nascimento e a Cédula de identidade dos pais, buscando lembranças pessoais e a externalização de seus sentimentos em momentos diversos.

3.8. Minha história nas fotografias – Fontes Imagéticas

Além dos documentos escritos e orais, a história pessoal e familiar também se fez presente neste trabalho através de imagens.

Os alunos foram convidados a refletirem sobre como as imagens podem ajudá-los a conhecerem mais da sua história pessoal e familiar. Foi feita uma breve exposição sobre as pinturas de arte rupestre como alguns dos primeiros registros humanos, presentes em diversos sítios arqueológicos do Brasil e do mundo, assim como a história da fotografia e antes dela a pintura, com amostra de algumas imagens em projetor multimídia.

Essa é uma atividade importante porque o mundo em que se vive na atualidade é dominado por imagens “obtidos ‘diretamente’ da realidade, seja pela encenação ficcional, seja pelo registro documental, por meio de aparatos técnicos cada vez mais sofisticados” (NAPOLITANO, 2011, p 236). O aluno está inserido dentro desse mundo e costumam ter bastante facilidade em utilizar essas tecnologias através dos *smartphones*.

Foi debatido que a fotografia vai além do que simplesmente “congelar” um momento em um papel ou tela digital, elas possuem uma intenção, havendo a necessidade de refletir sobre ela, não devendo sempre ser tomada como verdade, pois é necessário saber quem a produziu, por qual motivo? O que foi incluído na imagem, com qual intensão? O que foi excluído da imagem, por quê? Como é o espaço da imagem retratada? Será que essa paisagem é outra atualmente? Como será o estado emocional das pessoas retratadas, estão felizes, tristes, preocupadas? E como estão vestidas? Como a imagem retrata a moda da época em que foi tirada? O que essa fotografia revela sobre a sociedade onde aquelas pessoas estão inseridas? Enfim, são inúmeras perguntas que podem ser feitas a uma imagem para melhor compreendê-la e as muitas histórias que ela traz consigo. (MENEZES NETO, 2015, p. 94).

Em sala foi mostrada algumas imagens de famílias encontradas na internet e

os alunos foram instigados a fazerem perguntas a essa imagem as quais foram respondidas coletivamente.

Neste caso, foi pedido que os alunos escolhessem fotos especiais em que eles estivessem presentes, podiam ser individuais ou em família e foi pedido que imprimissem-nas e colocassem o ano em que foram tiradas. Foi solicitado que optassem por uma entre duas tarefas: escolhessem 5 fotos suas, as datassem e as colocassem em sequência como se fosse uma linha do tempo, o conceito de linha do tempo e calendário foram trabalhados em sala através do livro didático – ou que fizessem o *Challenge*⁸ das redes sociais em que na atualidade busca-se reproduzir o mais fiel possível uma foto antiga, se possível com as mesmas pessoas, imitando as poses e roupas, o mais interessante desse desafio é observar as mudanças das pessoas com a passagem do tempo, entre uma foto e outra, dando um tom cômico a situação. Seja em uma ou na outra tarefa, ambas têm por objetivo que escolham fotos que lhes sejam importantes e que compreendam a questão da temporalidade datando as imagens, as dispendo cronologicamente.

Praticamente toda a turma executou essa tarefa, com exceção de quatro alunos, quando indagados a respeito, afirmaram esquecimento. Outro aluno colocou apenas uma foto sua de bebê recém-nascido, com a data completa, e outro uma foto atual, não datada.

Foi pedido que, além de imprimir o material em uma folha A4 que seria colocado no livro da família, as mesmas fotos fossem enviadas também para o *whatsapp*⁹ do professor para facilitar a exibição das mesmas no projetor multimídia para toda a turma, aos que não enviaram as fotos virtualmente, uma cópia digitalizada do que entregaram impresso foi providenciada pelo docente para facilitar a visualização.

⁸ *Challenge* (Inglês: Desafio). Consiste em um desafio feito por alguém nas redes sociais, como o *Facebook*, *Instagram*, *Tik Tok*, etc, no qual as pessoas são convidadas a reproduzirem uma tarefa, geralmente algo engraçado ou difícil, pode ser uma coreografia, esquete, imitação, brincadeira, entre outros. Os que aceitarem o desafio deverão fotografar ou filmar o que foi feito e postar na *internet*.

⁹ O *WhatsApp* é um aplicativo de comunicação instantânea disponível para celulares Android e iPhones. O *app* foi criado em 2009, nos Estados Unidos, por Brian Acton e Jan Koum, com objetivo de oferecer uma alternativa às mensagens via SMS. A praticidade de permitir a troca de mensagens de texto pela internet sem as tarifas fez com que o WhatsApp rapidamente se popularizasse, principalmente em países com economias mais frágeis. In: Canal Tech. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/whatsapp/>. Acesso em: 01 de novembro de 2022.

Cumprido a entrega do material, as imagens foram mostradas para toda a turma, os alunos ficaram muito surpresos ao verem as fotos dos colegas quando menores, esse foi um momento de grande descontração. Foi-lhes, então, perguntado o motivo de terem escolhido essas imagens para o trabalho, o que significava para eles, ao que responderam em sua maioria que foram tiradas em algum momento especial, um aniversário, um passeio, outros não sabiam o que responder, uma aluna disse que escolheu a foto porque ela estava bonita na imagem e que não iria escolher uma foto feia para colocar no trabalho, todos da sala riram, foi uma oportunidade de, em cima dessa fala, conversar com a turma sobre a questão da seleção que há na fotografia e que o estudioso precisa pensar nisso ao analisá-la.

Mais reflexões foram feitas. Foi pensado coletivamente o que mudou nas pessoas com o passar do tempo, nas suas roupas e se a foto foi tirada no mesmo lugar, o que mudou no ambiente e como essas imagens ajudam a conhecer mais sobre a história das pessoas retratadas e sua família.

Dentre as fotografias apresentadas e exibidas para a turma, um aluno aceitou o *challenge* e recriou em 2022 uma foto de 2013, onde aparece com o pai e o irmão. Os alunos apontaram que na fotografia de 2013, as duas crianças ainda pequenas ficavam praticamente à altura do pai que estava agachado, 9 anos depois via-se a grande diferença de altura que os irmãos atingiram, o pai agachado parece bem pequenino anos depois, as feições das crianças também mudaram. Um aluno também observou que o patrocinador do time de futebol que estava estampado nas camisas que estavam usando também mudou, mas que a família continua torcendo para a mesma equipe, ao que o professor rapidamente relacionou ao aspecto cultural que a imagem traz sobre a cultura do futebol no estado do Pará e como ela vai passando de pai para filho. Foi notado também pelos alunos que o piso do local permanece o mesmo, mas não possui mais a palmeira. É interessante também notar a participação do pai e do irmão no projeto ao ajudar o aluno nesta tarefa.

O mesmo aluno aparece em mais duas imagens, uma em seu primeiro aniversário no ano de 2011, com o presente que acabara de ganhar e na outra imagem com o irmão, dois anos mais tarde após um treino de judô no qual o pai é treinador, outras fotos seguiram essas, datadas e organizadas cronologicamente, conforme solicitado.

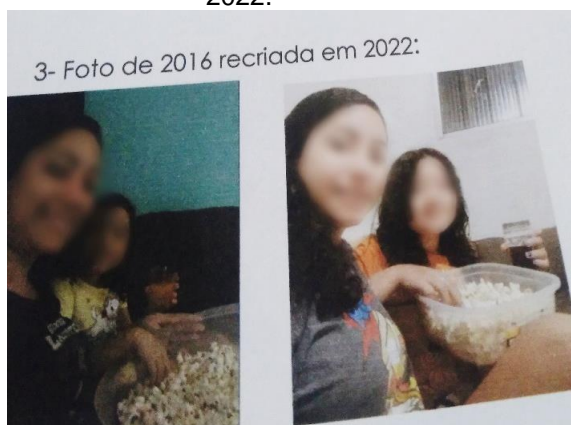
Imagem 07: Conjunto de Fotografias de um aluno com sua família em 2013 e 2022.

Imagem 08: Conjunto de Fotos que eram acervo familiar de um aluno ainda bebê e um pouco maior com o seu irmão.



Fonte: Livro da família, do aluno. Fotografia do autor, 2022.

Imagem 09: Conjunto de fotos em que uma aluna e sua mãe em 2016 e a foto recriada em 2022.



Fonte: Livro da família, do aluno. Fotografia do autor, 2022.

Imagem 10: Aluna em foto tirada em 2012 e recriada 10 anos mais tarde.



Fonte: Livro da família, do aluno. Fotografia do autor, 2022.

Outra foto recriada foi de uma aluna com sua mãe comendo pipoca e assistindo ao seu filme preferido, uma imagem de 2016 e outra seis anos mais tarde, em 2022. Ela afirmou em conversa que é praticamente uma tradição das duas assistirem filmes comendo pipoca aos fins de semana, por isso ela e a mãe acharam que seria interessante reproduzir este momento, ela destacou que o ambiente mudou após uma reforma que elas fizeram na casa no ano anterior.

Mais uma aluna aceitou o *challenge* e reproduziu uma foto andando de bicicleta com dez anos de diferença entre ambas. Ao mostrar para a turma as duas imagens, os alunos destacaram, além da fisionomia que mudou significativamente, também a bicicleta, antes de rodinha e toda cor de rosa e em 2022 uma bicicleta maior e menos colorida, ao que o docente aproveitou para comentar que a imagem ajuda a conhecer um pouco da cultura familiar de fazer penteados diferenciados nas meninas pequenas, amarrando o cabelo com um tipo de elástico nas laterais da cabeça, muito popularizados no Brasil pela cantora e apresentadora Xuxa, que tinha nesse penteado uma grande referência, além da cultura de comprar brinquedos cor de rosa para as meninas e azul para os meninos. A aluna afirmou que escolheu essa foto para reproduzir porque gostava muito daquela bicicleta, sendo essa uma de suas brincadeiras prediletas na época e acrescentou que as fotos foram tiradas em lugares diferentes, já que a foto atual foi tirada em Belém, porém a primeira em sua terra natal, no Rio de Janeiro.

Uma montagem de fotos a destacar (a seguir) são as de um aluno, ele fez uma sequência de seis fotos organizadas em ordem cronológica, contando um pouco de sua história de vida que inicia mesmo antes de seu nascimento. A primeira imagem apresenta os pais ainda quando eram namorados em 2007 e na legenda também o ano de 2010, o ano em que a sua mãe deu-lhe à luz, é interessante verificar o entendimento do aluno de que sua história começa antes do seu nascimento, ligada a seus ancestrais, como propõe este projeto. A segunda foto continua com o aluno já no colo da mãe com um ano de idade, em 2011, as fotos seguintes já trazem a “colação de grau no ABC”, ao lado de um amigo, em seguida uma foto com os avós, depois um passeio com a mãe e o irmão em 2018 e por fim, um momento em família na piscina com o pai e o irmão, no ano seguinte, em 2019.

Imagem 11: Momentos importantes de um aluno e sua família organizados cronologicamente.



Fonte: Livro da família, do aluno. Fotografia do autor, 2022.

Na roda de conversa os alunos notaram a sequência de eventos e como ela está organizada na mesma ideia de uma linha do tempo e como as imagens vão contando a história não apenas do aluno, mas um pouco da história desta família. Um namoro, que gerou filhos, nas imagens se vê dois, também os avós, nota-se um pouco dos gostos da família para diversão e *hobby*, como passear no *shopping* e frequentar a piscina. As imagens suscitaram na turma diferentes memórias, criando uma conexão com o que estava sendo apresentado. Alguns revelaram também gostar desse tipo de passeio em família e mencionaram outros tipos de passatempo com os pais e irmãos, dois deles tiveram a palavra e contaram de sua viagem à Fortaleza e outro à praia de Mosqueiro, além de passeios frequentes ao *shopping center* que fica em seu bairro, outros já chamaram a atenção para a formatura na escolinha, a qual também possuem fotos guardadas.

3.9. Os objetos também contam história – As Fontes materiais:

As fontes materiais também foram utilizadas neste trabalho para que os alunos entendam que através delas o ser humano também deixa suas marcas e que elas podem contar um pouco sobre a pessoa e mesmo sobre a sociedade que as utilizava. Foi mostrado em projetor multimídia alguns dos objetos que o livro didático referencia ao longo dos capítulos que trazem a cultura material.

Foi debatido com os alunos que não apenas os povos do passado deixaram objetos que contam a sua história, mas cada pessoa hoje também. Como exemplo, foi observado junto com a turma a mochila de uma colega e foi indagado o que essa mochila pode indicar sobre a sua dona? A cor da mochila era rosa, logo poderia indicar que ela gosta dessa cor, uma aluna chamou a atenção para uma personagem que estampa a parte da frente da mochila, logo podemos inferir que ela poderia gostar da personagem, pois caso contrário não estaria usando tal mochila.

Além disso, o uniforme escolar, o que ele diz sobre quem o possui? Logo os alunos responderam que mostra onde a pessoa estuda ou estudou, se no futuro os filhos ao se depararem com elas, terão noção dessas informações. Assim outros objetos da sala de aula foram referenciados, os óculos que indicam que uma pessoa tem problema de vista, os sapatos, entre outros.

Os objetos também possuem memória, eles podem se tornar especiais para alguém. Foi mencionado pelo professor que é comum os pais guardarem o que os filhos usaram quando eram ainda bebês, pode ser uma roupa ou um brinquedo (logo alguns alunos disseram que a mãe guarda um objeto seu). Olhar para esse objeto é mais do que observar a história de quem o possui, como o tamanho da criança na época, o gênero, os gostos de vestuário dos pais que compraram a roupa, ou ainda a moda infantil da época, mas o objeto está impregnado de emoções, de memórias de quem o guarda, pois tem um significado especial que fazem lembrar daquela pessoa que o possuía, ou de um momento vivido quando aquele objeto estava sendo usado, para outra pessoa aquele pode ser só mais um objeto, mas para quem o guarda há muitas memórias especiais a ele atreladas.

A tarefa para esta parte do projeto foi inspirada em uma proposta de Alison Antônio Paim (2010, p.98-99) para trabalhar a questão da cultura material em na sala de aula. Ele propôs que os alunos levassem algum objeto que pertença ou tenha pertencido a algum membro da família, e então com o objeto em mãos uma

série de indagações seriam feitas acerca do mesmo. Dentre os objetivos da atividade está explorar os aspectos afetivos ligados às ele, fazendo com que os estudantes percebam que um objeto é composto de muitas lembranças e histórias.

Para este projeto foi pedido aos alunos que escolhessem um objeto especial em sua casa que tragam uma boa recordação e no qual eles observassem que contam um pouco sobre algum ponto de sua própria história ou de algum membro da família. O ideal seria levar esse objeto para a escola, mas devido a dificuldades em fazê-lo por questões de logística e dependendo do material fabricado e estado de conservação, provocar algum possível dano ao levá-lo para a escola e ainda, por se tratar de algo especial, provavelmente os responsáveis iriam oferecer resistência em autorizar o aluno a utilizá-lo em sala de aula, dificultando a execução desta parte do projeto. Para isso, foi requerido que os discentes escolhessem o objeto, tirassem uma foto, imprimissem em uma folha de papel A4 com uma breve nota explicativa em baixo na qual se justificaria a escolha deste objeto como algo especial e que como ele conta um pouco da história da sua família ou de alguém dela, além disso a impressão da imagem já facilita para a sua inserção no livro da família a ser confeccionado pelo aluno.

Um dos objetos apresentados foi uma garrafa pintada e decorada pertencente a bisavó paterna de um aluno, medindo 50 centímetros. Ele relata que a sua avó passou a usá-la como vaso de flores. Em conversa com a turma foi-lhes perguntado o que podemos inferir sobre a bisavó do aluno ao olharmos para a garrafa, após um momento de silêncio para pensar, uma aluna diz que ela gostava de flores, que sabia trabalhar com artesanato, outro falou do reaproveitamento de um material que seria jogado no lixo.

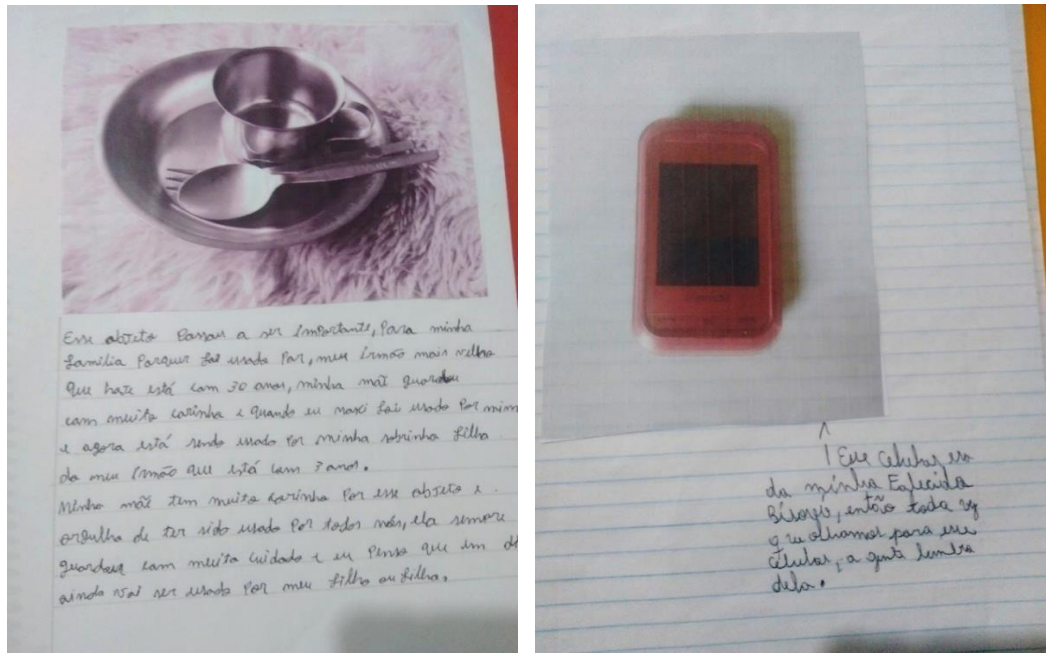
Um aluno apresentou uma máquina fotográfica muito popular nos anos 2000 e que com o avanço dos *smartphones* acabou saindo de linha. Na legenda da imagem o estudante afirmou que essa máquina é especial porque foi com ela que as suas primeiras fotos e as de seu irmão foram tiradas.

Outro objeto que também saiu de linha em anos recentes foi um celular apresentado por outro aluno, ele afirma que pertencia a sua bisavó e por isso tem um valor sentimental muito forte agregado a ele, pois faz lembrar dela que já faleceu. Foi comentado com a turma que ambos os objetos, além de serem especiais a quem os possuem por despertarem memórias, também ajudam a entender que os mesmos podem cair em desuso, mudam suas funções, um celular de antes não é o

mesmo de agora, ou a maneira com que se fotografa, esses objetos marcaram uma determinada época e são diferentes das máquinas fotográficas e aparelhos telefônicos de antes e foram substituídos por novas tecnologias no agora, assim nota-se que as coisas mudam conforme o tempo passa e o conhecimento para se fabricar e melhorar os objetos também.

Imagem 12: Prato e talheres de passou por várias pessoas da família de um aluno.

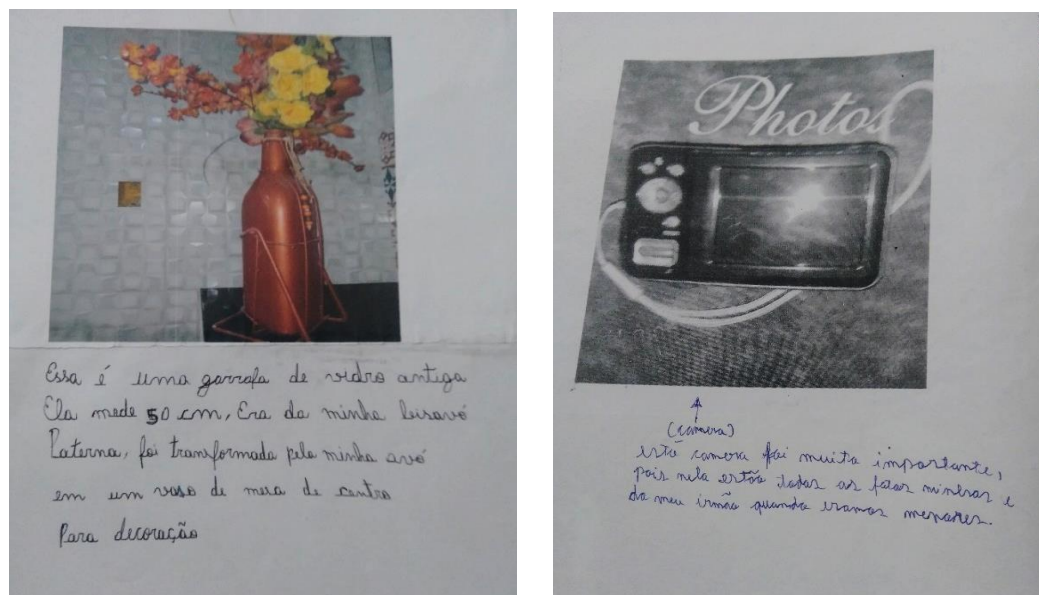
Imagem 13: Celular que pertencia à bisavó de um aluno.



Fonte: Fotografia do Livro da família pertencente aos alunos. Fotografia do autor, 2022.

Imagem 14: Garrafa transformado em vaso.

Imagem 15: Máquina fotográfica da família.



Fonte: Fotografia do Livro da família pertencente aos alunos. Fotografia do autor, 2022.

Um aluno trouxe para o projeto um conjunto de utensílios de cozinha – prato, colher, garfo e copo. Disse que sua mãe os guarda com muito carinho, pois foram objetos que acabaram por se tornar uma espécie de tradição de uso na família. Foi com eles que a mãe alimentou o filho mais velho quando criança, irmão do aluno, que tem no momento já 30 anos. Os talheres foram sendo repassados a outras crianças da família, foram com eles que o aluno em questão foi alimentado quando criança e hoje quem o utiliza é a sua sobrinha de 3 anos, filha do irmão mais velho que o utilizou quando bebê; o aluno termina sua escrita afirmando que espera um dia utilizá-los com seus filhos também. Foi comentado com a turma na roda de conversa sobre essa prática de uso de objetos que passam de um irmão para o outro, às vezes por necessidade para que o objeto no qual foi investido um valor financeiro não se perca, mas às vezes, como é neste caso, o objeto é reutilizado por outros membros da família por uma questão de tradição, para se preservar as memórias especiais que esse objeto carrega e também criar novas com a pessoa que o reutiliza, o que fica evidente na intenção do aluno em manter estes utensílios guardados para utilizá-los com seus próprios filhos futuramente, repetindo a tradição familiar com este objeto.

3.10. Montagem do Livro da Família

Depois das atividades desenvolvidas, o trabalho se encaminha para uma das suas últimas fases, a montagem do livro da família. Esse foi um momento que gerou uma expectativa grande nos alunos que estavam entusiasmados em ver o seu trabalho reunido em uma espécie de livro.

Todos os alunos entregaram a atividade, gerando o total de 26 livros, cada um com cerca de 10 páginas de material produzido, totalizando mais de 260 páginas de produção.

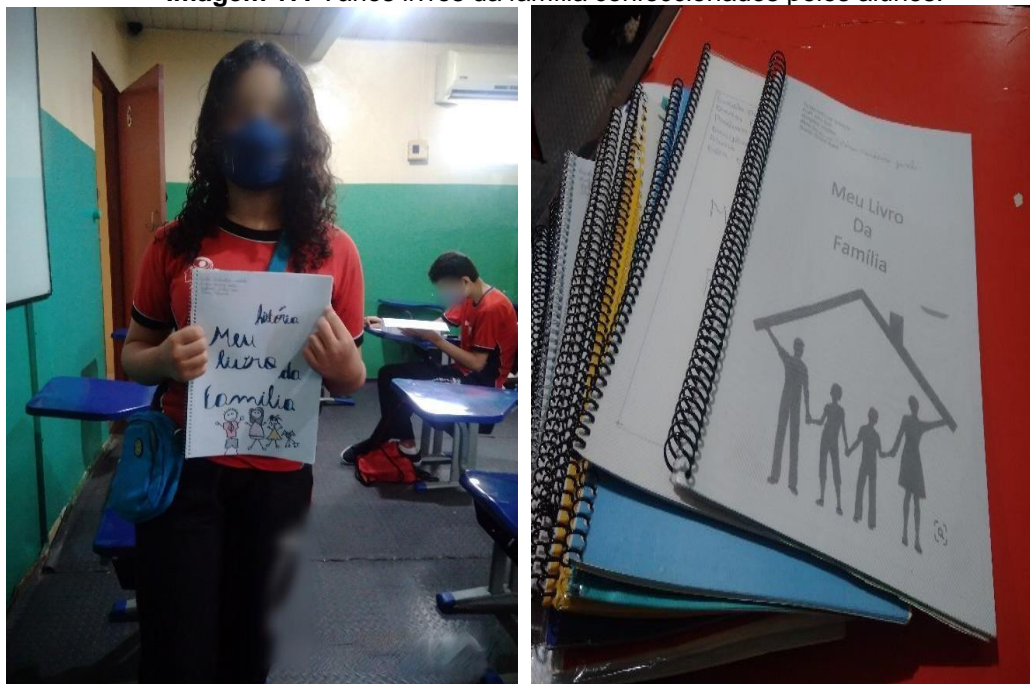
Foi encaminhado um comunicado impresso para que os alunos entendessem como seria constituído o livro, esperava-se com isso que os familiares os ajudassem na execução tarefa.

Os alunos receberam de volta todas as suas atividades realizadas até o momento que haviam sido guardadas pelo professor, essa medida havia sido tomada para, além de dar tempo para que as mesmas fossem analisadas pelo

docente, também para se evitar que ao levar para casa, o aluno acabasse extraviando o material e comprometesse a confecção do livro. Neste caso, à medida que as atividades foram sendo realizadas, o professor recolheu o que havia sido feito e devolveu ao aluno nesta etapa.

Imagem 16: Aluna com o seu livro da família completo.

Imagem 17: Vários livros da família confeccionados pelos alunos.



Fonte: Fotografia do autor, 2022.

Com todos os materiais em mãos, os alunos foram incumbidos da tarefa de encaderná-los como em um livro. O tipo de encadernação ficou à critério dos mesmos, neste caso todos aderiram à encadernação do tipo espiral com capa transparente e fundo fosco colorido, um serviço que é facilmente encontrado em papelarias e gráficas da cidade a baixo custo.

A fim de padronizar os livros da turma, foi proposto a encadernação de acordo com a sequência a seguir que inicia pela capa, um texto introdutório, apresentação pessoal do aluno, seguido para a apresentação dos familiares na árvore genealógica, fotos de família a fim de dar a conhecer os indivíduos pelos rostos, logo em seguida a produção textual sobre eles, a entrevista de vida com um dos familiares, seguido de um objeto da família. A matriz da maior parte desses materiais se encontra em anexo a este texto.

- Capa;
- Texto introdutório do professor intitulado “Meu livro da família”;
- Folha da atividade em classe intitulada “Minha História”;
- Árvore Genealógica simplificada, em formato de árvore;
- Árvore Genealógica completa;
- Fotos solicitadas em aula;
- Texto escrito de 20 a 30 linhas sobre a sua família;
- Folha de entrevista que o aluno fez com um membro da família;
- Foto do objeto que foi solicitado em sala.

A capa ficou à critério do aluno a sua confecção a fim de dar a cada um seu toque pessoal, mas deveria conter algumas informações comuns a todos com o nome da escola, nome do Professor, Disciplina, nome do Diretor e o título do Livro escrito em letra grande: “Meu livro da família”. O título convida o observador a atentar não apenas para a história individual de quem o confeccionou, mas vê-la dentro do contexto familiar.

Foi entregue a todos um texto em uma página para que inserissem junto aos seus trabalhos, logo nas páginas iniciais. A intenção é situar um pouco a quem for abrir o livro quanto a alguns temas discutidos em classe e nos capítulos anteriores desta dissertação. O texto chama a atenção para o fato de que no passado os estudiosos faziam um juízo de valor quanto as pessoas e povos que mereciam ter a sua história conhecida, geralmente atribuindo isso a questões econômicas e políticas, deixando muitas vezes no esquecimento aqueles que não se inseriam nesse *status* social. Além disso, se privilegiava o documento escrito sobre outras fontes de conhecimento, e como ficam sociedades ágrafas como os indígenas do Brasil, por exemplo? Questiona o texto (fazendo uma breve conexão com o conteúdo escolar tão visitado ao longo dos estudos da disciplina). Não obstante, tal ideia foi mudando, novas fontes de pesquisa foram sendo analisadas, de modo que se entende na atualidade que todos têm história, mesmo um aluno do 6º ano da periferia de Belém e tal história antecede ao nascimento do indivíduo, podendo ser buscada em sua família e merece ser conhecida. O texto foi escrito com algumas palavras mais coloquiais e em primeira pessoa, como se o aluno as tivesse escrito. Ao final foram colocados alguns desenhos com traços infantis que

remetem às memórias familiares - uma casa, um relógio (referenciando tanto ao objeto como a passagem de tempo), um porta retrato, uma família, um lápis e uma pilha de livros como se tivessem sido desenhados pelo próprio aluno.

3.11. Formação de equipes e Feira de apresentação:

Aqui já se encaminha para a fase final do Projeto “Eu tenho História”. Foi organizada uma apresentação em formato de Feira, na qual a turma apresentou os seus aprendizados aos demais alunos do Ensino Fundamental do 7º, 8º e 9º Ano, para os demais professores, funcionários da escola e pais que quiseram participar.

Os alunos foram divididos nas seguintes equipes:

- O grupo 1 ficou responsável para explicar de forma simples o que foi o projeto realizado em classe e alguns conceitos trabalhados, como história e memória e como a pesquisa de história da família ajuda a entender o fazer histórico. Eles também elucidaram a diferença do que é a história ficcional, como as dos livros de romance ou ficção científica, e o conhecimento histórico científico que aprendem na escola, para isso eles levaram alguns livros didáticos escolares, dois livros paradidáticos de História e quatro livros fictionais, além de terem produzido cartazes sobre o tema.

- O grupo 2 discorreu sobre como e qual a importância das pessoas conhecerem a sua própria história. Os alunos falaram também sobre o que aprenderam da sua história pessoal durante a execução do projeto. Eles prepararam cartazes para ilustrar a sua fala.

- O Grupo 3 falou sobre a importância da família para o entendimento da história de cada um e explicou o que é uma árvore familiar genealógica, fazendo uso de um recurso visual apresentando uma, ao que os alunos prepararam uma espécie de maquete de árvore de papelão onde incluíram uma genealogia, essa árvore foi produzida em casa por duas alunas que são irmãs, com a ajuda do pai que fabricou um tipo de suporte para que a árvore ficasse de pé.

O grupo também ficou incumbido de mostrar à comunidade escolar o livro da família que eles confeccionaram, não todos os livros da sala, mas os livros produzidos pelo próprio grupo, o qual ficaram de folhear e explicar um pouco sobre

como foi o processo de aprendizagem durante o projeto. A intenção não era o de mostrar os livros de todos os alunos da turma, mas que a apresentação fosse algo ainda mais especial para os alunos do grupo, ao falarem de seu próprio livro.

- O Grupo 4 ficou responsável por mostrar a importância das fontes escritas para o saber histórico e como elas ajudam a conhecer a história pessoal e familiar de um indivíduo.

O grupo preparou um cartaz com uma cópia de uma certidão de nascimento, identificando as informações familiares contidas nela, o grupo também apresentou outras fontes escritas e o material escrito que realizaram durante as etapas deste projeto que acabam por tornarem-se documentos escritos que também dão conta de informar sobre o aluno e suas famílias.

- O grupo 5 falou sobre o que é história oral e as fontes materiais e como elas ajudam a melhor conhecer a história pessoal e familiar de um indivíduo.

A equipe destacou como foi sua experiência com a sua entrevista e o que mais lhes chamou atenção sobre a pessoa que entrevistaram.

Cada membro da equipe ficou de levar um objeto pessoal ou familiar para exposição e explicarem como esse objeto é importante, quais memórias eles evocam de sua família. A preocupação aqui, assim como o do grupo que apresentou os livros da família, não foi levar muitos objetos e exibi-los como se fossem um mini museu, mas que cada componente do grupo levasse um objeto pessoal e que dessem conta de explicar aos ouvintes sobre a sua importância; cinco objetos foram levados para exposição: Um rádio antigo que pertencia ao avô falecido de um dos alunos, uma medalha que o pai de um dos alunos recebeu ao participar de uma competição esportiva intitulada “corrida da batalha naval do Riachuelo”; outro levou uma máquina fotográfica a qual já foi mencionada por ocasião das produções dos alunos durante as aulas de discussão sobre fontes materiais, uma caneta antiga da família e um saco artesanal que um dos alunos possuía desde bem pequeno confeccionado pela sua mãe e que está entre as suas primeiras memórias de vida.

- O último grupo tratou das fontes imagéticas, sua importância e como podemos analisá-las para além do que está sendo estampado na imagem. Além disso, o grupo ficou responsável por preparar uma apresentação visual em *slides* no *Power Point* para ser exibido em projetor multimídia na qual mostrariam as fotos

repassadas pelos colegas sobre suas famílias. Eles ficaram também de recolher fotos de outros alunos da escola, professores e funcionários em um contexto familiar ou quando crianças, como forma de envolver essas pessoas de alguma forma no projeto, criando uma proximidade e identificação delas com o trabalho realizado, o qual iriam assistir, além de gerar uma expectativa para a apresentação do grupo.

Imagem 18: Reunião em grupos em preparação para a Feira da Família.



Fonte: Fotografia do autor, 2022.

Os grupos deveriam pesquisar mais sobre o tema ao qual ficaram designados, prepararem recursos visuais como cartazes e maquetes e organizarem-se em uma apresentação oral de cerca de 7 minutos para cada equipe, quando todos os seus componentes teriam a oportunidade de falar. As informações sobre o que era requerido de cada equipe, tempo de apresentação e data foram repassadas aos alunos para que pudessem se preparar. Um convite foi estendido às famílias também para que comparecessem na culminância do projeto se o desejassem.

Antes da exposição algumas aulas foram destinadas para discussão do trabalho em grupo para que combinassem o que precisava ser feito e tirarem dúvidas com o professor. Uma aula antes do evento foi destinada para ensaio em que os alunos fizeram sua apresentação apenas para o professor e para a turma, esse momento objetivou a verificação da pesquisa e apresentação por parte do professor, ajudando nos últimos ajustes, além de dar mais segurança ao aluno em sua fala, reforçando o conhecimento que deveriam comunicar, já que são alunos que ainda estão no 6º ano e não possuem tanta experiência com apresentações orais, especialmente esta que envolvia outras pessoas que não pertencem à classe. Além

disso, esse momento tornou-se uma meta para que as equipes já estivessem com tudo preparado antecipadamente, suas falas e recursos, para não correrem o risco de chegarem no dia da apresentação e não tivessem deixado tudo preparado.

Imagem 19: Alunos com o seu estande preparado para a apresentação.

Imagem 20: Pais assistindo a apresentação dos alunos.

Imagem 21: Mesa com alguns objetos de família e um livro da família.

Imagem 22: Alunos assistindo a apresentação de fotos.



Fonte: Fotografia do autor, 2022.

A culminância do trabalho ocorreu com grande apoio da escola, bem como nas etapas anteriores. O diretor da escola providenciou mesas, cadeiras e barracas para as apresentações, assim como deixou todo o espaço arrumado para que os objetos de apresentação fossem colocados. Um singelo lanche também foi preparado pela escola para recompensar os discentes por seus esforços e engrandecer ainda mais esse dia especial.

As apresentações foram divididas em dois espaços, o principal deles foi em uma área na frente da escola, onde geralmente a escola realiza alguns dos eventos

como Feira da cultura, reuniões de pais, palestras etc, é um ambiente arborizado e fresco e como a vizinhança é bem silenciosa não há problemas de barulhos externos que atrapalhem um bom andamento dessas atividades. O segundo espaço de apresentação foi a própria sala da turma, com a apresentação do grupo das fontes imagéticas, onde seriam exibidas as fotos dos alunos, a escolha por esta sala foi para melhor ver a projeção do *datashow*, já que os demais grupos estavam em uma área aberta com bastante luminosidade, o que dificultaria a sua exibição.

A atividade utilizou todo o tempo de aula dos alunos, inicialmente organizando-se o espaço e em seguida com as apresentações, dividida em três sessões, uma para a turma do 7º Ano, uma para o 8º e 9º Anos e a última para os pais e responsáveis. Por conta de outras atribuições na escola, os funcionários que puderam participar poderiam assistir a qualquer das exposições.

Os alunos estavam animados e um pouco nervosos, mas o ensaio na sala de aula em dia anterior os ajudou a terem mais segurança. Eles organizaram-se nas mesas e as outras turmas foram chamadas uma a uma, 7º ano, 8º ano e 9º ano, a última apresentação foi destinada especialmente aos funcionários da escola e aos pais, sendo que os ouvintes deveriam seguir na sequência dos grupos e não visitarem qualquer um aleatoriamente. Além disso, para se evitar um grande número de pessoas assistindo os alunos e acabar dificultando na organização e escuta das exposições, os ouvintes foram divididos em dois grupos, enquanto um ouvia os alunos na área externa da escola, outro ouvia o grupo na área interna e depois os ouvintes trocavam de lugar.

As apresentações foram muito elogiadas, alguns alunos de outras turmas pediram para que o trabalho fosse realizado em sua classe também. Houve alunos ouvintes que mencionaram que em alguns momentos tiveram dificuldades em escutar o que estava sendo dito, a falta de experiência em apresentações, somado ao nervosismo e também ao uso de máscara facial podem ter atrapalhado essa comunicação, um microfone e caixa de som podem ser utilizados no caso da repetição deste projeto.

Não foram todos os pais que puderam estar presentes, especialmente por conta do horário pela manhã em uma sexta-feira, quando muitos têm suas responsabilidades de trabalho e afazeres domésticos, mas alguns deles marcaram presença.

Alguns pais e funcionários ficaram emocionados, especialmente na parte em que viram as fotos de família. Uma das fotos apresentadas foi da mãe do diretor e proprietário da escola, ela faleceu dois anos antes, ele ficou bastante emocionado, assim como os funcionários da escola. Ele pediu a palavra e falou da importância da família e o que sua mãe representava para ele e o quão feliz estava em vê-la sendo homenageada naquele trabalho, evidenciando a importância do que os alunos apresentaram e de projetos como este para a preservação da história familiar de cada um e para o estreitamento de laços familiares, principalmente em um mundo em que esses valores estão se perdendo e que isso é fundamental para aumentar a parceria família e escola, objetivando o melhor desenvolvimento dos alunos. Duas mães também reforçaram o que foi dito e que ficaram muito felizes em terem ajudado os filhos a se prepararem e executarem esse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho "Eu tenho História" foi avaliado como muito positivo tanto pelos alunos como pelo professor e pelos demais membros da comunidade escolar, recebendo muitos elogios. Houve a participação de todos os discentes da turma do 6º ano que foram ativos nas etapas do processo, sendo muito participantes nas discussões em sala e na execução das atividades, inclusive da apresentação final.

Percebeu-se em momentos posteriores em sala de aula que os alunos tiveram mais facilidade em apreender conhecimentos relacionados a outros tempos históricos, pois sempre que se deparavam com algum tipo de fonte como um desenho em arte rupestre, um objeto antigo, um documento escrito, eles mesmos apontavam o tipo de fonte e relembavam o trabalho executado, ficando mais fácil uma discussão em torno do novo assunto.

As atividades geraram mais de 260 registros no total que integraram o livro da família de cada um dos alunos, com a participação dos responsáveis que ajudaram no decorrer das etapas e alguns deles estiveram presentes na feira que encerrou o projeto e teve quem ficasse emocionado.

Este trabalho objetivou trazer uma proposta aos docentes que seja de viável aplicação e que pode ser adotada de forma integral ou parcial, sendo possível adaptá-la às diferentes necessidades e realidades de cada turma. A sequência de planos de aula que embasaram a prática deste trabalho foi colocada no capítulo 2, sendo esta a dimensão propositiva desta dissertação. A sua aplicação com a turma foi descrita no capítulo seguinte que ajuda a ter uma visão prática do trabalho que foi executado.

A proposta busca tornar as aulas de História mais participativas e prazerosas, colocando o próprio aluno como protagonista e centro do debate, para a partir daí se pensar o outro e a sociedade em que ele está inserido. Por meio da busca por conhecer a si mesmo e a sua ancestralidade o discente imerge no conhecimento histórico, ficando mais claro conceitos importantes, tais como memória, história, fontes, além de facilitar o aprendizado de habilidades e valores importantes para a vida escolar, como a pesquisa, leitura, escrita, comparação, sistematização de ideias, trabalho em equipe, preparação de recursos visuais e didáticos, falar em público, bem como o saber ouvir apreendido nas entrevistas, a valorização de suas raízes, interagir com os mais velhos, entre outros.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi(Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011, p. 155 - 202.
- ALMEIDA, Fabiana Rodrigues de; MIRANDA, Sônia Regina. Memória e História em livros didáticos de História: o PNLD em perspectiva. In: **Educar em Revista**, n. 46, out./dez. Curitiba: Editora UFPR, 2012, p. 259-283.
- ALVES, Júlio Henrique de Macêdo. **A evolução das definições de família, suas novas configurações e preconceito**. Monografia (Monografia em Direito) – UFRN. Natal, 2014.
- ARAGON, Sandra Maria. Cultura Material: a emoção e o prazer de criar, sentir e entender os objetos. In: **Cultura Vozes**, nº 4, julho – agosto, 2003, p. 62 – 69. p. 63.
- AZEVEDO, Patrícia Bastos de; MATTOS, Camilla Oliveira. Ensino de história para alunos surdos: A construção de conhecimento histórico a partir de sequências didáticas. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 18, n.38, p. 112 - 133, set./dez. 2017.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011, p. 23-80.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.
- BRASIL. **[Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988.
- BRASIL. **Código Penal. Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940**. Brasília, 1940
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curricularesnacionais: História**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAINELLI, Marlene. O que se ensina e o que se aprende em História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria (Coord.). **Coleção Explorando o Ensino, v. 21. História : Ensino Fundamental**. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. **Casamento e família em São Paulo colonial: caminhos e descaminhos**. Coleção São Paulo, 6, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e família em uma capital amazônica: (Belém 1870-1920)**. Belém: Ed: Açai, 2011.

CERRI, Luis Fernando. Um lugar na história para a didática da História. In: **História & Ensino**, Londrina, v. 23, n. 1, jan./jun. 2017, p. 11-30.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: Tempo, memória e identidades (Dossiê)**. VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura. FFLCH/USP, 2002.

DICIONÁRIO Houaiss. **Família**. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#. Acesso em 10/02/2023.

DICIONÁRIO Técnico Jurídico. (Org.). Guimarães. Deocleciano Torrieri. _ 12.ed._ São Paulo: Rideel, 2009.

FERREIRA, Vivianne . **A família homoafetiva e os desafios para seu efetivo reconhecimento**. FGV, 2023. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/familia-homoafetiva-e-desafios-seu-efetivo-reconhecimento>. Acesso em: 29/06/2023.

FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011, p. 81 – 110.

HAAS, Maiara Francieli. **O reconhecimento das uniões poliafetivas pelo ordenamento jurídico brasileiro e os efeitos decorrentes da dissolução inter vivos**. Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM), 2021. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/artigos/1645/O+reconhecimento+das+uni%C3%B5es+poliafetivas+pelo>. Acesso em: 05/02/2023

HISTÓRIA (Ensino fundamental), Trilhas Sistema de Ensino – Ensino fundamental II: 6º ano. 1. ed. São Paulo: FTD, 2018.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro Fontes históricas como fonte. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.), **Fontes Históricas**, 3 ed, São Paulo, Ed. contexto, 2011.

MENEZES NETO, Geraldo Magela de. **O ensino da História local a partir de fotografias: Relatos de experiência no Ensino Fundamental no distrito de Mosqueiro-PA**. In: Revista Labirinto , Ano XV, Vol. 22, Porto Velho, 2015, p. 91-104.

MOREIRA, Ana Elisa Roque. **O sol, a terra e os seres vivos: uma proposta de sequência didática para o ensino de ciências na educação de jovens e adultos**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Belo Horizonte, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011, p. 295-290.

NAVARRO, Adriana de Almeida; PEDROSA, Júlio César. **Guia de Ação Docente**. Editora Grupo Cultural: Barueri- SP, 2009.

OLIVEIRA, Leonardo Petró de. **Os vários "tipos" de família**. Jusbrasil, 2017. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/os-varios-tipos-de-familia/459692174>. Acesso em: 05/02/2023

OLIVINDO, Mário Sérgio Pereira de. **Ensino de História e Memória: Usos do passado e os desafios do historiador e do professor**. XXIX Simpósio Nacional de História, 2017. Brasília, 2017.

PAIM, Elison Antônio. Lembrando, eu existo. In: OLIVEIRA, Margarida Maria (Coord.). **Coleção Explorando o Ensino, v. 21. História : Ensino Fundamental**. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. P. 83 – 104.

PINTO, P. G.H.R. **Práticas Acadêmicas e o ensino universitário; uma etnografia das formas de consagração e transmissão de saber na universidade**. Niterói: EdUEE, 1999.

ROQUE, Sebastião José. **Direito de Família**. São Paulo. Editora Ícone, 1994.

SANTIAGO; Ricardo; MAGALHÃES, Valéria de Barbosa de. **História oral na sala de aula**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2015.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. "Descobrimos" as Famílias no passado brasileiro: uma reflexão sobre a produção historiográfica recente. In: SCOTT, Ana Silvia Volpi *et al* (Org.) **História da Família no Brasil Meridional: temas e perspectivas**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014. P. 12-39. Disponível em: https://ppghistoria.furg.br/images/Biblioteca_ANPUHRSE-book-Historia_da_familia.pdf. Acesso em 20/02/2023

SILVA, Adelaide Bezerra e. **Formas de famílias no Brasil e seus aspectos legais e culturais**.; TCC (Graduação em Direito). Faculdade Maurício de Nassau. Natal. 2017.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2009.

SILVEIRA, Regina Bastos Leal da. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. Universidade de Fortaleza, Brasil. In: **Revista Iberoamericana de Educación**. 2005. Disponível em: https://ledum.ufc.br/arquivos/didatica/3/Planejamento_Ensino.pdf. Acesso em 12.nov.2022

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAKZUK, Maísa. **A árvore da família**, 1 ed. São Paulo, Panda Books, 2017.

ANEXOS

ANEXO A: Fotos dos alunos fazendo atividades em sala.









Anexo B: Arte dos banners colocados na Feira.



Fonte: Arte do autor, 2022.



Fonte: familysearch.org (Adaptado)

TABELA DE GERAÇÕES

SUA FAMÍLIA É BEM MAIOR DO QUE VOCÊ IMAGINAVA!

Muitos vieram ao mundo para você nascer.
Valorize a história da sua família!

GERAÇÕES:	NÚMERO DE ANCESTRAIS	ANOS
23ª Geração	4.194.302 Pessoas	660 Anos
22ª Geração	2.097.152 Pessoas	630 Anos
21ª Geração	1.048.576 Pessoas	600 Anos
20ª Geração	524.288 Pessoas	570 Anos
19ª Geração	262.144 Pessoas	540 Anos
18ª Geração	131.072 Pessoas	510 Anos
17ª Geração	65.536 Pessoas	480 Anos
16ª Geração	32.768 Pessoas	450 Anos
15ª Geração	16.384 Pessoas	420 Anos
14ª Geração	8.192 Pessoas	390 Anos
13ª Geração	4.096 Pessoas	360 Anos
12ª Geração	2.048 Pessoas	330 Anos
11ª Geração	1.024 Pessoas	300 Anos
10ª Geração	512 Pessoas	270 Anos
9ª Geração	256 Pessoas	240 Anos
8ª Geração	128 Pessoas	210 Anos
7ª Geração	64 Pessoas	180 Anos
6ª Geração	32 Pessoas	150 Anos
5ª Geração	16 Pessoas	120 Anos
4ª Geração	8 Pessoas (meus bisavós)	90 Anos
3ª Geração	4 Pessoas (meus avós)	60 Anos
2ª Geração	2 Pessoas (meus pais)	30 Anos
1ª Geração	1 pessoa (eu)	Eu

Fonte: myheritage.com.br (Adaptado)

ANEXO C: Texto “Eu tenho História” para anexar ao livro da Família

EU TENHO HISTÓRIA

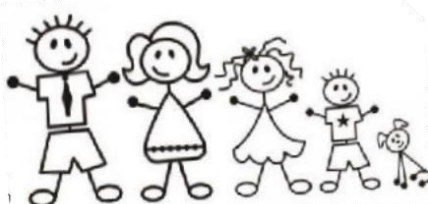


Há muito tempo atrás se achava que somente possuía história as pessoas que geralmente eram consideradas importantes em um determinado local, como os ricos e os grandes políticos, mas que bobagem! Eu, você, todo mundo tem história! Rico, pobre, homem, mulher, branco, negro, indígena, caboclo... todos! Só que nem todo mundo busca essa história que às vezes fica perdida no esquecimento, podem ficar por lá até mesmo para sempre. Por esse motivo escrevi esse livro para contar um pouco da minha história. Essa ideia veio a partir de um projeto na escola que eu estudo, intitulado “Eu tenho história”.

Mas minha história não começa comigo não, mas muuuuuuito antes, com a minha família: meus pais, avós, bisavós, ainda tem os irmãos, os tios, primos... E todo mundo tem família, mas nem todas são iguais, é claro, algumas crianças convivem só com um dos pais ou moram com os avós, outras com os tios, tem os que são de uma família adotiva, alguns tem muitos irmãos, ou nenhum, sem esquecer do gato e do cachorro, rsrs. Uma pessoa pode até dizer que tem poucos amigos, mas se for parar para pensar todos tem muitos parentes, tanto os que convivemos agora, quanto os que já se foram, nossos ancestrais, vamos fazer as contas: Temos 2 pais, 4 avós (2 do lado do pai e 2 do lado da mãe), 8 bisavós, 16 trisavós... nossa, acho perdi as contas! Mas se for ver, em cada geração para trás esse número de antepassados duplica, então em cerca de 10 ou 11 gerações já são mais de 1000 pessoas, égua, é muita gente! Imagine o tanto de história que eu tenho para conhecer, se fosse escrever tudo daria livros e mais livros! Às vezes a gente quer conhecer a história do mundo todo e esquecemos da nossa própria, da nossa família, das nossas raízes, é por isso que eu escrevi esse meu livro da família, para tentar contar um pouco dessa história.

Como eu disse logo no início aqui, antes os estudiosos diziam que somente as pessoas consideradas muito importantes possuíam uma história que valia ser conhecida. Eu aprendi também na aula de História que, por muito tempo, praticamente só as coisas que eram escritas, especialmente as documentações oficiais do governo, que eram tidas como verdadeiras para se conhecer a história de alguém, por isso povos que não possuíam escrita eram quase que deixados no esquecimento, mas e sociedades como os nossos povos indígenas que não escreviam, como ficavam? Pois é, mas que bom que isso mudou e que depois outras coisas passaram a serem utilizadas pelos historiadores em seus estudos, são as chamadas fontes. Temos as fontes materiais que são objetos, roupas, joias, brinquedos, construções, etc; as fontes imagéticas, como as pinturas, desenhos, fotografias e mapas, as fontes orais que vêm a partir de relatos passados de uma geração para outra, entrevistas, contos... e ainda as fontes escritas que não são apenas os documentos civis oficiais, como a certidão de nascimento, inclui também as cartas, livros etc. Tudo isso é levado em conta pelos historiadores em suas pesquisas para conhecerem a história das pessoas e dos mais variados povos e depois escreverem os livros de História da escola, por exemplo.

Estou amando conhecer mais da história da minha família, confere aqui nesse meu livro e vê o que você acha, ah, escreva também o seu!



ANEXO D: Fontes Escritas – A certidão de nascimento

Existem diversos documentos que ajudam a conhecer a história de cada um, como a certidão de nascimento.

A certidão de nascimento, por exemplo, contém uma série de informações. Além de ser um documento de identificação, é a primeira garantia de cidadania e direitos todos os brasileiros. Observe:

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
CERTIDÃO DE NASCIMENTO
NOME

CPF _____

MATRÍCULA
9999999999 9999 9 9999 999 99999999 99

DATA DE NASCIMENTO POR EXTENSO _____ DIA _____ MÊS _____ ANO _____

HORA DE NASCIMENTO _____ NATURALIDADE _____

MUNICÍPIO DE REGISTRO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO _____ LOCAL, MUNICÍPIO DE NASCIMENTO E UF _____ SEXO _____

FILIAÇÃO _____

AVÓS _____

GÊMEOS _____ NOME E MATRÍCULA DOS GÊMEOS _____

DATA DO REGISTRO POR EXTENSO _____ NÚMERO DA DNV/DECLARAÇÃO DE NASCIDO VIVO _____

AVERBAÇÕES/ANOTAÇÕES À ACRESCEER _____

ANOTAÇÕES DE CADASTRO

TIPO DOCUMENTO	NÚMERO	DATA EXPEDIÇÃO	ORGÃO EXPEDIDOR	DATA DE VALIDADE
RG				
FINNIS				
Passaporte				
Cartão Nacional de Saúde				
TIPO DOCUMENTO	NÚMERO	ZONA/SEÇÃO	MUNICÍPIO	UF
Título de Eleitor				
CPF Residência				
			Grupo Sanguíneo	

* As anotações de cadastro acima não dispensam a parte interessada da apresentação do documento original, quando exigido pelo órgão solicitante ou quando necessário para identificação de seu portador.

NOME DO OFÍCIO _____
OFICIAL REGISTRADOR _____
MUNICÍPIO/UF _____
ENDEREÇO _____
TELEFONE _____
E-MAIL _____

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Data e Local: _____

Assinatura do Oficial _____

O Direito à Identidade, estabelecido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), é um dos princípios da promoção da cidadania plena e tem como pilares o acesso à identificação, ao registro civil de nascimento e à documentação básica.

A Certidão de Nascimento é produzida pelo Governo e garante nome, sobrenome e nacionalidade, além de possibilitar a matrícula escolar, cadastro em programas sociais e de ser requerida para a obtenção da documentação civil básica: carteira de identidade (RG), cadastro de pessoa física (CPF) e carteira de trabalho e previdência social (CTPS).

Nos últimos anos, o Brasil vem realizando avanços expressivos para assegurar o cumprimento do Direito à Identidade. Entretanto, o desafio continua bastante significativo e requer o compromisso de cada agente público, especialmente daqueles que têm contato direto com a população.

Fontes:

"Documentos que contam a sua história" em *Só História*. Disponível na Internetem <http://www.sohistoria.com.br/ef1/quemsou/p2.php>. Acesso em: 11/01/2022.


Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/registro-civil-de-nascimento>. Acesso em: 11/01/2022.

ATIVIDADE:

1. O aluno deve observar em sua Certidão de nascimento quais as informações a seu respeito e de sua família o registro apresenta e transcrevê-las em seu caderno.
2. Quem produziu a Certidão de Nascimento?
3. Esse é um documento importante? Por quê?
4. Você considera as informações presentes nele como corretas e confiáveis? Por quê?
5. Além da certidão de nascimento, quais outros documentos podem ser escritos sobre uma pessoa no decorrer de sua vida?

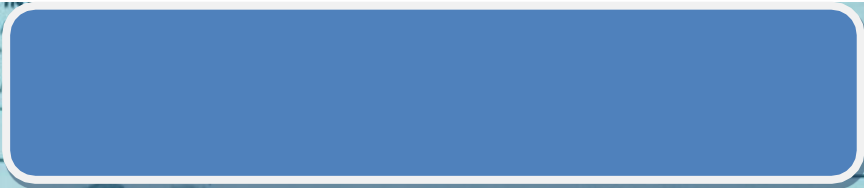
Anexo E: Algumas Fichas “Minha História” preenchidas pelos alunos.

DIR
SER
DAT

 **MINHA HISTÓRIA**

- Meu nome completo é: _____
- Meu apelido é: _____
- Minha data de Nascimento é: 15/03/2011
- Cidade e estado onde eu nasci: Rio de Janeiro, Brasil.
- Minha altura hoje é: 1,55
- Meu peso hoje é: 48 kg.
- O nome dos meus pais: Jussara Kelly Mendonça Gonçalves
Paulo de Jesus dos Santos Ferraz
- O nome dos meus irmãos: Druma, Drumar, Gabriel.
- Meus melhores amigos são: Ligatha, Drusane, Druma, Yas
Mim, Lipala.
- Minha comida favorita é: Batata frita, e biscoito de camarão.
- Minha sobremesa favorita é: Gelatina colorida
- Minha cor preferida é: Lilaz.
- Meu cantor ou banda que mais gosto: NOUVE UNITER
- O nome do meu bichinho de estimação é: Doaque
- Meu filme favorito é: O Poderoso Chefinho
- Na internet, gosto de assistir: Videos de Parku.
- Se eu fosse um super-herói eu seria... Super.
- Gosto muito de brincar de: Pata cega
- Quando eu crescer vou seguir uma profissão que é: Desenhista e cozinheira.
- No meu tempo livre gosto de fazer: ler e assistir YouTub.
- Vou escrever aqui mais informações sobre mim:
Eu gosto de desenhar, gosto de lutar judô, gosto de pa-
zer ooburkem, eu nasci às 20:35 da noite.

DIRETOR
SÉRIE: 6º
DATA: _____



MINHA HISTÓRIA

1. Meu nome completo é: _____

2. Meu apelido é: _____

3. Minha data de Nascimento é: 27/10/2010

4. Cidade e estado onde eu nasci: Belém, Pará

5. Minha altura hoje é: 1,18

6. Meu peso hoje é: 40,000

7. O nome dos meus pais: Lucia / Abel

8. O nome dos meus irmãos: Maria

9. Meus melhores amigos são: anast, matheus, Pedro, Lucas / Gabriel, Catarina

10. Minha comida favorita é: pizza

11. Minha sobremesa favorita é: bolo

12. Minha cor preferida é: Vermelha

13. Meu cantor ou banda que mais gosto: 7 minutos

14. O nome do meu bichinho de estimação é: piroca, cachorro

15. Meu filme favorito é: sonic

16. Na internet, gosto de assistir: netflix

17. Se eu fosse um super-herói eu seria... Flash


18. Gosto muito de brincar de: futebol

19. Quando eu crescer vou seguir uma profissão que é: Policial

20. No meu tempo livre gosto de fazer: jogar

21. Vou escrever aqui mais informações sobre mim: minha série favorita: Flash, cobra Kai, meu animal favorito: bone fide

ESCOLA _____
 DIRETORA _____
 SÉRIE: 6ª ANO
 DATA: 14/11/2010


 **MINHA HISTÓRIA**

- Meu nome completo é: _____
- Meu apelido é: _____
- Minha data de Nascimento é: 07/01/2010
- Cidade e estado onde eu nasci: belem do para
- Minha altura hoje é: não sei
- Meu peso hoje é: não sei
- O nome dos meus pais: Cristiane, Rubere
- O nome dos meus irmãos: Daniel
- Meus melhores amigos são: João,
- Minha comida favorita é: açai, picadinho, peixe, tucupi
- Minha sobremesa favorita é: Chocol
- Minha cor preferida é: preto
- Meu cantor ou banda que mais gosto: nenhum
- O nome do meu bichinho de estimação é: ycara
- Meu filme favorito é: rambo
- Na internet, gosto de assistir: mikey fano
- Se eu fosse um super-herói eu seria... Deuter, Estreito
- Gosto muito de brincar de: Futebol, queimada
- Quando eu crescer vou seguir uma profissão que é: Policial
- No meu tempo livre gosto de fazer: andar
- Vou escrever aqui mais informações sobre mim:
todo dia de manhã acorda e toma banho de
água fria, escova os dentes, e passa de modo fã e

DIRET
SÉRIE
DATA: _____

ALUNO: _____

PROF.º JOHN GOIS



MINHA HISTÓRIA

- Meu nome completo é: _____
- Meu apelido é: _____
- Minha data de Nascimento é: 07, Maio de 1009
- Cidade e estado onde eu nasci: Belém
- Minha altura hoje é: 1,67
- Meu peso hoje é: 47
- O nome dos meus pais: Liliane milto Beatrizma Silva
Adriano Carmineo Silva
- O nome dos meus irmãos: Sabia
- Meus melhores amigos são: Kauê
- Minha comida favorita é: Carimbé
- Minha sobremesa favorita é: Doce
- Minha cor preferida é: Verde
- Meu cantor ou banda que mais gosto: Maria Mafra
- O nome do meu bichinho de estimação é: Crulim
- Meu filme favorito é: Verde
- Na internet, gosto de assistir: YouTube
- Se eu fosse um super-herói eu seria...
- Gosto muito de brincar de: Roleplay
- Quando eu crescer vou seguir uma profissão que é: Jogador de basquete
- No meu tempo livre gosto de fazer: meu tempo no celular
- Vou escrever aqui mais informações sobre mim: eu gosto de jogar basquete mas não sei jogar e gosto de comer

ANEXO F: ÁRVORE GENEALÓGICA COMPLETA (Modelo)



Eu

Data de Nascimento: _____

Local de Nascimento: _____

Nome: _____

Data de Nascimento: _____

Local de Nascimento: _____



Pai

Data de Falecimento (se aplicável): _____

Local de Falecimento (se aplicável): _____



Mãe

Nome: _____

Data de Nascimento: _____

Local de Nascimento: _____

Data de Falecimento (se aplicável): _____

Local de Falecimento (se aplicável): _____

AVÓS PATERNOS:



Avô

Nome: _____

Data de Nascimento: _____

Local de Nascimento: _____

Data de Falecimento (se aplicável): _____

Local de Falecimento (se aplicável): _____



Avô

Nome: _____

Data de Nascimento: _____

Local de Nascimento: _____

Data de Falecimento (se aplicável): _____

Local de Falecimento (se aplicável): _____

AVÓS MATERNOS:



Avô

Nome: _____

Data de Nascimento: _____

Local de Nascimento: _____

Data de Falecimento (se aplicável): _____

Local de Falecimento (se aplicável): _____



Avô

Nome: _____

Data de Nascimento: _____

Local de Nascimento: _____

Data de Falecimento (se aplicável): _____

Local de Falecimento (se aplicável): _____

Os PAIS DO MEU AVÔ PATERNO

Bisavô

Nome: _____
 Data de Nascimento: _____
 Local de Nascimento: _____
 Data de Falecimento (se aplicável): _____
 Local de Falecimento (se aplicável): _____



Bisavó

Nome: _____
 Data de Nascimento: _____
 Local de Nascimento: _____
 Data de Falecimento (se aplicável): _____
 Local de Falecimento (se aplicável): _____

Os PAIS DA MINHA AVÓ PATERNA:

Bisavô

Nome: _____
 Data de Nascimento: _____
 Local de Nascimento: _____
 Data de Falecimento (se aplicável): _____
 Local de Falecimento (se aplicável): _____



Bisavó

Nome: _____
 Data de Nascimento: _____
 Local de Nascimento: _____
 Data de Falecimento (se aplicável): _____
 Local de Falecimento (se aplicável): _____

Os PAIS DO MEU AVÔ MATERNO:

Bisavô

Nome: _____
 Data de Nascimento: _____
 Local de Nascimento: _____
 Data de Falecimento (se aplicável): _____
 Local de Falecimento (se aplicável): _____



Bisavó

Nome: _____
 Data de Nascimento: _____
 Local de Nascimento: _____
 Data de Falecimento (se aplicável): _____
 Local de Falecimento (se aplicável): _____



Bisavô

Os PAIS DO MEU AVÔ MATERNO:

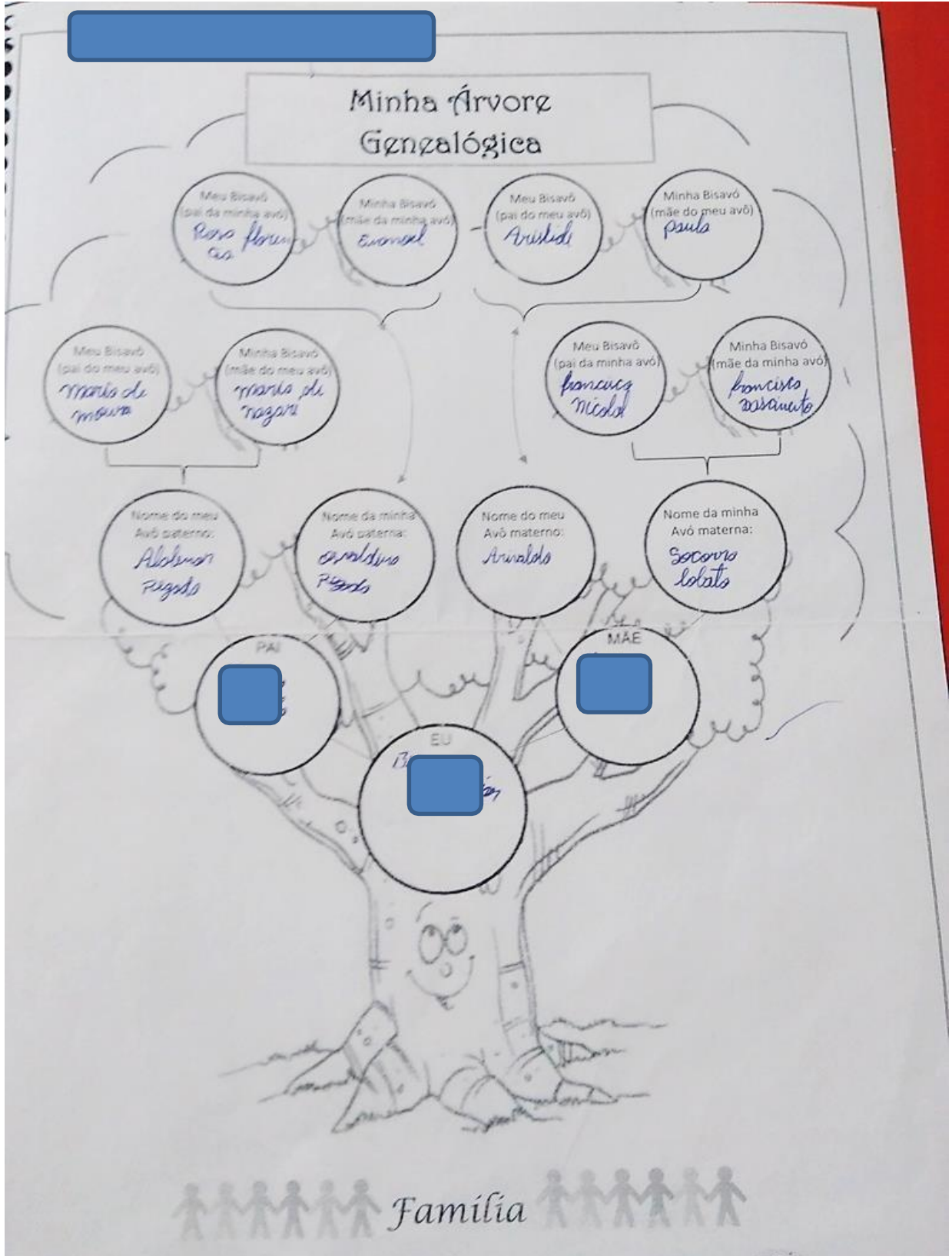
Nome: _____
 Data de Nascimento: _____
 Local de Nascimento: _____
 Data de Falecimento (se aplicável): _____
 Local de Falecimento (se aplicável): _____

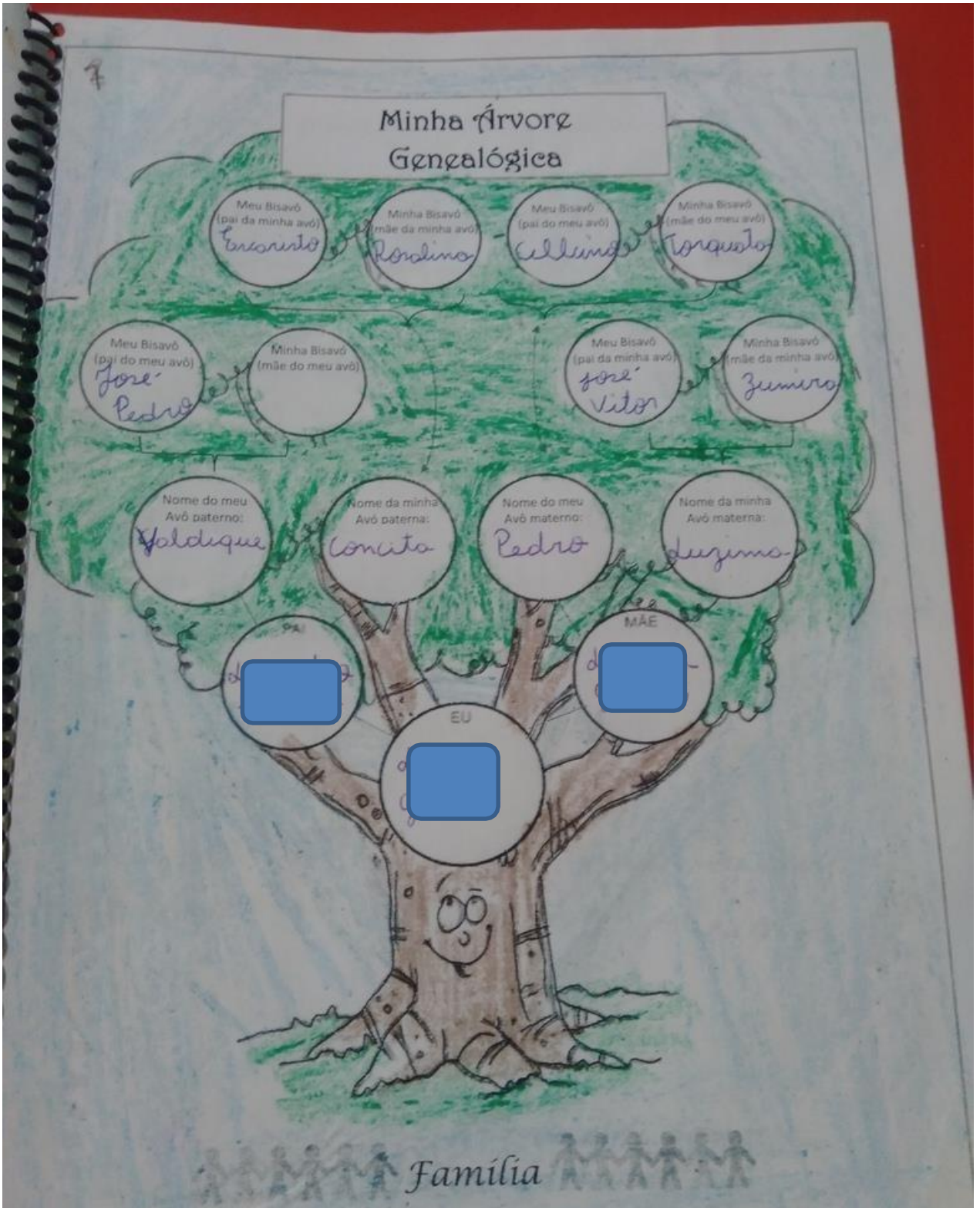


Bisavó

Nome: _____
 Data de Nascimento: _____
 Local de Nascimento: _____
 Data de Falecimento (se aplicável): _____
 Local de Falecimento (se aplicável): _____

Anexo G – Árvores genealógicas simplificadas preenchidas pelos alunos









ANEXO H – Modelo de roteiro de Entrevista

ENTREVISTA

6º Ano

Uma das principais maneiras que temos para conhecer nossa família é conversando sobre ela com nossos familiares. O ato de perguntar e ouvir se mostra uma experiência muito enriquecedora e mais ainda quando registramos essa conversa através de uma mídia como gravadores de áudio ou vídeo ou ainda anotando para que não mais esqueçamos esse relato.

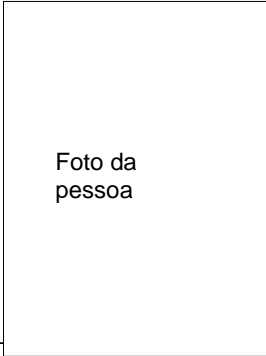
Por esse motivo escolhi uma pessoa da minha família para fazer uma breve entrevista e deixo aqui anotado um pouco do que conversamos.

Data da nossa conversa: ___ / ___ / ___

O nome da pessoa com quem conversei: _____

Ela nasceu no dia: ___ / ___ / ___ na seguinte cidade e estado: _____

Essa pessoa tem o seguinte grau de parentesco comigo: _____



Essas foram as perguntas que fiz:

1. Do que você gostava de brincar quando tinha a minha idade?

2. Fale como era a sua vida quando tinha a minha idade?

3. Como era a escola quando você era mais jovem? Qual era a sua matéria preferida?

4. Quais músicas você gostava de ouvir quando era adolescente?

6. Conte-me uma história engraçada da sua vida?

7. Conte-me um momento de dificuldade que você passou e conseguiu superar:

8. Dê-me um conselho para que eu seja bem sucedido na vida:

Orientações:
Preencha as linhas que tem os números de 11 a 20 com outras perguntas que você deseja fazer a essa pessoa e nas linhas seguintes as respostas para essas perguntas.

9. Conte-me como eu era quando um bebê?

10. Qual o seu principal passatempo hoje?

11.

12.

13.

14.

15.

16.

17.

18.

19.

20.

ANEXO I - Fichas de entrevista preenchida por aluno

ENTREVISTA

Uma das principais maneiras que temos para conhecer nossa família é conversar com nossos parentes. O ato de perguntar e ouvir se mostra uma experiência muito enriquecedora e mais ainda quando registramos essa conversa através de uma mídia - como gravadores de áudio ou vídeo ou ainda anotando esse relato - pois assim não mais esqueçamos esse relato.

Por esse motivo escolhi uma pessoa da minha família para fazer uma breve entrevista e deixo aqui anotado o resumo do que conversamos.

Data da nossa conversa: 24/05/22

Nome da pessoa com quem conversei: [Redacted]

Quando nasceu no dia: 11/09/1989 na seguinte cidade e estado: Para

Essa pessoa tem o seguinte grau de parentesco comigo: Mãe

As perguntas foram as seguintes:

1. De que você gostava de brincar quando tinha a minha idade?
Joguetes na rua

2. Fale como era a sua vida quando tinha a minha idade?
Estudo, obrigações e a vontade de brincar com meus amigos

3. Como era a escola quando você era mais jovem? Qual era a sua matéria preferida?
Ciências e Interdisciplinas mais, Ciências

4. Quais músicas você gostava de ouvir quando era adolescente?
Rock, Heavy Metal

5. Conte-me como você conheceu o seu cônjuge? (Esposa/esposo)
Não tenho

6. Conte-me uma história engraçada da sua infância?
Uma vez eu deixei meu celular no chão e não percebi que ele estava danificado e só quando fui limpá-lo percebi que estava sem lentes.

7. Conte-me um momento de dificuldade que você enfrentou e como conseguiu superá-lo?
Nunca fizem tantos trabalhos... quando eu tinha dois empregos e estudava faculdade e mesmo assim conseguia

8. Dê-me um conselho para que eu seja bem-sucedido na vida?
Cuide-se e dê o melhor de si.

9. Conte-me como eu era quando um bebê?
 Anos... em perguntas não foram feitas

10. Qual o seu principal passado tempo?
 Liberdade

11. qual preferido
 prato

12. como preferido
 mascarado

13. lugar que gosto
 gobernação

14. animal
 gato

15. Qual a ideia de me ter
 crianças em quando a criança faz que é mais de de - coisas - in - alguma

16. penso em ter mais filhos
 não

17. filme
 belo e o seu

18. não
 não não não

19. Trabalho
 mangito de maude

20. Qual escola entendo
 última escola prefero o lanche quente

John - Velho



ENTREVISTA

Uma das principais maneiras que temos para conhecer nossa família é conversando sobre ela com nossos familiares. O ato de perguntar e ouvir se mostra uma experiência muito enriquecedora e mais ainda quando registramos essa conversa através de uma mídia, como gravadores de áudio ou vídeo ou ainda anotando para que não mais esqueçamos esse relato.

Por esse motivo escolhi uma pessoa da minha família para fazer uma breve entrevista e deixo aqui anotado um pouco do que conversamos.

Data da nossa conversa: 20/02/2020

O nome da pessoa com quem conversei: Paulina

Ela nasceu no dia: 22/11/79, na seguinte cidade e estado: Caracatiás

Essa pessoa tem o seguinte grau de parentesco comigo: Mãe



Essas foram as perguntas que fiz:

- Do que você gostava de brincar quando tinha a minha idade?
Futebol
- Fale como era a sua vida quando tinha a minha idade?
estudando, brincando com as amigas em casa
- Como era a escola quando você era mais jovem? Qual era a sua matéria preferida?
Minha matéria na escola era apenas amassada para as alunas de todas as idades. Muito interessante. Certo muito de cuidado.
- Quais músicas você gostava de ouvir quando era jovem?
Música popular brasileira / MPB
- Conte-me como você conheceu o seu cônjuge? (Esposa/esposo)
Conheci minha esposa quando estava de férias passando com os amigos.
- Conte-me uma história engraçada do seu pai?
Um dia, quando sobrinha, meu irmão mais novo e eu, nascois, fui para a casa da cozinha. Ele, que quando ele chegou, ele trouxe a dele, ele estava ali, ele me viu que estava ali, ele ficou muito engraçado a reação dele.
- Conte-me um momento de dificuldade que você passou e conseguiu superar.
Um momento de dificuldade e tempo a falta de trabalho quando, fizemos, 1998, hoje, tenho meu trabalho.
- Dê-me um conselho para que eu seja bem sucedido na vida.
Ter fé em Deus e nas coisas que nos dão, não fazer desista.

9. Conte-me como eu era quando

pequena, como Tadeu e Lúcia, mas não era
Lúcia, ela era o nome da mãe

10. Qual o seu principal hobby?

Bancos com meu filho no clube

11. Você é filia?

Sim, muito

12. O que é ser filia pra você?

É isso que eu gosto estar bem no trabalho e
estar no lado de minha família

13. O que é família pra você?

São todos que estão presentes em sua
vida e que estão com você em todos os momentos

14. Qual o melhor dia da sua vida?

Quando meu filho nasceu

15. Qual sua prato favorito?

Costela

16. Qual personagem de desenho você gosta?

Loopy

17. Qual seu programa de TV?

Fantástico

18. Qual série ou nome de revista você?

Superman

19. O que faz você se sentir amada?

Quando minha mãe me abraça

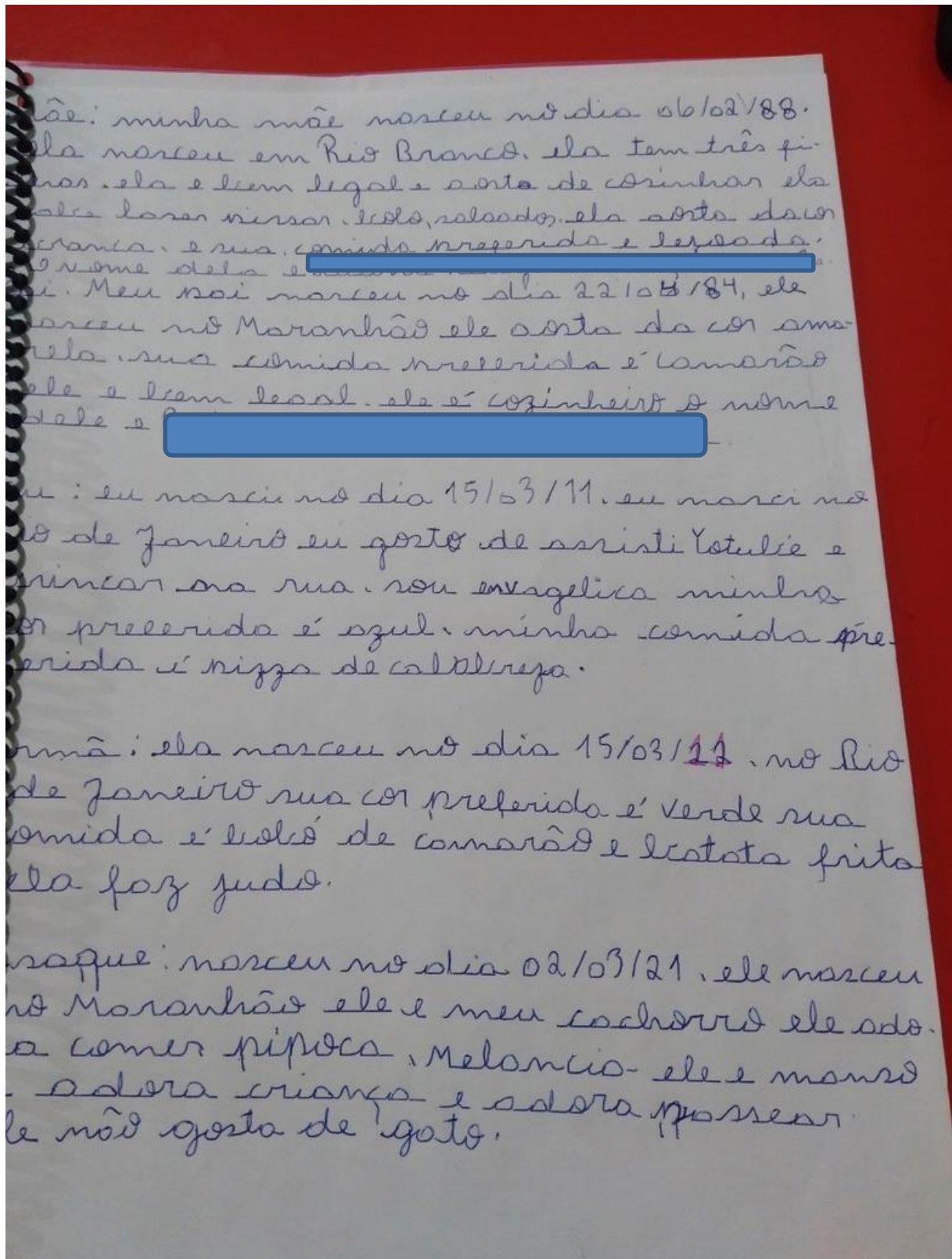
20. Como se sente quando eu abraço você?

Sente muita alegria no momento, quando eu abraço ela
me sinto muito feliz

Orinções:

Problema as linhas que tem os números
de 11 a 20 com outras perguntas que
você deve fazer a essa pessoa e ter
linhas seguintes as respostas para essas
perguntas.

ANEXO J – Textos da atividade “Escrevendo a minha História Familiar”



Minha mãe disse quando eu nasci eu era linda eu
 não me lembro de nada já que eu tinha acabado de nascer mais
 ela disse que eu chorava sem parar depois eu e minha família
 fomos pra casa depois eu dormi profundamente depois que acordei
 parece que comecei a chorar quando não vi ninguém depois de
 ouvir meu choro minha mãe veio correndo pra ver se eu estava
 bem foi se um susto ela achava que eu tinha me machucado
 mais eu estava bem depois ela me deu leite de pois eu estava
 satisfeito então eu voltei a dormir novamente depois quando
 acordei novamente minha mãe e eu saímos para uma praça
 ela tinha muitos brinquedos tipo: roda-de-roda, o-ancoara,
 balanço, esconde-esconde etc eu gostei depois disse fomos para
 casa já era de noite então fiquei acordado por 20
 minutos depois cai no sono quando foi 04:00 da manhã
 eu acordei chorando minha família ouviu o choro e
 veio correndo pra ver se eu estava bem e eu estava
 chorando porque não tinha ninguém perto de
 mim então a partir desse dia mim e eu não chorei
 mais. depois que acordei tomei café e estava bem
 muito bem

Es

Sobre minha família

Aí eu sou [redacted], a minha família é cheia de problemas e discussões, advogados, justiça, e briga de família e etc...

Mas nós se amamos muito, eu lembro que em 2021 morreu quase a metade da minha família, em mês morreu meu lera de Bragança e morreu minha lera daqui da cidade, e o cachorro da minha avó por parte de pai.

Agora vou falar sobre mim, meu nome todo é [redacted], eu nasci em 19/09/2011 em Ananideua, estado Pará, país Brasil, nome da minha mãe é [redacted] e do pai é Bruno Mator. Quando eu nasci minha mãe começou a trabalhar muito, depois ela largou o emprego de funcionária do líder (mercado) e agora ela é professora e o meu pai trabalha na Equatorial. Eu já fui para vários lugares como: Catalina, Mosqueiro, Sore e Bragança, eu amo filé de peixe com açaí, frango empanado, Batata frita, hot dog, hambúrgue, e arroz com galinha e também eu amo passear com minha cachorra Rutia.

Redação sobre a minha Família.

Minha família tem 9 pessoas e agora eu vou falar sobre cada uma delas começando pela meu pai, o nome completo do meu pai é [redacted], ele tem 38 anos e é um professor de Matemática do Fundamental 2, e toda vez que ele vem visitar eu e minha mãe, ele sempre compra sorvete e muito Bom eu sempre pego o sorvete de Flocos, o meu favorito. Bom agora eu vou falar da minha mãe, o nome dela é [redacted] ela mora aí, ela também é professora assim como o meu pai, e ela mais gosta de fazer e passear. Agora vou falar sobre a minha irmãzinha querida ainda, hoje em que estou fazendo esta redação ela tem 16 anos de idade, ela está no 2º ano do ensino médio, a matéria preferida é inglês, e acho pra ela e para mim como rápido o tempo de passar parece que ontem mesmo ela tinha a minha idade, daqui a 2 anos ela já será uma adulta, com seus 18 aninhos de idade, eu deixo que ent ela é a minha família. A já ia me esquecendo também tem a minha irmãzinha [redacted] ela ainda é bebê, tem 3 meses de idade, e sempre que eu falo com ela pela mãe, ela gosta muito de dormir e ela dorme muito muito mesmo.

Minha família.

Minha família é assim, minha mãe é inteligente, legal, humilde e trabalhadora, cuida muito bem de mim e de meus irmãos ora mim e a melhor mãe. Minha mãe é mais esperta que eu RSRs. Mas não é só isso tem muito mais, agora vou falar dos meus avós por parte de mãe. meu avô nunca deixa falta nada lá em casa mais as vezes ele irrita minha avó mais depois fica tudo bem. Mas apesar de tudo que acontece na minha família eu amo ela, minha avó é muito trabalhadora des lava a louça, vorte e patio, Ah! ela ama plantas e sempre procura tirar as pragas que fazem buracos nas plantas.

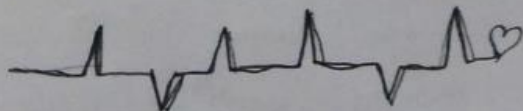
• Em família adoramos assistir novela e filme, mas minha mãe ainda muito ocupada com meu irmãozinho que tem apenas 7 meses.

• Agora o meu pai e os meus avós por parte de pai. eu e o meu pai não moramos na mesma casa mais ele é um pai ótimo e muito brincalhão ele gosta bastante de desenhar e dançar, eu amo ele.

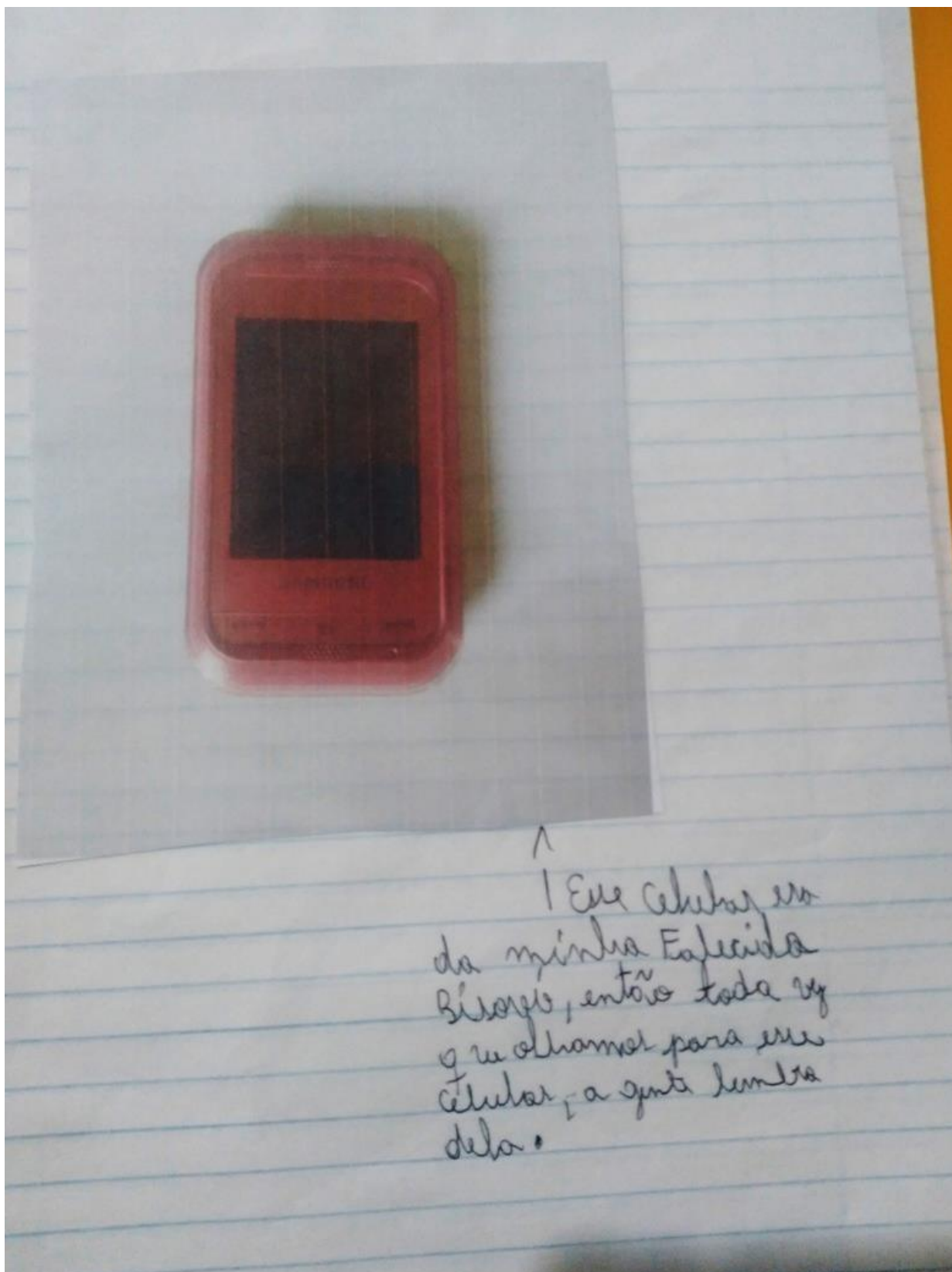
• Agora meus avós por parte de pai, minha avó é atreva, trabalhadora e amorosa, também é muito legal.

meu avô é bem ocupado e brincalhão RSRs Ah! e ele tem uma oficina vai bastante gente lá eu e os meus irmãos sempre ficamos mexendo no computador meu avô é super legal e bom de matemática.

bom era a minha family ♡



ANEXO K – Fotos de objetos escolhidos pelos alunos como fonte material de sua família.





Essa é uma garrafa de vidro antiga
Ela mede 50 cm, Era da minha bisavó
Paterna, foi transformada pela minha avó
em um vaso de mesa de centro
para decoração



Esse objeto passou a ser importante, para minha família porque foi usado por, meu irmão mais velho que hoje está com 30 anos, minha mãe guardou com muita carinho e quando eu mais foi usado por mim e agora está sendo usado por minha sobrinha filha do meu irmão que está com 3 anos.

Minha mãe tem muita carinho por esse objeto e orgulha de ter sido usado por todos nós, ela sempre guardou com muita cuidado e eu penso que um dia ainda vai ser usado por meu filho ou filha.

LEMBRANÇAS



É muito importante pra mim, pois foi meus primeiros sandálias de quando eu era bebê.



Este é o Hulk um presente que veio na
minha família a muitos anos, ele era
do meu pai, quando ele tinha 17 anos, meu
pai brincou muito com ele depois que eu
nasci ele deu pra mim, ele é um boneco
de colecionador e muito bonito e é o único
Hulk da minha coleção.

ANEXO L: LIVRO DA FAMÍLIA

